

**EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA**

**Estudo sobre uso de álcool e tabaco por professores de quatro escolas em  
Brasília: análise sob a ótica da (Bio)Ética das Virtudes**

Brasília-DF, 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA

EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA

**Estudo sobre uso de álcool e tabaco por professores de quatro escolas em  
Brasília: análise sob a ótica da (Bio)Ética das Virtudes**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Bioética pelo Programa de Pós-graduação em Bioética da Universidade de Brasília.

Linha de pesquisa: Fundamentos de Bioética e Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Sadi Monteiro

BRASÍLIA-DF

2017

EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA

**Estudo sobre uso de álcool e tabaco por professores de quatro escolas em  
Brasília: análise sob a ótica da (Bio)Ética das Virtudes**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Bioética pelo Programa de Pós-graduação em Bioética da Universidade de Brasília.

Linha de pesquisa: Fundamentos de Bioética e Saúde Pública.

Apresentada em 27 de outubro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Sadi Monteiro (Presidente)

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Gabriele Cornelli

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Volnei Garrafa

Universidade de Brasília

Prof. Dra. Regina Maria Dias Buani dos Santos

Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde

Prof. Dra Solange Baraldi (suplente)

Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Foi com grande satisfação que, depois de quinze anos, voltei a cursar a Academia. Sem a participação de pessoas especiais, isso não se tornaria possível.

Por isso, agradeço de coração...

ao meu esposo Celso Tavares e minha mãe Jeanete, que com muita paciência cuidaram de nossos anjinhos Ítalo e Laura durante as aulas deste curso;

ao incentivo do Prof. Dr. Pedro Sadi Monteiro, que abriu novamente as portas da UnB para o meu retorno;

ao amigo Prof M.Sc Miguel Ivân, que proporcionou meu encontro com o Prof Pedro Sadi e deu o “empurrão” inicial para uma nova caminhada;

aos professores do Programa de Pós-Graduação em Bioética, em especial aos professores Volnei Garrafa, Gabriele Cornelli, Natan Monsores e Ana Mirian WüA ensh, por terem tornado esses anos muito especiais;

aos professores de ensino médio que concordaram em responder à pesquisa;

ao professor Daniel Alves, pela correção da língua portuguesa deste trabalho;

e aos professores da equipe de Biologia do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Militar de Brasília, Therezinha Menezes, Sílvia Alix, Scheila Scherrer e Antônio Araújo Júnior, pela disposição em me substituir sempre que precisava.

Que Deus abençoe a todos vocês.

## RESUMO

O terceiro milênio está sendo marcado pelo uso de drogas, sendo que o consumo de drogas lícitas constitui um problema preocupante de ordem mundial. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o tabaco mata quase 6 milhões de pessoas/ano enquanto o álcool parece se relacionar direta ou parcialmente a 3,3 milhões de mortes de pessoas/ano. Os adolescentes constituem um público vulnerável, pois a adolescência é marcada por transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, experimentação de novos comportamentos e substâncias, como tabaco e álcool, o que leva muitos jovens a iniciarem maus hábitos antes dos 15 anos. Considerando que, além da família, o professor é a pessoa que mais passa tempo com o jovem, este trabalho teve o objetivo de verificar se o professor que possui algum vício (fumar ou beber) teria um comportamento igual ao docente que não possui esses vícios, ou dentre uma mesma população (de usuário ou de não usuários) se o fato de se considerar modelo ou não difere em seu comportamento para reduzir o interesse do jovem pela utilização dessas drogas. Foi elaborado um questionário semiestruturado, autoaplicável com perguntas relacionando hábitos de consumo de tabaco e álcool, o trabalho do professor em sala de aula e sua interação com alunos quando o assunto é saúde. Inicialmente, tendo como base a ética das virtudes de Aristóteles, Pellegrino e MacIntyre, os professores foram divididos em dois grupos de acordo com suas respostas à pergunta quanto ao que eles representam na vida do seu aluno. Os professores que responderam com as palavras “modelo”, “exemplo”, “referência” ou palavras cuja significação denotasse esse contexto foram classificados na categoria “SIM”; respostas com palavras de outras conotações foram classificados na categoria “NÃO”. Dos 137 professores pesquisados, 61 foram classificados na categoria “SIM” e 54 na categoria “NÃO” e 22 não opinaram, sendo classificados na categoria “NR”. Da amostra, encontramos 10 professores fumantes (7,3%), e 92 usuários de álcool (67,2%). Os resultados mostram que, dentro de sala de aula e na interação com seu aluno, professores das categorias “NÃO” tiveram um comportamento semelhante aos da categoria “SIM” e, fora de sala de aula, como no caso de beber e dirigir, aconteceu o inverso: professores da categoria “SIM” se assemelhavam aos da categoria “NÃO”. Concluímos que os professores podem ser levados a fumar/beber pelas condições e excesso de trabalho, mas sabem de sua responsabilidade e tentam desestimular o interesse dos alunos pelas drogas; mas fora da escola, o professor não tem essa preocupação.

**Palavras-chave:** tabaco; álcool; ética das virtudes; bioética.

## ABSTRACT

The third millennium is being marked by the use of drugs, in which the consumption of legal drugs has become a problem of world concern. According to data by the World Health Organization (WHO), tobacco kills almost 6,000,000 people every year while alcohol is related directly or partially of the death of 3,300,000 people every year. Adolescents constitute a vulnerable public, because they are marked by biological, social, cognitive and emotional transformations and experimentation of new behaviors and substances such as tobacco and alcohol, which leads many young people to start bad habits before 15 years old. Taking into consideration that, besides the family, the teacher is the one who spends longer with the youngsters, this research had the aim to check if the teacher who has any vices (smoking or drinking) would behave just like the teacher that does not have these vices, or, among the same population, (user or not users) if the fact of considering a model of virtues or not differs in their behavior to prevent the young from being interested in drugs. A semi-structured questionnaire was prepared, self-applicable with questions relating tobacco and alcohol consumption habits, their work in the classroom and their interaction with students when the subject is health. Initially, based on the Ethic of Virtues of Aristoteles, Pellegrino and MacIntyre, the teachers were divided into two groups according to their answer to the question of what they represent in their student's life. Teachers who answered with the words "model", "example", "reference" or words whose meaning implied that context were classified in category "YES"; answers with words of other connotations were classified as "NO". Of the 137 teachers surveyed, 61 were classified as "YES", 54 as "NO" and 22 did not reply, these were classified in category "NR". Of the sample, we found 10 smoker teachers (7.3%), and 92 users of alcohol (67.2%). The results show that within the classroom and in the interaction with their students, teachers of the categories "NO" had a similar behavior to the "YES" and out of the classroom, as in the case of drinking and driving, it happened otherwise: teachers for the "YES" are similar to the "NO". We conclude that teachers can be taken to smoke/drink by the conditions and overwork, but know their responsibility and try to discourage the interest of students for drugs; but outside of school, the teacher doesn't have that concern.

**Keywords:** tobacco; alcohol; ethic of virtues; bioethics.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Gráfico comparativo do efetivo de professores que ingerem e que não ingerem álcool por sexo, idade e turno trabalhado, em porcentagem.
- Figura 2 Gráfico comparativo por escola sobre a consideração do professor em ser ou não modelo de virtude para seu aluno.
- Figura 3 Comparativo de professores fumantes e não fumantes por escola e por consideração de ser ou não modelo de virtude.
- Figura 4 Comparativo de professores fumantes (A) e não fumantes (B) que já orientaram ou não alunos sobre o fumo por escola e por consideração de ser ou não modelo de virtude, em porcentagem
- Figura 5 Comparativo da distribuição dos professores que se consideram modelos ou não de virtudes nas oito categorias de respostas para a pergunta 28 do bloco de Tabaco, em porcentagem.
- Figura 6 Distribuição dos professores não fumantes de acordo com a consideração de serem ou não modelo de virtudes para seus alunos e a concordância ou não da eficácia das propagandas, em porcentagem.
- Figura 7 Comparativo dos professores por escola entre usuários e não usuários pelas categorias de ser ou não modelo de virtude, em porcentagem.
- Figura 8 Comparativo dos professores usuários de álcool que admitiram ou não ter dirigido após beber com o conhecimento ou não da legislação por consideração de ser ou não modelo de virtude, em porcentagem.
- Figura 9 Comparativo dos professores que se consideram modelo e que não se consideram modelo distribuídos nas sete categorias de respostas válidas para a pergunta 25 do bloco de álcool, em porcentagem.
- Figura 10 Comparativo dos professores que se consideram modelo e que não se consideram modelo distribuídos nas sete categorias de respostas válidas para a pergunta 28 do bloco de álcool, em porcentagem.

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 Perfil socioepidemiológico de professores em quatro escolas – Brasília-DF
- Tabela 2 Comparativo dos professores fumantes e que fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho
- Tabela 3 Comparativo dos professores não fumantes e que fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho
- Tabela 4 Comparativo dos professores não fumantes e que não fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho
- Tabela 5 Comparativo da conduta dos professores por escola
- Tabela 6 Comparativo dos professores que fazem uso de tabaco por escola no tema Hábitos de Consumo
- Tabela 7 Comparativo dos professores por escola no tema Tabaco e Escola
- Tabela 8 Comparativo das categorias de respostas à pergunta 28 do bloco Tabaco
- Tabela 9 Comparativo dos professores no tema Tabaco e Sociedade
- Tabela 10 Comparativo dos professores no tema Tabaco, Propaganda e Legislação
- Tabela 11 Comparativo dos professores que fazem uso de álcool por escola no tema Hábitos de Consumo
- Tabela 12 Comparativo dos professores no tema Álcool, Direção e Legislação
- Tabela 13 Comparativo dos professores por escola no tema Álcool e Trabalho.
- Tabela 14 Comparativo dos professores por escola no tema Álcool e Escola.
- Tabela 15 Comparativo das categorias de respostas à pergunta 25 do bloco Álcool
- Tabela 16 Comparativo das categorias de respostas à pergunta 28 do bloco Álcool

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

(em ordem alfabética)

Afubra – Associação dos Fumicultores do Brasil

AMS – Assembleia Mundial de Saúde

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CID - Classificação Internacional das Doenças

CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool

CQCT - Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco

DMS - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCA - Instituto Nacional de Câncer

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

LENAD - Levantamento Nacional de Álcool e Drogas

Mil – Militar

NR – Não responderam

OMS - Organização Mundial da Saúde

Part – Particular

PeNSE - Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar

PIB - Produto Interno Bruto

Pub – Público

SUS - Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VIGITEL - Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por  
Inquérito Telefônico

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	11
1.1 VISÃO MUNDIAL	11
1.2 CUSTOS PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE	14
1.3 USO DE TABACO E ÁLCOOL POR ESTUDANTES	15
1.4 USO DE TABACO E ÁLCOOL POR PROFESSORES	18
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	21
2.1 A ÉTICA E A EDUCAÇÃO	21
2.2 PROFESSOR: UMA PROFISSÃO ÉTICA	22
2.3 ÉTICA DAS VIRTUDES	24
2.4 A ÉTICA DAS VIRTUDES E SEU HISTÓRICO	25
2.5 A ÉTICA DAS VIRTUDES E SUA INTERFACE COM A BIOÉTICA	27
2.6 A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ARISTÓTELES	30
2.7 A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ALASDAIR MACINTYRE	32
2.8 POR QUE A ESCOLHA DA ÉTICA DAS VIRTUDES?	38
2.9 A HISTÓRIA DO TABACO	39
2.10 A HISTÓRIA DO ÁLCOOL	42
2.11 A LEGISLAÇÃO	43
2.11.1 Legislação sobre tabaco	43
2.11.2 Legislação sobre álcool	44
<b>3 OBJETIVOS</b>	46
3.1 OBJETIVOS GERAIS	46
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	46
<b>4 MÉTODO</b>	47
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	53
<b>6 CONCLUSÃO</b>	109
<b>7 REFERÊNCIAS</b>	112
<b>8 APÊNDICES</b>	118
<b>9 ANEXO</b>	152

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 VISÃO MUNDIAL

O início do terceiro milênio está sendo marcado pelo uso de drogas lícitas e ilícitas, constituindo um sério problema de saúde pública mundial. As drogas lícitas, tabaco e álcool, são as mais preocupantes, pois, apesar de prejudiciais à saúde, são de fácil acesso e comercializadas comumente em quase todo o mundo.

O tabaco, uma das maiores ameaças à saúde pública que o mundo enfrenta, mata quase 7 milhões de pessoas por ano. Dessas mortes, 5 milhões são de pessoas que são ou foram consumidoras de tabaco e mais de 600.000 mortes são de pessoas que não eram fumantes (incluindo 165.000 crianças), por exposição ao fumo passivo<sup>1</sup>.

O tabaco é responsável por cerca de 7% das mortes do sexo feminino e 12% das mortes masculinas globalmente. A cada seis segundos, morre aproximadamente uma pessoa por causa do tabaco, o que representa uma de cada 10 mortes de adultos. Essa cifra pode chegar a 8 milhões em 2030, a menos que sejam tomadas medidas urgentes para controlar a epidemia do tabaco. Quase 80% dos fumantes, mais de 1 bilhão que existem no mundo, vivem em países de renda baixa ou média, onde é maior a carga de morbidade e mortalidade associada ao tabaco<sup>2</sup>. No Brasil, um estudo realizado pela Vigitel (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico), em 2016, apurou que, de 2006 a 2016, a prevalência de fumantes na população caiu de 15,7% para 10,2%. Homens fumam mais do que mulheres em todas as faixas de escolaridade, indo de 17,5% para homens e 11,5% para mulheres com até oito anos de estudo e caindo para 9,1% dos homens e 5,1% das mulheres com mais de 12 anos de estudo. Por faixa etária, a prevalência é 7,4% entre jovens com menos de 25 anos e 7,7% entre idosos com mais de 65 anos. A faixa com mais fumantes, 13,5%, é a de adultos entre 55 e 64 anos<sup>3</sup>.

O tabaco é o único produto legal que causa a morte da metade de seus usuários regulares. Isso significa que, de 1,3 bilhão de fumantes no mundo, 650 milhões vão morrer prematuramente por causa do cigarro, sendo o tabagismo passivo a terceira maior causa de morte evitável no mundo, subsequente ao tabagismo ativo e ao consumo excessivo de álcool.

Os fumantes passivos são os que mais sofrem os efeitos imediatos da poluição tabagística ambiental, tais como irritação nos olhos, manifestações nasais, tosse, cefaleia, aumento de problemas alérgicos, principalmente das vias respiratórias e aumento dos problemas cardíacos, tendo um risco 23% maior de desenvolver doenças cardiovasculares e 30% mais chances de ter câncer de pulmão. Além disso, têm maior propensão à asma, redução da capacidade respiratória, 24% a mais de chances de infarto do miocárdio e maior risco de arteriosclerose.

A produção de fumo é uma atividade agrícola relevante no Brasil. De acordo com a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), a produção anual de todos os tipos de folhas de fumo foi de aproximadamente 737 mil toneladas na safra 2011/12<sup>4</sup>. Aproximadamente 96% da produção de fumo se dá nos estados do Sul - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Os 4% restantes são produzidos nos estados da Bahia e Alagoas, na região Nordeste. Estima-se que a produção de fumo seja a fonte de renda de aproximadamente 186 mil famílias nesses estados. Segundo dados do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco – SindiTabaco, o Brasil é o maior exportador de fumo do mundo e o segundo maior país produtor, perdendo somente para a China<sup>5</sup>. De janeiro a julho de 2013, a produção de cigarros (embalagens com vinte unidades) foi de 1.362.607.090 maços e 442.581.628 boxes<sup>6</sup>.

Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA), em uma pesquisa publicada no sítio da Aliança de Controle do Tabagismo, o tabaco é a segunda droga mais consumida entre os jovens, no Brasil e no mundo, sendo que noventa por cento dos fumantes iniciaram seu consumo antes dos 19 anos de idade, devido às facilidades e estímulos para obtenção do produto, entre eles o baixo custo, a curiosidade pelo produto estimulada pela imitação do comportamento de adultos que ainda fumam. Ainda segundo dados do INCA, em 2015, 256.216 mil brasileiros morreram precocemente devido às doenças causadas pelo tabagismo<sup>7</sup>. Mesmo com as políticas de controle do uso de tabaco implementadas no país, o tabagismo ainda é apontado como segundo fator de risco mais letal<sup>3</sup>.

A primeira droga lícita mais consumida é o álcool, tanto no Brasil quanto em nível mundial. Seu consumo é um dos fatores de risco de maior impacto para a morbidade, mortalidade e incapacidades e parece estar relacionado a 3,3 milhões de mortes a cada ano, perfazendo um total de 6% de mortes no mundo atribuídas total ou parcialmente ao álcool. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou em

2014 o Relatório Global sobre Álcool e Saúde, que traz informações sobre o consumo de álcool no mundo. Globalmente, estima-se que indivíduos com idade de 15 anos ou mais consumiram em torno de 6,2 litros de álcool em 2010 (equivalente a cerca de 13,5g por dia). Ainda segundo a OMS, o consumo total estimado no Brasil é equivalente a 8,7L por pessoa, quantidade superior à média mundial. Quando são considerados apenas os indivíduos que consomem álcool, essa média sobe para 15,1L de álcool por pessoa<sup>8</sup>.

O álcool é a única droga psicotrópica de efeito depressor que tem seu consumo permitido e até incentivado pela sociedade. Apesar de sua ampla aceitação social, resultado das inúmeras propagandas veiculadas, o consumo de bebida alcoólica, quando excessivo, passa a ser considerado um sério problema.

Com relação ao consumo de álcool pela população brasileira, a pesquisa da Vigitel demonstrou que, em 2016, no conjunto das 27 cidades pesquisadas, a frequência do consumo abusivo de bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa foi de 19,1%, sendo aproximadamente 2,3 vezes maior em homens (27,3%) do que em mulheres (12,1%). Em ambos os sexos, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas foi mais frequente entre os indivíduos de 19 a 34 anos e tendeu a diminuir com a idade a partir de 35 anos e a aumentar com o nível de escolaridade<sup>3</sup>. Ainda segundo dados da pesquisa, observou-se um aumento no consumo abusivo de bebida alcoólica entre 2006 (15,7%) e 2016 (19,1%)<sup>3</sup>.

Já o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD), realizado em 2012, estimou que 20% dos adultos bebedores consomem 56% de todo o álcool vendido no país. A maioria desse grupo é composta por homens jovens, com menos de 30 anos. Entre os bebedores, 16% consomem quantidades nocivas de álcool nas ocasiões em que bebem e dois em cada dez apresentaram critérios para abuso ou dependência – o que corresponde à realidade de 11,7 milhões de brasileiros. Ainda entre os bebedores, 32% afirmaram já não terem sido capazes de parar depois de começar a beber; 10% disseram que alguém já se machucou em consequência do seu consumo de álcool; 8% admitiram que a bebida já teve efeito prejudicial no trabalho e 9% admitiram prejuízo na família ou no relacionamento. Quase um terço dos homens jovens bebedores abusivos se envolveram em briga com agressão física no ano pesquisado. O levantamento também mostrou um índice mais elevado de depressão entre os que abusam de álcool: 41%. A média de depressão na população em geral é de 25%<sup>9</sup>.

## 1.2 CUSTOS PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Uma pesquisa divulgada pela Aliança de Controle do Tabagismo, em 2017, com dados de 2015, indica que o Brasil tem um prejuízo anual de R\$ 56,9 bilhões com o tabagismo. Desse total, R\$ 39,4 bilhões são gastos com despesas médicas e R\$ 17,5 bilhões com custos indiretos ligados à perda de produtividade, causada por incapacitação de trabalhadores ou morte prematura. A doença pulmonar obstrutiva crônica foi a enfermidade relacionada ao tabagismo que mais gerou gastos aos sistemas público e privado de saúde em 2015, totalizando R\$ 16 bilhões. Doenças cardíacas vêm em segundo lugar, com custo de R\$ 10,3 bilhões. Também entraram no levantamento o tabagismo passivo; cânceres diversos, entre os quais o de pulmão; acidente vascular cerebral e pneumonia<sup>7</sup>.

Em relação aos transtornos relacionados ao uso do álcool, estima-se que 5,6% dos brasileiros preencham critérios para abuso ou dependência, segundo relatório da OMS<sup>8</sup>. Além disso, a organização calcula que o consumo de álcool contribua com mais de 200 doenças ou lesões, como cirrose hepática e alguns tipos de câncer. Também torna as pessoas mais suscetíveis a doenças infecciosas, como HIV e tuberculose, e menos receptivas ao tratamento.

Segundo informações levantadas pelo site do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), a análise de estatísticas oficiais e pesquisas científicas estimou que o país perde 7,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em decorrência de problemas relacionados ao álcool. Considerando o PIB em R\$ 5,1 trilhões, o custo do uso abusivo de bebida alcoólica atingiu, em 2014, algo como R\$ 372 bilhões.

Ainda segundo o CISA, nos últimos quatro anos, o SUS contabilizou 313 mil internações por alcoolismo, ao custo anual de R\$ 249,3 milhões. Dos tratamentos em clínica geral, 20% são provocados pelo uso abusivo do álcool e 50% dos atendimentos masculinos em clínicas psiquiátricas têm ligações com o excesso de bebida. O número de auxílios-doença por alcoolismo lidera o ranking dos benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) atrelados ao uso de drogas, representando quase um terço do total de afastamentos do trabalho. De janeiro de 2009 a agosto de 2014, foram autorizados 75.139 auxílios para trabalhadores com dependência do álcool comprovada por perícia médica. No período, os gastos com as concessões chegaram a R\$ 40 milhões<sup>10</sup>.

### 1.3 USO DE TABACO E ÁLCOOL POR ESTUDANTES

A adolescência é reconhecida como a passagem da infância para a vida adulta, provocando importantes transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. Esse percurso é marcado por um aumento da autonomia e da independência em relação à família, bem como pela experimentação de novos comportamentos e vivências. Simultaneamente, verifica-se uma maior exposição a fatores de risco para a saúde, como uso de tabaco, consumo de álcool, alimentação inadequada e sedentarismo, conforme apontam o estudo feito por Campos, Schall e Nogueira<sup>11</sup> e o relatório *Health Behaviour in School-aged Children – HBSC*, da World Health Organization – WHO, realizado em 2013-2014<sup>12</sup>.

O consumo de álcool e tabaco tem várias similaridades: os dois são substâncias legais, amplamente disponíveis na maior parte do mundo e ambos são comercializados ativamente por empresas multinacionais que dirigem suas campanhas publicitárias para os jovens, visando adquirir novos consumidores para seus produtos. Numa sociedade que associa o festejo, o prazer e o convívio social ao uso de bebidas alcoólicas e ao tabaco, torna-se difícil demonstrar os riscos do consumo ou advertir para as consequências da sua utilização. De cada cinco jovens que experimentam fumar, três tornam-se fumantes regulares. Destes, estima-se que metade morrerão prematuramente devido às doenças decorrentes do uso do tabaco<sup>13</sup>.

Os adolescentes podem assumir atitudes moralizadoras e negativas em relação ao tabaco. Isso não os protege, no entanto, de vir a consumi-lo. De fato, à medida que o adolescente cresce, as influências sociais, em particular dos amigos, associadas a uma certa curiosidade, podem levar ao desejo de experimentar<sup>14</sup>.

O álcool pode alterar o desenvolvimento do cérebro nos adolescentes, influenciando o comportamento cognitivo, emocional e social<sup>15</sup> visto que o álcool está envolvido em mais de 60 diferentes causas de problemas de saúde<sup>16</sup>.

Além disso, o consumo excessivo de bebida alcoólica na adolescência está associado ao insucesso escolar, acidentes, violências e outros comportamentos de risco, como tabagismo, uso de drogas ilícitas e sexo desprotegido, sendo que o uso precoce do álcool está cada vez mais associado a problemas de saúde na idade adulta, além de aumentar significativamente o risco de se tornar consumidor em excesso ao longo da vida<sup>17</sup>.

Os jovens não têm a saúde como uma preocupação central e imediata nas suas vidas. Quando decidem experimentar, seja tabaco ou álcool, habitualmente, não estão conscientes do poder viciante dessas drogas. Há, portanto, que encontrar formas de discutir e trabalhar este assunto, numa perspectiva de aquisição de competências para a vida. A aprendizagem da capacidade de decidir, de forma responsável e autónoma, sabendo resistir às pressões sociais, é um objetivo fundamental necessário na educação das crianças e jovens<sup>14</sup>.

Crianças e adolescentes respondem de modo muito intenso ao ambiente em que vivem. E um dos principais ambientes, nessa época da vida, é a escola. Devido à vulnerabilidade dos jovens às drogas, a escola se tornou um dos principais ambientes da prevenção a essas substâncias. Nesse processo, o perfil educativo das escolas pode ser considerado como primeiro elemento de prevenção contra o uso de drogas entre os estudantes, visto que ela pode funcionar tanto como um fator de proteção como de risco<sup>18</sup>.

Nesse contexto, os professores desempenham papel determinante, pois crianças e jovens tendem a aprender mais com exemplos do que com palavras e, além da família, é a pessoa que mais passa tempo com eles. Se o professor for um exemplo no combate às drogas, poderá influenciar o jovem de forma positiva para que não se inicie no hábito de fumar e/ou beber, já que, segundo a OMS, a idade média de iniciação é de 15 anos.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou, em 2012, uma pesquisa sobre a saúde dos estudantes – a PeNSE (Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar) – com os estudantes do 9º ano do ensino fundamental. No Distrito Federal (DF), os dados revelaram que 23,8% dos alunos haviam experimentado cigarro alguma vez na vida e 6,3% dos estudantes haviam fumado pelo menos 1 dia nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. Em relação à dependência administrativa da escola, a frequência de experimentação foi maior entre os estudantes das escolas públicas (26,0%) do que das escolas privadas (17,4%)<sup>19</sup>.

A PeNSE de 2012 também avaliou o consumo da bebida alcoólica. No DF, 73,3% dos escolares já a haviam experimentado e 26,3% já haviam tomado uma dose de bebida alcoólica nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. Em relação à dependência administrativa da escola, a frequência de consumo foi maior entre os estudantes das escolas públicas (27,2%) do que das escolas privadas (23,2%).

Visando ampliar a cobertura de atuação, a PeNSE realizada em 2015 pesquisou os escolares de 13 anos a 17 anos de idade, o que inclui o final do Ensino Fundamental II (13 a 15 anos) e o Ensino Médio (16 a 17 anos). No que se refere à experimentação do cigarro, as duas faixas de idade analisadas têm um crescimento relativo de aproximadamente 53,0%. No grupo etário de 13 a 15 anos, a experimentação foi de 19,0%, chegando a pouco mais de 29,0% entre os escolares na faixa etária de 16 a 17 anos, sendo que 10,0% experimentaram cigarros antes dos 14 anos de idade, aproximadamente 8,0% consumiram cigarros pelo menos uma vez nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa, 53,0% estiveram em presença de pessoas que faziam uso de cigarros e em torno de 24,0% tinham pais fumantes. Quanto ao consumo de outros produtos do tabaco, pouco mais de 8,0% dos escolares de 16 a 17 anos de idade declararam fazer uso.

Na faixa de 16 a 17 anos, 73,0% dos escolares já haviam experimentado uma dose de bebida alcoólica. Nessa faixa etária, pouco mais de 21,0% dos escolares tomaram a primeira dose de bebida alcoólica com menos de 14 anos de idade e cerca de 60,0% possuíam amigos que consomem bebidas alcoólicas. O indicador de consumo atual de bebida alcoólica, considerando as duas faixas de idade analisadas, cresceu 56,5%, passando de pouco mais de 24,0% entre os escolares de 13 a 15 anos de idade para quase 38,0% no grupo etário de 16 a 17 anos. Em torno de 37,0% dos escolares de 16 a 17 anos de idade já sofreram com episódios de embriaguez e aproximadamente 12,0% deles tiveram problemas, com família ou amigos, porque haviam bebido<sup>20</sup>.

A partir da década de 1980, o Brasil é o país da América Latina que tem gerado mais dados sobre dependência, assim como padrões de uso de drogas e álcool em populações específicas<sup>21</sup>. Nos últimos anos, pesquisas epidemiológicas com adolescentes ocorridas no Brasil têm encontrado aumento significativo no uso e abuso de drogas psicoativas<sup>22</sup>, assim como vários estudos realizados em países desenvolvidos e em desenvolvimento têm mostrado o álcool e o tabaco como as principais substâncias psicoativas<sup>23</sup>.

A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, em seu artigo 8, prevê proteção a indivíduos em estado de vulnerabilidade: “indivíduos ou grupos de vulnerabilidade específica devem ser protegidos e a integridade individual de cada um deve ser respeitada”. Em análise do referido documento, poder-se-ia considerar crianças e adolescentes em fase escolar, em plena construção do caráter, como

vulneráveis sociais a essa influência negativa do uso das drogas lícitas, corroborando com os dados da OMS sobre a idade inicial de experimentação (15 anos).

#### 1.4 USO DE TABACO E ÁLCOOL POR PROFESSORES

Nas últimas décadas, os estudos epidemiológicos sobre o uso de drogas envolvendo estudantes das redes pública e privada no Brasil têm sido significativos para o conhecimento da amplitude do fenômeno quanto à prevalência e a fatores associados, subsidiando as políticas públicas de prevenção e tratamento<sup>24</sup>. Entretanto, pesquisas que abordam o uso de drogas pelos professores ainda são escassas na literatura.

Esta afirmação é ratificada em um estudo realizado em banco de dados por Canoletti<sup>25</sup>. Ele concluiu que, dos 928 estudos sobre prevenção de drogas, somente nove deles enfocavam professores e quase sempre simultaneamente com os estudantes das escolas em que eles trabalhavam.

Um estudo<sup>26</sup> realizado em Caruaru, Pernambuco, com professores do ensino médio apurou que 47,5% dos entrevistados, apesar de saberem dos riscos e consequências, já utilizaram drogas lícitas, sendo que 10% ainda faziam uso de tabaco e 60% de álcool e que 42% destes já exageraram no consumo. Dos professores que disseram já terem se embriagado, 6,7% sofreram algum tipo de acidente e 38,3% dirigiram depois de beber. O estudo constatou que a maioria (83,3%) dos professores já relatou ter presenciado seus alunos fazerem uso de drogas lícitas dentro ou fora da escola e 54,3% deles já relataram terem orientado os alunos com o objetivo de educá-los sobre o uso de drogas.

No entanto, segundo o estudo, esses mesmos professores que orientaram os alunos foram aqueles que consumiram bebida alcóolica até se embriagar, contradizendo a sua abordagem teórica com a prática. Ou seja, como se pode transformar a educação em sua base, se não se pratica a mesma?

Um exemplo de escola onde a teoria não se aplica à prática é a Escola Pública Secundária da cidade de Santiago de Querétaro, México, onde professores e alunos não reconheceram a escola como um fator de proteção às drogas, visto que os professores assumem que fumam nas dependências da escola e dizem que alguns professores até vêm trabalhar exalando odor de álcool, assim como os seus alunos contam que os professores fumam dentro de salas de aula e não vivem de acordo

com o exemplo que eles pregam verbalmente, uma vez que alguns deles oferecem orientação aos alunos sobre uso de drogas e fazem uso delas<sup>27</sup>. Professores são considerados formadores de opinião e detentores do saber, dessa forma conhecem os fatores de risco para as diversas doenças e as medidas de prevenção e promoção saúde, mas se contradizem no seu dia a dia.

Um estudo apresentado no V Congresso Paraense de Gastroenterologia apurou que o consumo regular de bebidas alcoólicas é uma prática comum entre os professores do Ensino Médio daquele estado, sendo que 56,57% dos 76 profissionais entrevistados eram usuários de álcool. Dentre os professores que consumiam álcool, 53,48% declararam consumo moderado; 39,53% disseram beber pouco enquanto 6,97% declararam beber muito. Considerando separadamente o universo dos professores das redes pública e privada, os números mudam um pouco. Na escola privada, o consumo de álcool é consideravelmente maior: 78% dos professores, enquanto que dos entrevistados da escola pública eram apenas 41%<sup>28</sup>.

O professor, apesar de desempenhar o papel de disseminador do conhecimento é um ser humano e, como todo ser humano, também pode possuir vícios. Professores que são dependentes de tabaco podem fumar na escola, nos horários vagos, em locais menos movimentados ou em locais abertos. Mesmo que fumem fora da vista dos alunos, o odor característico do tabaco se impregna nas vestimentas e nos cabelos dos docentes e acaba sendo levado à sala de aula. O aluno pode perceber o uso do tabaco pelo seu professor, podendo constituir um exemplo negativo a ser seguido pelo estudante, pois a teoria se contrapõe à prática e o professor, que deveria ser um exemplo do que é correto para o aluno, passa a ser um exemplo do incorreto e do evitável.

O professor, principalmente de ensino médio, querendo ou não, é visto como um modelo de referência pelo jovem e, como tal, seria desejável que fosse uma pessoa extremamente virtuosa: não bebesse, não fumasse, tivesse uma alimentação adequada, fizesse atividade física regularmente, fosse ponderado, justo e bem-disposto. Mas, na prática, professores são seres humanos. E como todo ser humano, possuem qualidades e também vícios que, em geral, são percebidos pelos alunos. Portanto, o papel do professor, como um exemplo contra o tabagismo ou o alcoolismo dentro de sala de aula, pode ir além do ato de não fumar e/ou beber<sup>29</sup>. É salutar que o aluno adquira conhecimento necessário para moldar seu caráter e se tornar um adulto não fumante ou não usuário de álcool, com potencial para

multiplicar todas as informações em casa e na comunidade. Nesse sentido, tem-se que o processo educativo se baseia em vertentes formais e informais e os professores devem estar conscientes de que o seu exemplo pessoal é importante. Ademais, se o professor é fumante ou vai trabalhar exalando um odor alcoólico, como é que ele poderá passar a informação com segurança de que consumo de tabaco e de bebidas alcoólicas são prejudiciais à saúde se ele próprio faz uso dessas substâncias e esse fato é percebido por seu aluno? Haverá conflitos éticos do profissional, envolvendo, possivelmente, a curiosidade dos alunos, de modo que o exemplo pode ser mais forte do que as palavras<sup>14</sup>.

Portanto, esse trabalho teve o propósito de avaliar a conduta de professores na transmissão de valores positivos aos seus alunos no tema saúde, embasado no conceito de Ética das Virtudes, uma das correntes da Bioética.

A Bioética pode ser entendida como uma ética aplicada cujo objetivo é tentar esclarecer conflitos e controvérsias morais concretos que surgem pela prática das ciências da vida, mas não se limitando somente a ela, incluindo também os temas éticos nas áreas da saúde, meio ambiente, sanitária e tecnológica.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A ÉTICA E A EDUCAÇÃO

O termo ética, segundo Vásquez<sup>30</sup>,

é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano. (...) A ética é a ciência da moral, isto é, de uma esfera do comportamento humano. (p. 23)

Já a educação pode ser entendida de duas maneiras diversas: inicialmente educação (*educare*) significa apenas instrução, acúmulo de informação, e não possui um princípio ético. É a educação técnica que objetiva unicamente a propagação quantitativa de informações. Em um segundo entendimento, educação (*educere*) significa a formação completa do ser humano, isto é, a construção de suas qualidades com uma fundamentação ética para a formação integral do ser humano, ou seja, significa o modelo exemplar de ser humano<sup>31</sup>. Com essa segunda forma de entender a educação, evidencia-se uma exigência ética, que é fazer com que o indivíduo que se educa (forma – constrói) se entenda enquanto membro de uma comunidade, que adquira uma responsabilidade solidária com a comunidade (com o outro homem) e com a natureza.

Em um contexto aristotélico, a ética abrange a conquista de bons hábitos, por meio do exemplo de outras pessoas na sociedade e na família, assim como da educação de modo geral, em estabelecer a virtude como um hábito, que só se fortalece na ação. Por não se tratar de assunto imutável, não seria um tema que poderia ser ensinado como um saber teórico mas, antes de tudo, uma relação de costumes a ser repetidamente praticada com as gerações mais jovens, com a intenção de que elas venham a conseguir a força moral extraída de três estratégias educativas essenciais: estímulo, exemplo e envolvimento, pois a finalidade aqui é instigar o aluno a integrar o hábito, tendo uma disposição natural para se decidir pelo respeito dos valores básicos e para fazê-lo com vontade e satisfação<sup>32</sup>. Sob essas estratégias, estaria firmado o compromisso do educador quanto à formação de valores, de crenças, de hábitos, do uso repetido de exemplos a serem seguidos por seus alunos.

Dos textos aristotélicos, é possível tirar a conclusão de que a educação ética ajuda a aperfeiçoar nas pessoas as características que as ajudam a se desenvolver como adultos capazes de viverem bem e de viverem a vida felizes. A Escola,

portanto, tem um papel social de desenvolver o cognitivo da criança e do adolescente de modo que ele aprenda a ser cidadão, aprenda a construir a vida e deve trabalhar a superioridade tanto intelectual quanto moral para uma melhor preparação do estudante para os desafios da sociedade contemporânea<sup>32</sup>.

## 2.2 PROFESSOR: UMA PROFISSÃO ÉTICA

A ética, pensada do ponto de vista do professor, demanda um comprometimento com a justiça social na formação das próximas gerações que serão herdeiras de um presente organizado em um passado cultural que não deve ser esquecido. Isso sugere que o papel do professor funciona como um direcionador do processo ensino aprendizagem, servindo de inspiração e modelo de referenciais sociomorais positivos, inspirando também confiança tanto para alunos e suas famílias como para a sociedade em geral. O comportamento social do professor, como figura pública, demanda uma postura de seriedade, moderação e equilíbrio em todos os campos da vida, mantendo-se longe de vícios, tão presentes em nossos dias, pois seus passos, atos e ações, sejam públicas ou particulares, têm repercussão social que se refletem na confiança que a sociedade lhe deposita<sup>33</sup>. É nessa perspectiva que o educador se sobressai no seu compromisso com a formação das gerações futuras.

O educador, como um difusor do conhecimento, deve aprimorar em seus alunos o aprendizado através de bons hábitos, simultaneamente com a teoria, preparando-os para os desafios do mundo moderno, ao mesmo tempo em que desenvolve a superioridade moral e educacional<sup>34</sup>.

Desse modo, dentro do contexto educacional, o papel dos professores é talvez o mais relevante de nossa realidade, pois é capaz de interferir no desenvolvimento da criança e do adolescente como ser integral, estimulando suas potencialidades cognitivas, afetivas, psicomotoras e sociais, criando condições propícias para o aluno se identificar e compreender o mundo em que vive e, assim, poder construir-se. O educando tem a oportunidade de construir seu papel como ser pensante, consciente, criador, livre e participante, ou seja, como transformador e construtor de sua própria realidade<sup>33</sup>.

Portanto, a profissão de professor é, por sua natureza, uma profissão ética, tendo o docente, quer queira ou não, uma responsabilidade pública, uma vez que

seu dever é educar os alunos para serem responsáveis por suas famílias, colegas, meio ambiente e bens coletivos<sup>35</sup>, transmitindo conhecimentos que contribuam para tornar seus alunos cidadãos autônomos e para que sejam capazes, mais tarde, de melhorar a sociedade em que vivem.

Nesse raciocínio, na obra *Pedagogia da Autonomia*<sup>36</sup>, de Paulo Freire, há uma proposta de prática educativa que avalia o compromisso e a responsabilidade do educador, que

Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (...) O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (p.16)

Então, para Paulo Freire, ensinar exige a incorporação das palavras pelo exemplo – na educação que ele chamou de transformadora e que tem sua atenção voltada para a responsabilidade social. A relação aluno/professor não pode ficar somente no discurso da sala de aula, mas as atitudes do professor, tanto dentro, quanto fora dela, devem ser entendidas e tomadas como exemplos. O professor que fala em democracia, por exemplo, não pode sufocar os pensamentos e as vivências de seus alunos, sob pena de o exemplo ser contrário ao seu discurso.

Ainda na visão de Paulo Freire, é impossível separar o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos, o que ele considera ser “outro saber indispensável à prática docente. O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos”, e que ele tem como preocupação central “procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo”.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feito” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (p.40)

### 2.3 ÉTICA DAS VIRTUDES

Na concepção de Vásquez, virtude (em grego *aretê* e em latim *virtus*, são equivalentes no significado: “qualidade excelente”) é a capacidade ou potência particular do homem e, em um sentido mais específico, é a capacidade ou potência moral. A virtude supõe uma disposição estável ou uniforme de comportar-se moralmente de maneira positiva, isto é, de querer o bem. O seu oposto é o vício (do latim *vitium*) como uma falha ou defeito, fazendo uma oposição às virtudes e podendo ser entendido também como uma disposição também uniforme e continuada de querer o mal<sup>30</sup>.

A virtude se relaciona de perto com o valor moral como disposição de agir em um sentido moralmente válido. Por isso, envolve dois atos: uma compreensão do valor em que se fundam as normas morais que guiam e orientam a realização do ato moral e uma força de vontade necessária (ou decisão) para superar os obstáculos que se interponham à sua realização<sup>30</sup>.

Ainda segundo Vásquez, um indivíduo não pode ser considerado virtuoso pela realização de um ato moral isolado e esporádico, por mais valioso que seja, assim como uma reação isolada e esporádica não pode ser determinante para a atribuição de um determinado traço de caráter. É por isso que Aristóteles falava que a “virtude é um hábito”, ou seja, um tipo de comportamento que se repete ou uma disposição adquirida e uniforme de agir de um modo determinado<sup>30</sup>.

Portanto, a realização da moral é o exercício constante e estável daquilo que está contido no caráter do indivíduo como uma disposição ou capacidade de fazer o bem, com atos cotidianos e repetidos que se originam de uma disposição permanente e estável. Então, uma pessoa virtuosa seria aquela que sempre está disposta e preparada para fazer o bem e para realizá-lo, atuando moralmente em um sentido válido e dando sua contribuição para a moralização da comunidade em que vive<sup>30</sup>.

Nesse sentido, a ética das virtudes pode ser conceituada como um tipo de teoria ética que privilegia as virtudes como definidoras do modo de como se deve agir, centralizando a reflexão no caráter do agente moral e não em ações isoladas ou normas, ou em fatores não racionais da motivação moral<sup>37</sup>.

## 2.4 A ÉTICA DAS VIRTUDES E SEU HISTÓRICO

Desde a Antiguidade já existia a preocupação com a educação do caráter. Neste tópico, abordaremos como a ética das virtudes vem sendo tratada ao longo do tempo e seus autores principais.

Na Grécia Antiga, Sócrates (470-399 a.C.) acreditava que a virtude era um saber, uma ciência que poderia ser ensinada, precisando apenas de um mestre.

Platão (428-348 a.C.) foi o primeiro a classificar algumas virtudes elementares em seus textos voltados à discussão ética e política<sup>38</sup>. Essas virtudes ficaram conhecidas como as quatro virtudes cardeais: sabedoria (ou prudência), justiça, coragem e temperança.

Platão acreditava que as virtudes permitiriam que o indivíduo lidasse corretamente com as vantagens materiais da nossa vida, isto é, fazer um bom uso delas. Para Stadler<sup>39</sup>, Platão passou por três fases distintas no entendimento das virtudes. A primeira fase está ligada à visão Socrática, tendo sido inspirada no princípio da razão, o que se encaminhava para o conhecimento da alma. Era preciso conhecer a alma, pois ela era o *locus* da virtude e do vício, seu oposto. Nessa fase, é o conhecimento que delimita todas as virtudes. Na segunda fase, Platão se distanciou da visão Socrática com a escrita de *A República* e ultrapassou a noção de que o todo da virtude é o conhecimento/saber, admitindo que as virtudes, embora façam parte do todo, são distintas entre si. Em *A República*, as virtudes seriam entendidas como uma unidade necessária para se harmonizar com as diferenças, já que todas as ações seriam voltadas ao próprio bem e ao bem de todos. A terceira fase se refere ao ensino das virtudes. Para Platão, não era possível ensinar as virtudes, exceto se aparecesse um sábio que conseguisse defini-las antes do ensinamento, o que, para ele, não existiu.

Aristóteles (384-323 a.C.) desenvolveu mais sistematicamente uma ética das virtudes e, para ele, a compreensão de ética tem mais a ver com o que faz a vida valer a pena ser vivida do que com a obediência à lei moral. Considerando-se que os seres humanos têm propósitos construídos em seu próprio modo de ser, a virtude é aquilo que nos ajuda a alcançar esses propósitos. Ou seja, o objetivo da virtude é ser feliz (no sentido específico que Aristóteles atribui a esse termo). Como mostra em *Ética a Nicômaco*, as virtudes podiam ser ensinadas, porém o ensino em si não era garantia para uma vida virtuosa. As virtudes devem ser associadas ao hábito,

como um produto deste. Portanto, Aristóteles já estabelecia uma relação direta entre ação virtuosa e aprendizado.

Ainda na Grécia Antiga, um grupo de filósofos chamado estoicos também discutiam sobre as virtudes, fundamentando sua visão na natureza e defendendo que o viver deveria adequar-se a ela, isto é, o bom (virtude) consistia na vida de acordo com a natureza; o vício correspondia ao mal. A virtude era o fim e bastava-se por si mesma<sup>40</sup>.

Com o advento do Cristianismo, os escritos de Aurélio Agostinho (354-430 d.C.), mais conhecido como Santo Agostinho, bispo, escritor, filósofo, teólogo e padre da Igreja Católica, deram um novo significado ao vago conceito de uma realidade de que devemos seguir a fim de vivermos bem a vida: Deus – o doador da Lei Moral segundo a tradição hebraica. O amor de Deus seria uma motivação e uma recompensa para se agir bem. Já São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) pregou que a graça de Deus concedia-nos as virtudes da fé, da esperança e da caridade, pelas quais poderíamos dirigir o nosso pensamento para coisas mais elevadas e fora deste mundo. Era nosso dever fazer a vontade de Deus e as virtudes seriam os estados de caráter que nos ajudariam a alcançar esse objetivo<sup>40</sup>.

Já nos anos do Iluminismo, David Hume (1711-1776) desvincula o conceito de virtude da religião e o aproxima ao da empatia, como uma emoção interpessoal importante e uma possível base para uma atitude virtuosa em relação aos outros. A empatia pelo outro tornaria a pessoa responsável por ele<sup>40</sup>.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) assumiu que a “vontade de poder” era a motivação básica que impulsionava os seres humanos, de forma que a auto realização seria um motivador das virtudes.

No século passado, Emmanuel Lévinas (1906-1995) desenvolveu a filosofia da ética da alteridade. O “face a face” era a experiência ética por excelência e fundava a possibilidade da universalização da razão no reconhecimento de si no rosto do outro. A visão do sofrimento no rosto do outro era que nos encaminhava para uma ética baseada na responsabilidade e na caridade.

Elizabeth Anscombe (1919-2001) foi a primeira a afirmar que a filosofia moral moderna estava falida e que deveríamos voltar à forma aristotélica de pensar<sup>41</sup>. Em 1958, Anscombe publicou um artigo intitulado *Modern Moral Philosophy*<sup>42</sup> sugerindo que a filosofia moral moderna estava errada porque se baseava na noção de uma lei sem legislador. Segundo Anscombe, conceitos como obrigação, dever e correção

moral estavam ligados a esta noção errada e defendia que deveríamos deixar de pensar nesses conceitos e retornar ao pensamento aristotélico, especialmente no que se referia à importância dada ao conceito de virtude, uma condição essencial para a obtenção da felicidade, pois esta consistia exatamente no exercício das virtudes. Para ela, a virtude só fazia sentido quando preenchia necessidades humanas.

Na sequência da publicação do artigo, houve uma retomada do interesse sobre a aquisição de uma ética baseada nas virtudes e não nos deveres ou na maximização do bem estar, o que se tornaria uma das grandes opções da filosofia moral contemporânea, mesmo estando em seus estágios iniciais<sup>41</sup>. Seguindo a linha traçada por Anscombe, Alasdair MacIntyre (1929- ) levantou a questão do pluralismo ético, ao afirmar que não existe apenas uma única tradição ética. Segundo ele, somos perfeccionistas nos esportes e nas artes, utilitaristas na vida diária, lockianos no respeito à propriedade e kantianos no respeito à autonomia e aos direitos humanos<sup>43</sup>. Além disso, para MacIntyre, o caráter é mais importante do que o cumprimento de deveres. Uma pessoa que é moralmente boa, com a adequada ordenação de desejos e motivos, tem uma maior possibilidade de entender o que se deve fazer, de atuar e de criar segundo os ideais morais. Portanto, propõe uma recuperação da ética aristotélica com algumas mudanças que a tornariam capaz de explicar a moralidade nos moldes modernos.

## 2.5 A ÉTICA DAS VIRTUDES E SUA INTERFACE COM A BIOÉTICA

Na Bioética, a Ética das Virtudes também está presente e tem grande influência, principalmente na relação médico-paciente.

No livro *Principles of Biomedical Ethics*<sup>44</sup>, os autores Tom Beauchamp (1939- ) e James Childress (1940- ) desenvolveram uma teoria de ética especialmente aplicada à ética biomédica. Essa teoria, conhecida por principialismo, foi tão amplamente aceita que foi utilizada como referência para a bioética em geral no início dos anos 1980. Hoje em sua sétima edição, os autores já consideram a ética médica como sinônimo de bioética (como consta na primeira linha do prefácio da sétima edição).

O principialismo sustenta quatro princípios básicos como normas de ação voltadas para a prática biomédica: respeito à autonomia, não-maleficência,

beneficência e justiça. Esses princípios, de caráter *prima facie*, são os guias gerais que permitem a formulação de regras e linhas de ação mais detalhada. As regras seriam generalizações normativas com conteúdo e alcance mais preciso que os princípios, estabelecendo o que deve ser feito em determinadas situações.

Os autores reconhecem a importância do caráter e das virtudes como uma complementação dos princípios, tanto que dedicam os capítulos 2 (*Moral Character*) e 9 (*Moral Theories*) ao tema, e defendem uma compatibilidade (não perfeita) entre os princípios, regras e linhas de ação com as virtudes (p. 381).

Beauchamp e Childress definem virtude como uma manifestação de caráter socialmente valorizada e profundamente associada aos motivos adequados, enquanto a virtude moral é definida como uma expressão moralmente valorizada baseada em razões morais. O modelo básico de uma pessoa moral é aquela pessoa que está disposta a ter bons motivos e desejos corretos simplesmente pelo seu caráter.

Para os autores, as virtudes, os ideais e as pretensões a uma excelência moral sustentam e realçam a orientação segundo os princípios, regras, obrigações e direitos. Os ideais superam as obrigações e os direitos e muitas virtudes predeterminam as pessoas para agirem de acordo com os princípios e as regras, de acordo com os seus ideais<sup>38</sup>.

Outro autor que defende a ética das virtudes dentro da bioética é o médico e bioeticista Edmund Pellegrino (1920-2013). As suas obras mais influentes no domínio da Bioética são *Humanism and the Physician* (University of Tennessee Press, 1979), *A Philosophical Basis of Medical Practice* (Oxford University Press, 1981), *For the Patient's Good: Toward the Restoration of Beneficence in Health Care* (Oxford University Press, 1988), *The Virtues in Medical Practice* (Oxford University Press, 1993), *The Cristian Virtues in Medical Practice* (Georgetown University Press, 1996) e *Helping and Healing: Religious Commitment in Health Care* (Georgetown University Press, 1997). À exceção do primeiro livro, todos os demais foram escritos em coautoria com o filósofo dominicano David Thoma (1939-2002) que foi seu principal colaborador por vinte e cinco anos<sup>45</sup>.

Pellegrino, que não esconde sua simpatia pelo pensamento aristotélico-tomista<sup>45</sup>, acredita que a conexão entre a ética das virtudes de Aristóteles e a medicina pode ser feita através da relação entre o bem que existe no homem e o bem resultante do seu trabalho. Essa relação acaba sendo relevante para o

profissional ser considerado uma boa pessoa e um bom médico. Na prática, um médico virtuoso deve demonstrar qualidades de caráter, como as virtudes morais (benevolência, honestidade, confiabilidade, fidelidade à promessa de cuidar bem do paciente, compaixão e humildade) e as virtudes intelectuais (competência técnica, habilidade, prudência e intuição)<sup>46</sup>.

Baseado nisso, Pellegrino defende que a sociedade atual precisa de mais médicos que sejam compassivos e instruídos, além de competentes, e que possam compreender como o seu trabalho se relaciona com a cultura de que fazem parte e que possam lidar com empatia com outros seres humanos em sofrimento<sup>47</sup>. É partidário do ensino formal da ética nos programas curriculares do curso de medicina, na medida que propiciem aos alunos fundamentos epistemológicos, encorajando sua reflexão crítica sobre os problemas relacionados com a prática clínica, contribuindo com a formação do seu caráter. Considera o ensino da ética e das virtudes médicas um dever, sendo responsabilidade das escolas médicas<sup>48</sup>.

Assim como Aristóteles acreditava que as virtudes poderiam ser ensinadas pelo exemplo, que se aprende virtude sendo virtuoso, Pellegrino também acredita que, na medicina, pode-se desenvolver o hábito da virtude agindo virtuosamente, ou seja, a disposição para agir bem é imprescindível em relação ao objetivo final da medicina, ou seja, o bem do paciente<sup>49</sup>.

Apesar da descrença de Platão quanto ao ensino das virtudes, Pellegrino acredita que traços de caráter podem ser e são ensinados pelo exemplo dos professores de clínica médica. Em suas palavras<sup>49</sup>

Já tivemos a experiência de sermos influenciados pelos nossos professores de clínica. Nós somos atraídos para eles em primeiro lugar porque admiramos suas habilidades profissionais. Podemos então absorver seus traços de caráter pessoal – a maneira como eles se aproximam de seus pacientes, respondem ao estresse ou enfrentam as crises. (...) Na medida em que amadurecemos tanto profissionalmente como moralmente, nós aceitamos, rejeitamos, justificamos ou modificamos as virtudes e os vícios de nossos professores. O fato é que a influência mais poderosa, atuando positiva ou negativamente, na conduta profissional de estudantes de medicina e residentes vem de seus professores de clínica. Mesmo que estejamos de acordo com o ceticismo de Platão ou com as garantias de Aristóteles sobre o ensino da virtude, nós somos moldados profissionalmente por nossos professores, nossas escolas e hospitais. Encontros de colegas de classe e de profissão estão invariavelmente repletos de reminiscências, boas e más, dos mentores de clínicas. Não podemos evitar de sermos ensinados com virtudes e vícios. A questão é como fazer isso da melhor maneira possível. (pag 11, em tradução livre)

Um dos maiores obstáculos para o ensino da ética nas escolas de medicina, na visão de Pellegrino, é a falta de bons exemplos entre os professores médicos, de

autênticos mentores. Atualmente, os profissionais estão deslumbrados pelas novas tecnologias, onde muitos deles abandonam o ensino personalizado dos fundamentos de clínica à cabeceira do paciente para darem maior importância aos procedimentos de diagnóstico laboratorial e por imagem, levando os estudantes a perderem oportunidades de aprenderem, pelo exemplo, a forma como os seus docentes interagem com os pacientes<sup>49</sup>.

## 2.6 A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ARISTÓTELES

Possivelmente, Aristóteles ainda é o nome mais importante para quem quer estudar ou escrever sobre ética. Suas obras mais importantes sobre ética são a *Ética Nicomaquéia* e *Ética Eudémia* e *Magna Moralia*, também conhecida como *Grande Moral* ou *Grandes Livros de Ética*.

O livro de Aristóteles analisado neste trabalho foi a *Ética a Nicômaco*<sup>50</sup>. Nesse livro, Aristóteles começa fazendo um questionamento sobre a finalidade da vida, que ele conclui que seja a busca pela felicidade e, para alcançarmos essa felicidade, é preciso viver racionalmente e viver racionalmente é viver segundo as virtudes. A felicidade, para Aristóteles, seria a vida boa e esta corresponderia à vida digna.

Aristóteles divide as virtudes em duas classes: as virtudes intelectuais (ou racionais) e as virtudes éticas (morais ou práticas).

As virtudes intelectuais são aquelas que operam na parte racional do homem, isto é, na razão, são geradas e crescem graças ao ensino, o que requer experiência e tempo. Já as virtudes éticas operam na parte irracional (animal) do homem e são adquiridas em resultado do hábito e do costume, sendo que nenhuma surge no ser humano apenas por natureza, pois nada do que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. Segundo Aristóteles, as virtudes são adquiridas pelo seu exercício através dos atos praticados, sendo necessário se atentar para a qualidade desses atos, pois é pela análise da natureza desses atos – isto é, como devemos praticá-los – que se determina a natureza dos estados de caráter que daí surgem.

Portanto, para Aristóteles, as virtudes são disposições de caráter, dizendo respeito às paixões e às ações em que, tanto o seu excesso, assim como a sua carência, são consideradas formas de erro, ao passo que o meio termo é uma forma de acerto digna de louvor. Assim, Aristóteles conclui que as virtudes são destruídas pela falta ou pelo excesso delas, sendo preservadas pela mediania (ou meio termo)

entre o excesso e a carência ou defeito. Sendo assim, a virtude é um equilíbrio entre dois extremos instáveis e igualmente prejudiciais. É importante ressaltar que a virtude não é somente o meio termo entre dois extremos, mas esse meio é a justa medida relativa a cada um de nós e que não é igual para todos.

O Estagirita, em determinado momento do seu discurso, relata que existe uma diferença entre os atos que criam uma boa disposição e aqueles atos daí resultantes. Portanto, não se pode dizer que um homem é virtuoso ou age virtuosamente se ele não cumprir o ato determinado<sup>50</sup>. Em primeiro lugar, deve-se conhecer o que faz e em seguida, escolhendo o ato e executando-o por sua livre vontade, como resultado de uma disposição permanente.

Então, Aristóteles conclui que a virtude não é dada ao homem instintivamente, mas é através da prática, do hábito, da educação que nos tornamos virtuosos. Não agirmos corretamente porque temos virtude, mas temos virtude porque agimos corretamente<sup>44</sup>. É na vida prática que observamos o problema moral e não fora dela, dessa forma seremos felizes agindo virtuosamente, isto é, agindo corretamente para alcançar o meio termo de ações extremas, conforme as leis morais e racionais.

Todos os homens possuem disposição de caráter e, portanto, ideias próprias sobre o que acreditam ser nobre e agradável. A diferença entre homens bons e outros homens está em perceber a verdade em cada classe de coisas, porque existe uma norma e uma medida que leva ao ato correto ao deliberarem sobre os meios.

Sendo, pois, o fim aquilo que desejamos, e o meio aquilo acerca do qual deliberamos e que escolhemos, as ações relativas ao meio devem concordar com a escolha e ser voluntárias. Ora, o exercício da virtude diz respeito aos meios. Por conseguinte, a virtude também está em nosso poder, do mesmo modo que o vício, pois quando depende de nós o agir, também depende o não agir, e vice-versa; de modo que quando temos o poder de agir quando isso é nobre, também temos o de não agir quando é vil; e se está em nosso poder o não agir quando isso é nobre, também está o agir quando isso é vil. Logo, depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mal, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos. (1113b 1-15 - tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim).

Já que o agir e o não agir é próprio do ser humano, é de nossa possibilidade sermos virtuosos ou sermos viciosos, pois a escolha é sobre os meios e o exercício da virtude também se relaciona com os meios. Portanto, Aristóteles compreende que somos responsáveis pelas nossas ações, somos a causa de nossas disposições morais ou de como vemos as coisas e somos responsáveis por nossos hábitos morais; cabendo unicamente a nós a excelência moral ou a deficiência moral, sendo

nós os autores de nossas próprias ações e sendo nossa tarefa a construção de nosso próprio caráter, de nosso próprio ser.

Após todas essas considerações, Aristóteles já compreendia o ensino educacional como uma virtude democrática a ser construída com base na disciplina e no hábito e responsável pela formação do caráter do aluno. A educação é um caminho para a vida pública e, considerada em sua integridade, deve abranger os vários campos do saber, tendo um enfoque sobre o desenvolvimento moral e cívico, além do aprimoramento dos valores internos<sup>34</sup>.

O aprendizado do ser integral transpõe o nível da educação teórica, necessitando desenvolver a consciência humana, cultivando as várias potencialidades racionais por meio da reflexão, do aprendizado e dos bons exemplos<sup>34</sup>, portanto, o que uma pessoa julga estar errado e se realmente o é, tomará para si tal decisão de não cometer/fazer aquele ato e, por meio do seu exemplo, poderá influenciar outras pessoas a não o fazerem também.

A superioridade moral e intelectual pode ser adquirida por meio da educação em uma vocação muito maior pelos exemplos oferecidos pela sociedade, amigos, familiares e professores.

## 2.7 A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ALASDAIR MACINTYRE

Alasdair MacIntyre, filósofo escocês, educado na Inglaterra e radicado nos Estados Unidos, revitalizou a discussão em teoria moral com sua defesa de uma retomada da ética aristotélica das virtudes. É considerado um dos autores atuais que escreve sobre ética de forma mais inteligente e informada, constituindo uma das vozes mais autorizadas e singulares neste tema, pois conseguiu comentar e continuar a filosofia de Aristóteles e Tomás de Aquino, construindo uma teoria ética singular e inovadora<sup>51</sup>.

As obras de MacIntyre analisadas neste trabalho foram *Depois da Virtude*<sup>52</sup> (tradução de 2001 do original *After Virtue*, de 1981) e *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues*<sup>53</sup> (1999).

Na obra *Depois da Virtude*, MacIntyre analisa que os seres humanos fazem parte de um contexto social onde realizam diversos tipos de ações que estão interligadas entre si, trazendo um resultado tanto para a comunidade em que vivem quanto para o sujeito em si. Portanto, suas ações têm que ter objetivos definidos

para que resultem em um desenvolvimento de habilidades, ocasionando um equilíbrio entre razão e desejo, visando a um reto fim. Para MacIntyre, a virtude “é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costumam nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens” (p. 321).

Analisando a sociedade contemporânea, MacIntyre a vê como uma sociedade liberal, submersa em um total estado de desorganização moral, consequência da falta de valores morais que poderiam nortear as ações de um indivíduo liberal. E por conta dessa desorganização moral, a educação do caráter é protelada e os indivíduos acabam associando os bens superiores da vida aos produtos externos das ocupações que realizam, como fama, poder e dinheiro<sup>54</sup>.

A moralidade, na era moderna, é marcada pela presença da teoria emotivista.

Emotivismo é a doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais *não passam de* expressões de preferência, expressões de sentimentos ou atitudes, na medida que são de caráter moral ou valorativo. (p.30)

Ao perceber esse estado de desorganização moral e a falta da compreensão de uma vida ordenada, MacIntyre, motivado pelo conceito da moralidade de Aristóteles, resgata o conceito de comunidade, de prática e de unidade narrativa da vida humana, engrandecendo uma tradição com seu conjunto nuclear de crenças que integram o bem humano, possibilitado por uma educação baseada nas virtudes<sup>54</sup>.

Como prática, MacIntyre a define como sendo

padrões de excelência e obediência a normas, bem como a aquisição de bens. Ingressar numa prática é aceitar a autoridade desses padrões e a inadequação do meu próprio desempenho ao ser julgado por eles. É sujeitar minhas próprias atitudes, preferência e gostos aos padrões que atual e parcialmente definem a prática. As práticas, naturalmente, como acabo de salientar, têm uma história: jogos, ciências e artes, todas têm histórias. Assim, os padrões propriamente ditos não são imunes a críticas, porém, não podemos nos iniciar numa prática sem aceitar a autoridade dos melhores padrões até o momento alcançados. (p.320)

A compreensão desse conceito de prática é imprescindível na teoria da moralidade de MacIntyre porque, segundo ele, os bens internos conseguidos nessas práticas contribuem para a vida comum no interior da comunidade, o que seria uma vantagem para todos os indivíduos, ao passo que os bens externos só seriam vantajosos para o indivíduo que os obteve. Essa definição mostra o quanto a tradição tem um papel fundamental na moralidade, porque uma tradição possui práticas que foram, são e serão transmitidas durante a história.

Uma tradição é, então, uma argumentação que se estende na história e é socialmente incorporada e é uma argumentação, em parte, exatamente sobre os bens que constituem tal tradição. Dentro da tradição, a procura dos bens atravessa gerações, às vezes muitas gerações. Portanto, a procura individual do próprio bem é, em geral e caracteristicamente, realizada dentro de um contexto definido pelas tradições das quais a vida do indivíduo faz parte, e isso é verdadeiro com relação aos bens internos, às práticas e também aos bens de uma única vida. (p. 373-374)

O sujeito moral está inserido em uma tradição, porque onde o sujeito reconhece ações realizadas anteriormente, ele pode agir de forma moral, adquirindo as virtudes necessárias para viver em comunidade, com valores definidos e fundamentados na experiência vivida por outros seres humanos, direcionando-se a partir de outras práticas já ocorridas e ordenando sua própria vida ética a partir de sua própria atitude, tentando alcançar um bem tanto para si como para a comunidade<sup>54</sup>.

Outro conceito abordado na moralidade de MacIntyre é narrativa de vida. Para o autor,

ser o sujeito de uma narrativa que vai do nascimento até a morte é, (...) ser responsável pelos atos e experiências que compõem uma vida narrável. Isto é, estar aberto para ser chamado a fornecer certo tipo de explicação do que fez ou o que testemunhou em algum momento da vida de alguém anterior ao momento da pergunta. (p. 365-366)

Nesse sentido, as virtudes são melhoradas no íntimo de uma tradição, buscadas e alcançadas pelas práticas e pelas atividades socialmente estabelecidas, sendo que cada indivíduo reconhece a si e também reconhece o outro como membro da mesma comunidade que compartilha determinados padrões de ordem social, política e legal. É dessa maneira que as virtudes podem ser aprimoradas e servir como parâmetro para uma educação moral capaz de fornecer às pessoas os motivos para agir de uma maneira e não de outra, de modo racional e justificado, sendo um exemplo para os demais. Uma educação moral nos termos da teoria das virtudes de MacIntyre deve educar as paixões, reconhecer os vícios e empenhar-se pela busca dos bens que conduzem à vida boa, à felicidade<sup>55</sup>.

O papel das virtudes, nessa situação, é o de garantir a superioridade na realização dos bens internos às práticas que são construídas historicamente. Sem as virtudes, as práticas tendem a se desgastar, perdendo-se e voltando-se aos bens externos, como poder, dinheiro e riquezas. As virtudes são precisamente aquelas virtudes de caráter e da inteligência necessárias para a aquisição dos bens necessários às práticas e para o suporte de nossa procura pela boa vida, de nossa comunidade e das tradições. É essa narrativa histórica, proporcionada por uma

compreensão do bem humano que confere unidade às nossas vidas, não de forma isolada, mas inserida em uma tradição social e intelectual da qual fazemos parte. As virtudes vão ter a função de fazer com que essa procura individual pela realização do bem último do ser humano não se desgaste, garantindo a sustentação da tradição da qual partimos, assim como fazer com que essa busca não perca sua dimensão histórica<sup>41</sup>.

Assim, a conclusão a que MacIntyre chega é que somente com a recuperação da tradição aristotélica das virtudes, mas com bases teóricas contemporâneas, é que a consistência à vida moral será devolvida e, conseqüentemente, afirmar a historicidade do agir humano sem implicar a afirmação de verdades atemporais e válidas absolutamente ou cair no campo do relativismo<sup>41</sup>.

Em sua obra *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues*, MacIntyre resgata a biologia metafísica de Aristóteles que ele havia desconsiderado anteriormente em *After Virtue* e abre um espaço maior para o tema das virtudes.

No livro, MacIntyre começa estabelecendo a diferença entre a razão prática dependente, comum aos homens e animais inteligentes, e a razão prática independente, própria apenas do homem. A passagem da razão prática dependente para a independente se dá progressivamente durante a fase da infância e a da adolescência devido à experiência acumulada, à aprendizagem, ao exemplo dos mais velhos e à transmissão das tradições (herança cultural). Desse modo, o homem é um animal capaz de superar seus limites por meio de uma evolução lenta que requer conhecimento e conquista das virtudes, principalmente por uma educação moral que exige o reconhecimento da dependência humana. É possível aprimorar os desejos e paixões do indivíduo humano com o objetivo de que este evolua e se torne um raciocinador prático (*a practical reasoner*, no original), para que seja ensinado a reconhecer os bens necessários para sua vida e, desse modo, agir de acordo com padrões racionais para alcançar tais bens. Segundo MacIntyre, essa transição se dá pela ajuda do grupo social no qual o indivíduo está inserido, tais como a família e a escola – principalmente na figura do professor –, e da passagem de sua condição infantil para que seja capaz de controlar seus desejos equivalendo-os aos ideais de bens que deseja alcançar. Ainda segundo o autor,

o progresso da criança em direção a uma condição na qual ela é capaz de controlar os seus desejos e avaliá-los é, então, um componente essencial de uma prolongada iniciação aos hábitos que são as virtudes. E os

professores da criança também precisam, de certa forma, possuir essas virtudes, caso queiram ser capazes de instruir a criança. Mas estaríamos cometendo um erro se inferíssemos disso que uma parte da educação da criança deve constituir uma área específica para a educação moral. Tal como as virtudes são exercidas em todas as nossas atividades, também são aprendidas em todas em todas as atividades, nos contextos da prática em que nós aprendemos com os outros a cumprir os nossos papéis e funções, primeiro como membros de uma família, depois, nas tarefas escolares, e depois como trabalhadores agrícolas, carpinteiros, professores, pescadores ou músicos. Assim, ser educado nas virtudes, juntamente com as competências relevantes, não é diferente de aprender a cumprir esses papéis e funções de uma forma correta. (p. 88-89, em tradução livre)

A passagem da condição infantil para a condição de agente moral só é possível pela obtenção das virtudes morais e intelectuais, pois uma instrução que permita às crianças reconhecer quais virtudes buscar e a importância delas em suas vidas são o que possibilita o surgimento do agente moral. Isso significa dizer que todos aqueles que instruem uma criança no aprendizado de certas habilidades – sejam pais, familiares ou professores – têm de ter exatamente uma medida considerável desses hábitos que tentam ensinar a ela, têm de possuir também tais virtudes. Ou seja, para que a criança se transforme em um adulto independente, tem que manter, durante muito tempo, as dependências físicas, intelectuais, afetivas e morais com os pais e professores. Se esses não forem capazes de aplicar as virtudes, dificilmente a criança pode se tornar um adulto eticamente independente e virtuoso. A presença e a orientação sempre constante dos pais e dos professores, capazes de aplicarem as virtudes, é o primeiro passo para fazer da criança um agente moralmente independente<sup>53</sup>.

As virtudes são primordiais para que uma pessoa, sendo membro de uma tradição e incorporado nas práticas de sua sociedade, possa se identificar como responsável pelos seus próprios atos, capaz de defendê-los e responsabilizar-se pelas consequências de suas ações<sup>55</sup>.

A consideração sobre as consequências dos atos, a criação de bons hábitos, através de um processo de direcionamento ético e o envolvimento comunitário abrem as portas para a lapidação do caráter e, conseqüentemente, para o desenvolvimento moral do indivíduo.

No currículo escolar brasileiro<sup>56</sup>, apesar de a ética ser considerada um dos temas mais trabalhados pelo pensamento filosófico contemporâneo, os valores éticos percorrem o currículo de outras disciplinas de forma transversal, sendo um tema presente no cotidiano de cada um e fazendo parte de um vocabulário

conhecido por todos. O professor, então, se torna, inicialmente, um referencial moral com sua linguagem, hábitos e exemplos para o desenvolvimento moral do aluno. Nessa perspectiva, segundo MacIntyre

sem o desenvolvimento de um certo nível de virtudes intelectuais e morais, não podemos atingir, nem continuar a exercer a razão prática; e sem ter desenvolvido algum nível de virtudes, não podemos educar e cuidar adequadamente dos outros no processo de aquisição e sustentação do exercício da razão prática. (p 97, em tradução livre)

A questão que se delimita é que nem sempre as pessoas de quem dependemos para nos criar (familiares) e educar (professores) têm as virtudes consideradas necessárias para o progresso e o aprimoramento da razão prática independente da criança/adolescente.

No capítulo 9, intitulado “*Social relationships, practical reasoning, common goods, and individual goods*”, MacIntyre apresenta uma inquietação quando percebe que existe “uma rede de relações sociais definidas pela reciprocidade na base da constituição do agente moral”. Ou seja, uma teia de vínculos de dar e receber que, de forma geral, define o que somos, as nossas aptidões e competências de raciocinar praticamente, da qual nossas virtudes dependem. E o modo como esses vínculos são estruturados definem, em parte considerável, a identidade de cada um de nós, nossas virtudes e vícios.

As ligações e os vínculos que construímos no relacionamento com nossos pais e com outros membros da família, com nossos professores, e com todos aqueles com quem aprendemos coisas na vida e no trabalho, daqueles que cuidam ou cuidaram de nós em momentos de doença ou fragilidade, nos amparando em nossas incapacidades e limitações; tudo isso, posteriormente, deverá ser retribuído, não obrigatoriamente às mesmas pessoas de quem nós recebemos esse amparo de atenção e cuidado, mas supostamente a um outro grupo de pessoas diferentes e, algumas vezes, de uma forma mais rigorosa do que aquela que recebemos.

Dessa forma, haverá sempre um descompasso entre o que damos e o que recebemos, pois não temos como verificar, por exemplo, se o que recebemos de nossos pais, por meio da educação e do cuidado, é compatível com o que nos é solicitado dar a eles na doença e/ou na velhice. Mais que isso, esse descompasso se estende ao fato de que nós nunca sabemos necessariamente a quem nós devemos retribuir aquilo que recebemos.

Segundo MacIntyre, há uma intrincada relação entre o cuidado e a educação que recebemos e o cuidado e atenção que devemos dar aos outros, pois o que devemos é determinado em função do que recebemos. As pessoas que não receberam um cuidado quando jovens e que, devido a isso, foram prejudicadas em seu desenvolvimento, sofreram limitações ou foram subtraídas em suas necessidades básicas, ainda que elas tenham se transformado em raciocinadores práticos independentes, não devem quase nada nesse relacionamento com os outros. Utilizando-se precisamente aquelas normas do “dar e receber” que estão na base das relações que formam e sustentam o raciocinador prático independente, fica evidente a certeza da reivindicação daqueles que receberam pouco ou receberam nada nessa relação com os outros. Os erros praticados contra eles é precisamente o que faz com que o resto de nós sejamos intimados a retribuir. Segundo MacIntyre, há duas origens básicas desses erros que prejudicam o desenvolvimento do raciocinador prático: imperfeições morais individuais, oriundas do caráter de alguém, e falhas sistemáticas do conjunto de relações sociais particulares no qual as relações de dar e receber se fixam. Essas origens de erros estão relacionadas entre si, já que relações sociais imperfeitas podem produzir um caráter defeituoso nas pessoas; e mesmo os melhores relacionamentos sociais não impossibilitam que alguém se desenvolva de forma errada, pois eles também são relativamente falíveis.

Desse modo, seguir regras faz parte de algumas virtudes. Sem regras, nossa atuação em alguns papéis no centro da rede de relações básicas de dar e receber seria impedido. Mesmo que uma lista de regras não possa dar conta de todos os tipos de ações que uma virtude particular exige, a falta de algumas virtudes importantes pode ser mostrada exatamente na falha em seguir regras.

## 2.8 POR QUE A ESCOLHA DA ÉTICA DAS VIRTUDES?

A Ética das Virtudes, compreendida nas visões de Aristóteles, MacIntyre, Pellegrino e Paulo Freire, pode ser expandida para todas as áreas da vida. Na relação professor-aluno, um professor que acredita em sua vocação de ensinar vai muito além dos conteúdos que podem ser ministrados em sala de aula e passa, pelo seu exemplo, atitudes e palavras, algumas virtudes que acabam sendo percebidas e incorporadas pelos seus alunos, mesmo que inconscientemente. No contexto pesquisado, sobre tabaco e álcool, o diálogo, a postura e o exemplo do professor

para com seu aluno pode influenciar a tomada de atitudes corretas para preservar a saúde do educando, levando-o para longe do vício. Adotado tal entendimento, a escolha da Ética das Virtudes, efetivamente, se impõe.

## 2.9 A HISTÓRIA DO TABACO

Segundo um histórico registrado no site da Aliança do Controle do Tabagismo<sup>57</sup>, o tabaco é uma planta originária dos Andes e tem sido utilizado nas Américas há milhares de anos (desde 1000 AC.), em várias formas e com propósitos culturais diferentes. Em algumas sociedades indígenas, faz parte de ritos religiosos e funciona como forma de exercer autoridade sobre a tribo. Nas sociedades modernas das Américas, o tabaco vem sendo utilizado como estimulante, causando uma melhora no rendimento e no prazer pessoal e social. A planta, chamada *Nicotiana tabacum*, chegou ao Brasil através da migração dos índios tupis-guaranis, sendo que o primeiro contato dos portugueses com a erva foi no seu desembarque em solo brasileiro. No século XVI, seu uso foi disseminado na Europa por Jean Nicot. As folhas dessa planta foram inicialmente utilizadas para fumo de cachimbo (séc. XVII), rapé, tabaco para mascar (séc. XVIII) e charuto (séc. XIX)<sup>58</sup>.

O charuto e o cigarro passaram a ser mais comuns a partir do século XIX. Sua popularidade entre os abastados simbolizava elevado *status* econômico-social. O cigarro, no entanto, teve sua expansão por ser mais econômico e mais cômodo de carregar e de usar, comparado ao charuto ou ao cachimbo. Paris foi invadida pelo cigarro em 1860. Nos Estados Unidos, houve verdadeira explosão na década de 1880, quando foi inventada uma máquina que produzia duzentas unidades de cigarros por minuto. Logo, surgiram outras que produziam centenas de milhões por dia. Entre 1904 e 1947, com as marcas populares de cigarros, as empresas americanas de tabaco cresceram tão ou mais rapidamente que as empresas de carros. A primeira grande expansão mundial foi após a Primeira Grande Guerra, de 1914 a 1918. Entretanto, a aceitação do cigarro foi praticamente no sexo masculino. Entre as mulheres, o consumo cresceu após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1950, com o desenvolvimento das técnicas de publicidade.

No Brasil, a produção de tabaco inicialmente ocupou áreas reduzidas e concentradas entre Salvador e Recife, no Recôncavo Baiano. Na primeira metade do século XVII, durante a ocupação holandesa em Pernambuco, o tabaco produzido

naquela Capitania ocupou papel importante na carteira comercial de produtos oferecidos pela Companhia das Índias Ocidentais. Com a expulsão dos holandeses, começaram a aparecer as primeiras legislações reguladoras da atividade produtiva. Em 1674, a criação da Junta de Administração do Tabaco garantiu o monopólio da metrópole, cujas determinações estabeleceram as regras para todas as colônias portuguesas.

No final do século XVII, uma legislação tentou regular o comércio a partir do controle das cargas transportadas devido às vastas extensões do território e à diversidade de áreas produtivas, fazendo surgir regulamentos e órgãos especiais como a Mesa de Inspeção do Tabaco. A partir desta data, a legislação enfim se estabilizou e vigorou até depois da Independência. O final da liberdade vigiada que Portugal impôs ao Brasil durante o período colonial deu grande impulso às lavouras de fumo. Tornou-se possível cultivar qualquer espécie, em qualquer lugar. Além disso, a possibilidade de comércio direto com países estrangeiros representou um grande incentivo. Nesta arrancada, que começa efetivamente a partir de 1850, as províncias que se destacavam eram Minas Gerais e Bahia, e, em decorrência da vinda dos imigrantes alemães, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>59</sup>.

No século XIX, enquanto a produção de fumo no Brasil se caracterizava pela desconcentração – ainda que com o predomínio da Bahia sobre as demais regiões –, no século XX a crescente concentração da produção na região sul foi a característica mais relevante. E foi no centro do Rio Grande do Sul, com a colonização alemã, que nasceu o núcleo que viria a ser atualmente “a capital do fumo”: Santa Cruz do Sul e sua microrregião. Em grande parte, o sucesso econômico-financeiro das empresas instaladas no país depende do chamado sistema integrado de produção de fumo, cujo propósito inicial era garantir a normalidade do abastecimento de matéria-prima para a fábrica de cigarros instalada no Rio de Janeiro.

Outro mecanismo do sistema integrado foi a assistência técnica oferecida pelas empresas em troca da promessa de venda integral da produção, com exclusividade. O produtor se comprometia primeiro moralmente, e, a partir de 1993, contratualmente. As indústrias tomaram o controle do processo produtivo à medida que mercantilizavam e se utilizavam de técnicas no conjunto da atividade produtiva, fazendo com que as relações de mercado se dessem no início do cultivo do tabaco e não apenas no momento da venda final.

O sistema integrado ganhou estabilidade também em função da definição antecipada dos preços mínimos a serem pagos aos produtores ao fim de cada safra. As empresas nacionais foram vencidas gradualmente pelas multinacionais, com apoio dos governos tanto do regime militar quanto dos governos civis, visando à abertura do mercado internacional ao fumo brasileiro. Durante a década de 1970, a intensa urbanização ocorrida no Brasil favoreceu o crescimento do mercado interno de cigarros em detrimento de outros derivados.

Nas décadas de 1980 e de 1990, a região sul tornou-se parte do cenário global do comércio de tabaco, concentrando 95% da produção brasileira de folhas. O Brasil assumiu a liderança mundial na exportação de tabaco e a vem mantendo desde 1993. De 1980 a 2003, a produção brasileira aumentou em 70%, assumindo a segunda posição em 2002, enquanto os Estados Unidos reduziram a sua em 50%, ficando em quarto lugar, logo atrás da Índia. O maior produtor continua sendo a China<sup>60</sup>.

Desde então, devido às diversas estratégias de “marketing” sofisticadas, promovidas pelas indústrias do tabaco para o aumento do consumo, a OMS considerou o tabagismo como uma doença transmissível pela publicidade<sup>61</sup> e veiculada por interesses econômicos, utilizando-se de estratégias de consumo que têm alta aceitação social, apesar dos efeitos deletérios amplamente conhecidos<sup>62</sup>.

Dessa forma, qualquer ação com o objetivo de combater o tabagismo deve ter variáveis sociais, políticas e econômicas, contribuindo tanto para que pessoas não comecem a fumar quanto as que se tornaram dependentes parem de fumar e se mantenham abstinentes<sup>63</sup>.

Em 1996, a 49ª Assembleia Mundial de Saúde (AMS) adotou uma resolução voltada para a elaboração do primeiro tratado internacional de saúde pública – a Convenção Quadro para Controle do Tabaco da OMS – que foi negociada por 192 países durante os anos de 1999 e 2003. Durante a 56ª AMS, realizada em 2003, o texto final da Convenção foi aprovado, entrando em vigor em fevereiro de 2005. Oito meses depois, a Convenção já contava com 168 assinaturas e 93 ratificações, sendo o tratado da ONU que mais rapidamente ganhou adesões e entrou em vigor<sup>63</sup>.

## 2.10 A HISTÓRIA DO ÁLCOOL

Foi durante o período Neolítico, na Pré-História, que se acredita que a bebida alcoólica teve origem, mais precisamente quando houve a aparição da agricultura e a invenção da cerâmica. Estima-se em 10.000 anos o tempo que o ser humano começou a consumir o álcool, a partir de um processo de fermentação natural e a atribuir diferentes significados ao seu uso<sup>64</sup>.

Os gregos e romanos também conheceram a fermentação do mel e da cevada e, sendo o solo e o clima, na Grécia e em Roma, especialmente ricos para o cultivo da uva, o vinho era a bebida mais difundida nos dois impérios tendo importância social, religiosa e medicamentosa<sup>65</sup>. Apesar de o vinho participar ativamente das celebrações sociais e religiosas greco-romanas, o abuso de álcool e a embriaguez alcoólica já eram severamente censurados pelos dois povos. No Egito, as etapas de fabricação, produção e comercialização da cerveja e do vinho foram amplamente documentadas em papiros. Eles também acreditavam que as bebidas fermentadas eliminavam os germes e parasitas e deveriam ser usadas como medicamentos, especialmente na luta contra os parasitas provenientes das águas do Nilo<sup>64</sup>. Durante a Idade Média, cresce a comercialização e a regulamentação do vinho e da cerveja. A Igreja passa a considerar a intoxicação alcoólica (bebedeira) como um pecado. Durante a Renascença, foram estipulados horários de funcionamento e fiscalização em cabarés e tabernas, locais considerados de livre manifestação, onde o uso de álcool participava dos debates políticos que, posteriormente, desencadeariam a Revolução Francesa<sup>64</sup>.

Foi durante o fim do século XVIII e o início da Revolução Industrial – período acompanhado de mudanças demográficas e de comportamentos sociais na Europa – que o uso excessivo de bebida passou a ser visto como uma doença ou desordem<sup>66</sup>.

Durante o século XX, países como a França passaram a estabelecer a maioria de 18 anos para o consumo de álcool. Em janeiro de 1920, os Estados Unidos decretaram a Lei Seca, que duraria quase 12 anos. Essa Lei proibiu a fabricação, venda, troca, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebida alcoólica, sendo considerada um desastre para a saúde pública e economia americanas<sup>67</sup>.

A primeira edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DMS-I), no ano de 1952, passou a tratar o alcoolismo como doença, mas somente

em 1967 esse conceito foi incorporado pela OMS à Classificação Internacional das Doenças (CID-8), a partir da 8ª Conferência Mundial de Saúde<sup>68</sup>. No CID-8, os problemas relacionados ao uso de álcool foram inseridos dentro de uma categoria mais ampla de transtornos de personalidade e de neuroses. Esses problemas foram divididos em três categorias: dependência, episódios de beber excessivo (abuso) e beber excessivo habitual. A dependência de álcool foi caracterizada pelo uso compulsivo de bebidas alcoólicas e pela manifestação de sintomas de abstinência após a cessação do uso de álcool<sup>69</sup>.

## 2.11 A LEGISLAÇÃO

### 2.11.1 Legislação sobre tabaco

A legislação brasileira para controle do tabaco é uma das mais fortes do mundo, mesmo sendo nosso país o maior exportador e o segundo maior produtor de tabaco. Exemplos de medidas amplamente eficazes para reduzir o consumo foram a proibição da publicidade de produtos de tabaco em TVs, rádios, revistas, jornais, Internet, outdoor – sendo permitida somente nos pontos de venda – assim como a proibição do patrocínio de tabaco em eventos esportivos e de artes, em vigor desde dezembro de 2000 (Lei 10.167/2000) e a circulação de embalagens de cigarros com imagens de advertência sobre as consequências do consumo de tabaco, desde 2001 com imagens mais agressivas a partir de 2008.

Mesmo que a propaganda fosse proibida, o consumo dos produtos de tabaco ainda continuava estável, pois a visualização de outras pessoas fumando fazia com que a imagem do cigarro ainda continuasse popular.

Em 15 de dezembro de 2011, entrou em vigor a Lei 12.546 que proíbia o fumo em recinto coletivo fechado, privado ou público, tornando inexistentes os antigos “fumódromos”, salvaguardando a saúde das pessoas não fumantes de se tornarem fumantes passivos.

Essas leis representam um importante progresso na política nacional de controle do tabagismo, tendo em vista assegurar a proteção à população brasileira contra os prejuízos à saúde resultantes da exposição à fumaça ambiental do tabaco, em especial às pessoas que trabalham em restaurantes, boates e outros estabelecimentos comerciais, os quais eram submetidos às mais de 4.700

substâncias tóxicas decorrentes da inalação passiva da fumaça do cigarro durante toda jornada de trabalho.

Em dezembro de 2014, a nova regulamentação proibiu a propaganda de cigarros nos pontos de venda, onde manteriam mensagens de advertências sobre os malefícios do cigarro, ocupando cerca de 20% do espaço visível ao público. A embalagem do maço de cigarros também sofreu mudanças, possuindo mais espaço para advertências aos fumantes, tanto na face posterior quanto na lateral. A partir de 2016, a parte frontal da embalagem também teve 30% de seus espaços reservados a mensagens alertando sobre os problemas relacionados ao fumo.

Com essas medidas, o Brasil dá cumprimento ao artigo 8º da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), que determina que os países adotem medidas para proteger a população dos riscos do tabagismo passivo em ambientes públicos, locais de trabalho e meios de transporte.

### **2.11.2 Legislação sobre álcool**

Em 2008, o Código de Trânsito Brasileiro foi alterado por meio da Lei nº 11.705, de 23/9/1997 (conhecida como Lei Seca), com o objetivo de introduzir a alcoolemia zero e que estabelece penalidades mais severas para o condutor que dirigir sob a influência do álcool. Além disso, também foi proibida a venda e o oferecimento de bebidas alcoólicas para o consumo no local em rodovias federais e terrenos com acesso a rodovias.

Em 2012, a Lei Seca tornou-se mais rigorosa com o aumento das possibilidades de provas da infração de dirigir sob a influência do álcool, como o teste de etilômetro (conhecido popularmente como “bafômetro”), exames de sangue/laboratorial ou qualquer constatação pela autoridade de trânsito de conjunto de sinais que indiquem alteração da capacidade psicomotora. Foram admitidas, também, provas testemunhais, por imagem, vídeo ou quaisquer outras formas de prova admitidas em direito.

O II LENAD constatou que a Lei seca vem surtindo efeito. De forma geral, houve queda de 21% na proporção de indivíduos que relatam ter dirigido após o consumo de álcool no ano pesquisado. Apesar de a população estar respondendo à legislação, o índice de pessoas que ainda bebem e depois dirigem ainda é alto, aproximadamente de 21%<sup>9</sup>. No Distrito Federal, entre janeiro e maio de 2016, 49%

dos 844 motoristas presos em flagrante por dirigirem alcoolizados eram reincidentes, de acordo com dados da Polícia Civil. Nesse período, 130 condutores que causaram acidentes fatais foram indiciados por homicídio culposo e um, por dolo eventual<sup>70</sup>.

O Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção de Álcool e outras drogas, lançado pelo governo federal em 2009, incluiu esses serviços na rede de atendimento do SUS. A assistência foi ampliada ainda com a portaria 3088, de 23/12/2011, que permitiu o acesso à rede de atenção psicossocial para usuários de álcool e outras drogas.

A lei 13.106, de março de 2015, tornou crime a oferta de bebidas alcoólicas para menores de idade, o que antes configurava apenas contravenção penal<sup>10</sup>.

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1 OBJETIVO GERAL:

Determinar como professores fumantes/usuários de álcool transmitem valores positivos a seus alunos a respeito desse tema em saúde.

#### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer como o professor avalia sua profissão docente no sentido de ser (ou não) um exemplo de bons hábitos/virtudes aos seus alunos;
- Conhecer se o professor se considera como um modelo de virtude para seus alunos;
- Conhecer o perfil epidemiológico-social dos professores;
- Identificar os aspectos bioéticos envolvidos, tais como autonomia, beneficência, virtudes, responsabilidade com as gerações futuras, no discurso de professores fumantes ou usuários de álcool quando interagem com seus alunos no sentido de preveni-los quanto aos malefícios de se iniciarem no hábito de fumar e/ou beber.

## **4 MÉTODO**

### **Tipo de estudo**

A metodologia de estudo empregada foi do tipo descritivo, exploratório, quantiquantitativo<sup>71</sup>.

### **Local do estudo**

O local do estudo foi o Plano Piloto, na cidade de Brasília e compreendeu quatro tipos de instituições de ensino médio: pública com disciplina militar, pública convencional, particular de caráter laico e particular de orientação religiosa.

### **Amostra**

Foram distribuídos 50 questionários para cada escola. Destes, foram devolvidos 50 da escola militar, 41 da escola pública, 30 da escola particular e 16 da escola religiosa. Os questionários das escolas particular e religiosa foram analisados juntos, sob a denominação de “particular”.

No total, foram analisados 137 questionários, divididos em 3 categorias de escolas: militar (50), pública (41) e particular (46).

### **Fonte da coleta dos dados**

Os professores foram convidados a participar do estudo e informados sobre a natureza, os objetivos, a metodologia, os riscos e os benefícios decorrentes da participação, assim como o anonimato e sigilo dos dados obtidos. Após o aceite dos participantes por meio de entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), procedeu-se à aplicação do questionário semiestruturado autoaplicável, ocorrendo nas dependências da própria instituição de ensino e de acordo com a disponibilidade de tempo dos participantes.

### **Coleta dos dados**

O questionário aplicado foi do tipo semiestruturado autoaplicável, dividido em quatro blocos (Apêndice B):

- 1) 1º Bloco: Perfil do professor:

Nesse bloco foram perguntados dados referentes à idade, sexo, situação conjugal, quantidade de filhos, regime de trabalho, carga horária média semanal, área de atuação e tempo de magistério, número de empregos e turnos trabalhados, escolaridade e se possui religião;

2) 2º Bloco: Percepção da atuação da função docente pelo professor (com questões objetivas e subjetivas)

As questões objetivas tiveram o padrão de resposta concordo/discordo para uma afirmação e possuíam campo facultativo para comentários:

- Afirmação 1: Como professor, colaboro para a formação da moralidade de estudantes por meio de ensinamentos e exemplos na convivência escolar;
- Afirmação 2: A figura do professor serve de inspiração ou de modelo para a formação do caráter dos alunos;
- Afirmação 3: Justamente pela função de ensinar os mais novos, é necessário que a conduta do professor seja moralmente exemplar (entendida aqui como respeitosa, honesta, responsável, justa, ilibada, etc);
- Afirmação 4: Sou feliz exercendo a profissão de professor;
- Afirmação 5: Ao professor cabe ensinar somente o conteúdo, pois o ensino de valores cabe à família do aluno;

Questão aberta:

- Questão 6: Como professor, comente o que você acha que você realmente representa para a vida de seu aluno.

3) 3º Bloco: Tabaco (com questões objetivas e subjetivas)

As perguntas utilizadas foram uma modificação do teste de dependência à nicotina de Fagerström (FTND), tiveram o padrão de resposta sim/não e possuíam campo facultativo para comentários:

- Pergunta 1: Você fuma? (professores fumantes continuam a responder na sequência e não fumantes seguem para a pergunta 17)
  - a) Para professores usuários de tabaco:
    - Pergunta 2: Qual idade que fumou pela primeira vez?
    - Pergunta 3: Estava acompanhado ou não?

- Pergunta 4: Qual o motivo que o levou a fumar?
- Pergunta 5: Você estava consciente que o cigarro faz mal à saúde quando começou a fumar?
- Pergunta 6: Você já tentou parar de fumar?
- Pergunta 7: Quantos cigarros você fuma por dia?
- Pergunta 8: Você acha difícil fumar em lugares proibidos?
- Pergunta 9: Você fuma mesmo doente?
- Pergunta 10: Você já precisou tirar licença para tratamento de saúde pelo uso do cigarro?
- Pergunta 11: Você fuma logo antes de entrar em sala de aula?
- Pergunta 12: Algum aluno já percebeu o odor de cigarro em você?
- Pergunta 13: Já aconteceu de algum aluno perceber que você fuma ou fumou e fazer perguntas relacionadas com tabaco e saúde?
- Pergunta 14: Você se sente discriminado e/ou estigmatizado por ser fumante?
- Pergunta 15: Você já foi discriminado e/ou estigmatizado por ser fumante?
- Pergunta 16: Você fica constrangido ou incomodado quando o colégio promove campanhas contra o tabagismo?

b) Para professores usuários e não usuários de tabaco:

- Pergunta 17: Você já presenciou algum aluno fumando na escola?
- Pergunta 18: Você já orientou algum aluno com objetivo de esclarecê-lo sobre o fumo?
- Pergunta 19: Você se incomoda com pessoas fumando próximo ou em locais públicos?
- Pergunta 20: Você se incomoda com a fumaça do cigarro quando fumam próximo a você?
- Pergunta 21: Você se incomoda com o cheiro que a pessoa exala quando acabou de fumar?
- Pergunta 22: Você se incomoda/importa com os resíduos do cigarro jogados no chão ou em locais públicos?
- Pergunta 23: Você convive diariamente com um ou mais fumantes?

- Pergunta 24: Você prende a respiração quando passa por um fumante?
- Pergunta 25: Você acredita que as propagandas contra o tabagismo são eficazes em influenciar os jovens a não fumar?
- Pergunta 26: Você concorda que haja essas propagandas contra o tabagismo?
- Pergunta 27: Você é a favor da lei que proíbe o fumo em lugares fechados?

Questão subjetiva:

- Pergunta 28: Na opinião do professor, o que se poderia fazer para evitar/minimizar os professores fumarem na escola.

#### 4) 4º Bloco: Uso de álcool (com perguntas objetivas e subjetivas).

As perguntas foram uma modificação do “alcohol use disorder identification test” (AUDIT), tiveram o padrão de resposta sim/não e possuíram campo facultativo para comentários:

- Pergunta 1: Você conhece ao males que a bebida alcoólica causa no organismo?
- Pergunta 2: Qual a frequência de consumo de bebidas alcoólicas? (professores usuários de álcool continuam a responder na sequência e não usuários seguem para a pergunta 22)

##### a) Para professores usuários de álcool:

- Pergunta 3: Qual o tipo de bebida costuma beber?
- Pergunta 4: Toma mais de um tipo de bebida em uma mesma ocasião?
- Pergunta 5: Já aconteceu de não conseguir parar de beber depois de começar?
- Pergunta 6: Já aconteceu de não conseguir fazer alguma coisa que normalmente faria depois de beber?
- Pergunta 7: Já aconteceu de precisar beber pela manhã para se sentir melhor depois de ter bebido muito no dia ou na noite anterior?
- Pergunta 8: Já aconteceu de se sentir culpado ou com remorso depois de ter bebido?

- Pergunta 9: Já aconteceu de não ser capaz de se lembrar do que aconteceu depois de ter bebido?
- Pergunta 10: Já aconteceu de se ferir ou magoar alguém por causa da bebida?
- Pergunta 11: Já aconteceu de alguém ficar preocupado com sua forma de beber e sugerir que diminuísse?
- Pergunta 12: Já aconteceu de brigar com alguém depois de beber?
- Pergunta 13: Já aconteceu de sofrer algum tipo de acidente depois de beber?
- Pergunta 14: Já aconteceu de dirigir após beber?
- Pergunta 15: Já aconteceu de faltar ao trabalho depois de beber muito no dia anterior?
- Pergunta 16: Já veio trabalhar com ressaca?
- Pergunta 17: Algum colega reclamou de você ter bebido?
- Pergunta 18: Você precisou tirar licença para tratamento de saúde própria por doenças relacionadas à ingestão de bebidas alcólicas?
- Pergunta 19: Você já pensou se poderia aproveitar a vida se não bebesse?
- Pergunta 20: Você já tentou parar de beber?
- Pergunta 21: Algum aluno percebeu que você bebe ou bebeu e fazer perguntas relacionadas com a ingestão de álcool e saúde?

b) Para professores usuários e não usuários de álcool:

- Pergunta 22: Você já presenciou algum aluno utilizando álcool na escola?
- Pergunta 23: Você já orientou algum aluno com objetivo de esclarecê-lo sobre o uso de álcool?
- Pergunta 24: Já aconteceu de algum colega de trabalho ficar perto de você exalando cheiro de álcool?
- Pergunta 26: Você se sente constrangido ou incomodado quando o colégio promove campanhas contra o alcoolismo?
- Pergunta 27: Você conhece a legislação que aborda o uso de álcool?

Questões subjetivas:

- Pergunta 25: Como você responderia a um aluno que faz perguntas sobre ingestão de álcool e saúde?
- Pergunta 28: Como você poderia contribuir para a formação das virtudes intelectuais e morais dos alunos a respeito do tema drogas (lícitas e ilícitas)?

### **Critério de inclusão**

Como critérios de inclusão, foram considerados aptos a participar do estudo professores efetivos das instituições de ensino selecionadas.

### **Critérios de exclusão**

Foram excluídos do estudo professores não efetivos, bem como aqueles que se recusaram a participar da pesquisa.

### **Análise dos dados**

- 1) Quantitativos – Os resultados foram analisados com a utilização do software SPSS.
- 2) Qualitativos – A verificação dos dados foi realizada com a utilização da análise do conteúdo<sup>72</sup>.

Dessa forma, as respostas dos professores foram confrontadas no sentido de se verificar se as atitudes/exemplos/discurso dos professores em relação ao uso do tabaco/álcool podem influenciar que alunos menores de idade e, portanto, suscetíveis aos modelos que estão a sua volta, a iniciarem-se no uso dessas drogas.

O desenvolvimento do estudo atendeu às normas nacionais e internacionais de ética em pesquisa com seres humanos, sendo submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, sendo aprovado e recebendo o número de parecer 1.227.520, CAAE 43291114.0.0000.0030. (Anexo A)

As variáveis foram apresentadas como frequência e percentuais.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Primeiramente, é necessário reconhecer que este trabalho possui algumas limitações: apesar de a pesquisa garantir o anonimato dos participantes, há a possibilidade de que alguns professores não tenham respondido de forma adequada ou verdadeira, possivelmente por autocensura, desconfiança de repreensões dentro da escola, viés de memória, sentimento de culpa ou outros motivos inibitivos.

Tabela 1 – Perfil socioepidemiológico de professores nas quatro escolas – Brasília-DF

Professores									
questo	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
sexo	masculino	29	58,0	15	36,6	18	39,1	62	45,3
	feminino	21	42,0	26	63,4	28	60,9	75	54,7
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
faixa etária	20-29	4	8,0	2	4,9	7	15,2	13	9,5
	30-39	6	12,0	14	34,1	17	37,0	37	27,0
	40-49	25	50,0	14	34,1	13	28,3	52	38,0
	≥ 50	15	30,0	11	26,8	9	19,6	35	25,5
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
situação conjugal	com companheiro	39	78,0	33	80,5	33	71,7	105	76,6
	sem companheiro	11	22,0	8	19,5	13	28,3	32	23,4
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
carga horária média semanal	≤ 10h/a	12	24,0	-	-	3	6,5	15	10,9
	11-20 h/a	38	76,0	4	9,8	5	10,9	47	34,3
	21-30h/a	-	-	29	70,7	18	39,1	47	34,3
	≥ 31h/a	-	-	8	19,5	20	43,5	28	20,4
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0

Continua  
Conclusão

**Professores**

questo	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
tempo de atuação na área docente	≤ 10 anos	12	24,0	13	31,7	16	34,8	41	29,9
	11-20 anos	17	34,0	17	41,5	16	34,8	50	36,5
	21-30 anos	16	32,0	10	24,4	11	23,9	37	27,0
	≥ 31 anos	5	10,0	1	2,4	3	6,5	9	6,6
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
turno(s) trabalhado(s)	um turno	32	64,0	24	58,5	11	23,9	69	50,4
	dois turnos	18	36,0	16	39,0	28	60,9	60	43,8
	três turnos	-	-	1	2,4	7	15,2	8	5,8
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
trabalha em outra escola	não	45	90,0	37	90,2	33	71,7	115	83,9
	sim	5	10,0	4	9,8	13	28,3	22	16,1
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
escolaridade	graduação	3	6,0	11	26,8	14	30,4	28	20,4
	especialização	16	32,0	20	48,8	18	39,1	54	39,4
	mestrado	17	34,0	8	19,5	11	23,9	36	26,3
	doutorado	12	24,0	2	4,9	3	6,5	17	12,4
	pós-doutorado	2	4,0	-	-	-	-	2	1,5
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
possui religião	sim	45	90,0	29	70,7	29	63,0	103	75,2
	não	5	10,0	12	29,3	17	37,0	34	24,8
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0

A amostra, apresentada na Tabela 1, é constituída por 137 professores, sendo 50 (36,5%) de colégio militar, 41 (29,9%) de escola pública e 46 (33,6%) das escolas particular/religiosa. A baixa adesão ao preenchimento do questionário teve como justificativa, por parte dos professores convidados, a falta de tempo livre para o preenchimento do mesmo. Mesmo aqueles professores que se propuseram a levá-lo para casa e devolver ao colégio no dia seguinte, não cumpriram o combinado.

Do total de professores, 75 (54,7%) são mulheres e 62 (45,3%) são homens. Coincidentemente, a maioria dos professores que se disponibilizaram a preencher esse questionário é do sexo feminino nas escolas pública e particular, enquanto que, no colégio militar, a maioria foi masculina.

Uma maioria de 52 professores (38%) encontra-se na faixa etária entre 40 e 49 anos. Analisando cada colégio separadamente, verifica-se que, no colégio militar, 40 professores (80%) possuem mais de 40 anos, tendo o professor mais velho 64 anos. No colégio público há 14 professores (34,1%), na casa dos 30 e dos 40 anos, enquanto que no colégio particular, 17 (37%) possuem entre 30 e 39 anos. Quanto ao tempo de atuação na área docente, os professores do colégio militar estão próximos com 17 (34%) tendo de 11 a 20 anos de docência e 16 (32%) de 21 a 30 anos de docência. Na escola pública, 17 (41,5%) possuem entre 11 a 20, enquanto que na particular há um empate de 16 professores (34,8%) com menos que 10 anos e de 11 a 20 anos de docência.

Quanto à vida familiar, 105 (76,6%) possuem companheiro e 32 (23,4%) não o possuem, sendo que 102 professores (75%) possuem filhos.

Analisando a vida profissional, no geral, a carga horária média se concentra entre 11-20 h/a e 21-30 h/a, com 47 (34,3%) professores em cada faixa. Se a análise for feita separadamente, verifica-se que 38 (76%) professores do colégio militar possuem carga entre 11-20 h/a semanais, sendo a média de 15h/a, enquanto que 29 (70,7%) professores do colégio público possuem carga de 21-30 h/a semanais, sendo a média de 24 h/a. Esses professores são contratados pelo regime de trabalho de 20h, 40h ou dedicação exclusiva. Os professores do colégio particular, que recebem por quantidade de horas aula trabalhadas, lecionam mais de 31h/a semanais, totalizando 20 professores ou 43,5% da amostra.

Professores do colégio militar (n=45; 90%) e do colégio público (n=37; 90,2%), afirmaram trabalhar em uma escola somente, mas destes, cerca de 32 (35%) relataram trabalhar em dois turnos. São 13 (28,3%) professores do colégio particular

que afirmaram trabalhar em duas ou três escolas, sendo que 28 (60,9%) relataram trabalhar em dois turnos e sete (15,2%), em três turnos, fato este podendo ser justificado pelo baixo valor da hora aula e pelo salário mensal ser composto pela quantidade de horas aulas trabalhadas. Ou seja, para os professores de colégios particulares e religiosos, quanto mais horas trabalhadas, maior o salário do mês.

Quanto à escolaridade, 17 (34%) professores do colégio militar possuem mestrado e 12 (24%), doutorado. Na escola pública, 20 (48,8%) possuem especialização e 11 (26,8%), graduação. Na particular, observa-se que 18 (39,1%) professores possuem especialização enquanto que 14 (30,4%) possuem apenas a graduação. Somente foram encontrados dois professores com pós-doutorado, ambos lecionando no colégio militar.

Dos professores pesquisados, 103 (75,2%) declararam possuir algum tipo de religião.

Tabela 2 – Comparativo dos professores fumantes e que fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho

Professores fumantes e que fazem uso de álcool									
questo	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
sexo	masculino	3	75,0	-	-	1	25,0	4	40,0
	feminino	1	25,0	2	100,0	3	75,0	6	60,0
	total	4	100,0	2	100,0	4	100,0	10	100,0
faixa etária	20-29	1	25,0	-	-	1	25,0	2	20,0
	30-39	3	75,0	1	50,0	1	25,0	5	50,0
	40-49	-	-	1	50,0	-	-	1	10,0
	≥ 50	-	-	-	-	2	50,0	2	20,0
	total	4	100,0	2	100,0	4	100,0	10	100,0
carga horária média semanal	≤ 10h/a	1	25,0	-	-	1	25,0	2	20,0
	11-20 h/a	3	75,0	-	-	-	-	3	30,0
	21-30h/a	-	-	2	100,0	2	50,0	4	40,0
	≥ 31h/a	-	-	-	-	1	25,0	1	10,0
	total	4	100,0	2	100,0	4	100,0	10	100,0
tempo de atuação na área docente	≤ 10 anos	4	100,0	-	-	2	50,0	6	60,0
	11-20 anos	-	-	1	50,0	1	25,0	2	20,0
	21-30 anos	-	-	1	50,0	1	25,0	2	20,0
	≥ 31 anos	-	-	-	-	-	-	-	-
	total	4	100,0	2	100,0	4	100,0	10	100,0
turno(s) trabalhado(s)	um turno	2	50,0	1	50,0	-	-	3	30,0
	dois turnos	2	50,0	1	50,0	2	50,0	5	50,0
	três turnos	-	-	-	-	2	50,0	2	20,0
	total	4	100,0	2	100,0	4	100,0	10	100,0

Tabela 3 – Comparativo dos professores não fumantes e que fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho

Professores não fumantes e que fazem uso de álcool									
questo	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
sexo	masculino	16	55,2	12	37,5	13	61,9	41	50,0
	feminino	13	44,8	20	62,5	8	38,1	41	50,0
	total	29	100,0	32	100,0	21	100,0	82	100,0
faixa etária	20-29	2	6,9	2	6,3	3	14,4	7	8,5
	30-39	2	6,9	9	28,1	10	47,6	21	25,6
	40-49	19	65,5	9	28,1	4	19,0	32	39,1
	≥ 50	6	20,7	12	37,5	4	19,0	22	26,8
	total	29	100,0	32	100,0	21	100,0	82	100,0
carga horária média semanal	≤ 10h/a	6	20,7	-	-	-	-	6	7,3
	11-20 h/a	23	79,3	4	12,5	1	4,7	28	34,1
	21-30h/a	-	-	20	62,5	9	42,9	29	35,4
	≥ 31h/a	-	-	8	25,0	11	52,4	19	23,2
	total	29	100,0	32	100,0	21	100,0	82	100,0
tempo de atuação na área docente	≤ 10 anos	6	20,7	11	34,4	6	28,6	23	28,0
	11-20 anos	11	37,9	14	43,8	10	47,6	35	42,7
	21-30 anos	10	34,5	5	15,5	3	14,4	18	22,0
	≥ 31 anos	2	6,9	2	6,3	2	9,4	6	7,3
		29	100,0	32	100,0	21	100,0	82	100,0
turno(s) trabalhado(s)	um turno	13	44,8	4	12,5	6	28,6	23	28,0
	dois turnos	14	48,3	28	87,5	11	52,4	53	64,7
	três turnos	2	6,9	-	-	4	19,0	6	7,3
	total	29	100,0	32	100,0	21	100,0	82	100,0

Tabela 4 – Comparativo dos professores não fumantes e que não fazem uso de álcool por escola, sexo, faixa etária e perfil de trabalho

Professores não fumantes e que não fazem uso de álcool									
questo	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
sexo	masculino	10	58,8	2	28,6	5	23,8	17	37,8
	feminino	7	41,2	5	71,4	16	76,2	28	62,2
	total	17	100,0	7	100,0	21	100,0	45	100,0
faixa etária	20-29	-	-	-	-	3	14,3	3	6,7
	30-39	3	17,7	4	57,1	6	28,6	13	28,9
	40-49	10	58,8	3	42,9	10	47,6	23	51,1
	≥ 50	4	23,5	-	-	2	9,5	6	13,3
	total	17	100,0	7	100,0	21	100,0	45	100,0
carga horária média semanal	≤ 10h/a	7	41,2	-	-	3	14,3	10	22,2
	11-20 h/a	10	58,8	1	14,3	3	14,3	14	31,2
	21-30h/a	-	-	4	57,1	6	28,6	10	22,2
	≥ 31h/a	-	-	2	28,6	9	42,8	11	24,4
	total	17	100,0	7	100,0	21	100,0	45	100,0
tempo de atuação na área docente	≤ 10 anos	2	11,7	2	28,6	7	33,3	11	24,4
	11-20 anos	6	35,3	3	42,9	7	33,3	16	35,6
	21-30 anos	6	35,3	2	28,6	7	33,3	15	33,3
	≥ 31 anos	3	17,7	-	-	-	-	3	6,7
	total	17	100,0	7	100,0	21	100,0	45	100,0
turno(s) trabalhado(s)	um turno	13	76,5	5	71,4	4	19,0	22	48,9
	dois turnos	4	23,5	2	28,6	16	76,2	22	48,9
	três turnos	-	-	-	-	1	4,8	1	2,2
	total	17	100,0	7	100,0	21	100,0	45	100,0

O efetivo total de professores foi dividido em três grupos de acordo com os hábitos de fumo e de ingestão de álcool: aqueles que faziam uso do tabaco e de álcool (Tabela 2), totalizando 10 professores (7,3%), aqueles que não fumavam e faziam uso de álcool, com 82 (59,9%) professores (Tabela 3) e aqueles que não fumavam e não faziam uso de álcool, com 45 (32,8%) professores (Tabela 4). Não foram encontrados professores que só fumassem.

Quanto ao tabaco, do total dos 137 professores pesquisados, temos 10 (7,3%) que fumam (quatro da militar, dois da pública e quatro da particular), sete (5,1%) que se declararam ex-fumantes (seis da escola pública e um da particular).

Quanto ao álcool, as Tabelas 2 e 3 mostram que 92 professores (67,2%) fazem uso de algum tipo de bebida alcoólica, sendo 45 (48,9%) do sexo masculino e 47 (51,1%) do sexo feminino. Comparando nossa amostra com os dados publicados no II LENAD<sup>9</sup>, verificamos que a proporção encontrada no relatório era de 62% de usuários de algum tipo de bebida alcoólica do sexo masculino e 38% do sexo feminino, consistindo em um número 1,6 vezes maior, enquanto na nossa amostra a proporção de usuário de álcool encontrada é praticamente a mesma.

A distribuição maior de professores, 33 (35,9%), encontra-se na faixa etária entre 40-49 anos, o que também é diferente do publicado no II LENAD, que afirma que o consumo de bebida alcoólica é maior em jovens com menos de 30 anos.

Do número total de nossa amostra, estão próximas as escolas militar (33 professores ou 24,1%) e pública (34 professores ou 24,8%). A escola particular tem 25 (18,2%) professores que utilizam álcool. Fazendo a análise separada por escola, dentro do colégio militar, os 33 professores usuários constituem 66% da amostra daquele colégio; na escola pública, os 34 constituem 82,9% da amostra e na particular, são 54,3%. Podemos perceber que, comparativamente, há mais professores usuários de bebidas alcoólicas no colégio público. Esses dados diferem dos apresentados no V Congresso Paraense de Gastroenterologia, onde o número maior de consumo de álcool foi encontrado na escola particular (78%) contra 41% da escola pública.

Quanto aos turnos trabalhados, professores que não fazem uso de álcool trabalham, principalmente, em um ou dois turnos, enquanto professores que ingerem álcool trabalham em dois ou três turnos. O excesso de trabalho pode justificar um aumento no consumo de álcool como uma tentativa de relaxamento, pois já é sabido que os efeitos do álcool no organismo acontecem em duas fases. Na primeira, age

como um estimulante, deixando a pessoa mais eufórica e desinibida, com uma falsa realidade de que os problemas desaparecem; contudo, à medida que a quantidade de álcool ingerida vai aumentando, chega-se à segunda fase, em que começam a surgir efeitos depressores, levando à diminuição da coordenação motora e dos reflexos, deixando a pessoa sonolenta<sup>73</sup>.

A Figura 1 mostra o número total de professores comparando o efetivo que ingere e não ingere álcool por sexo, faixa etária e turnos trabalhados, em porcentagem.

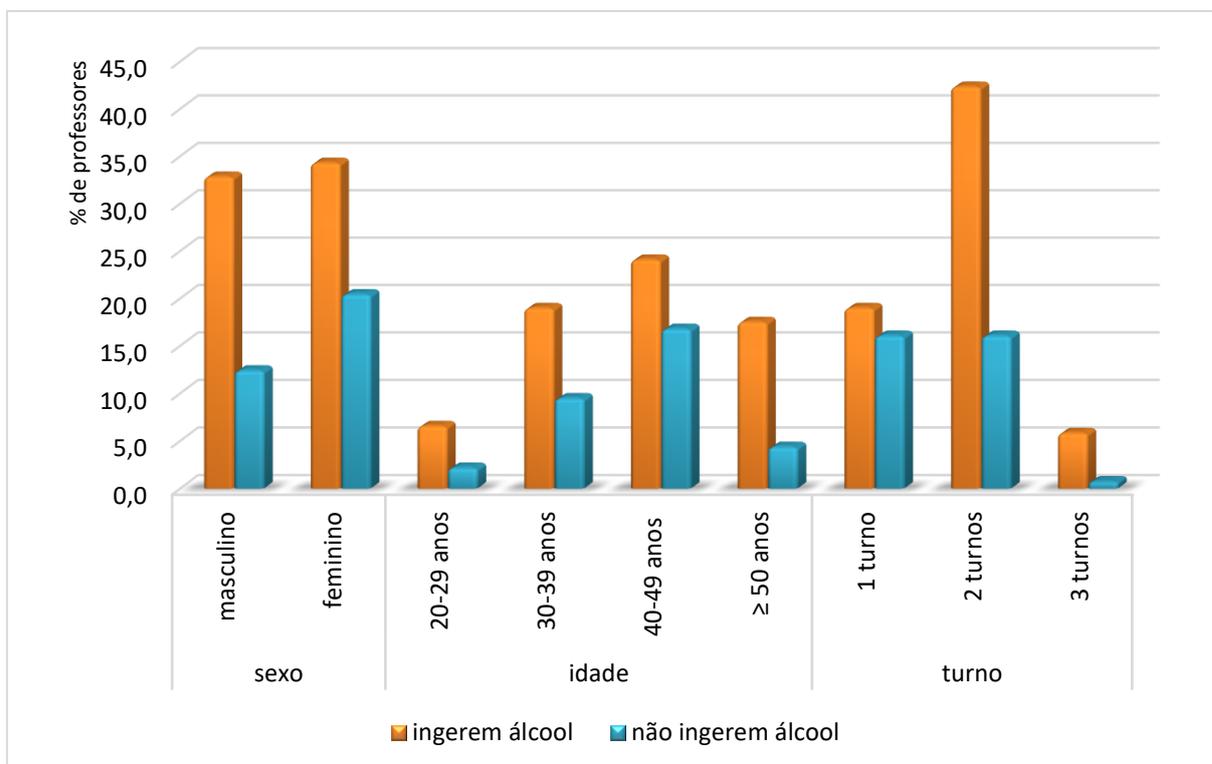


Figura 1 – Gráfico comparativo do efetivo de professores que ingerem e que não ingerem álcool por sexo, idade e turno trabalhado, em porcentagem

Tabela 5 – Comparativo da conduta dos professores por escola

Conduta do professor									
questão	variáveis	militar		Pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>1. Como professor(a), colaboro para a formação da moralidade de estudantes por meio de ensinamentos e exemplos na convivência escolar.</b>	concordo	49	98,0	41	100,0	45	97,8	135	98,5
	discordo	1	2,0	-	-	1	2,2	2	1,5
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
<b>2. A figura do professor serve de inspiração ou de modelo para a formação do caráter dos alunos.</b>	concordo	47	94,0	38	92,7	45	97,8	130	94,9
	discordo	3	6,0	3	7,3	1	2,2	7	5,1
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
<b>3. Justamente pela função de ensinar os mais novos, é necessário que a conduta do professor seja moralmente exemplar (entendida aqui como respeitosa, honesta, responsável, justa, ílibada, etc).</b>	concordo	47	94,0	38	92,7	46	100,0	131	95,6
	discordo	3	6,0	3	7,3	-	-	6	4,4
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
<b>4. Sou feliz exercendo a profissão de professor.</b>	concordo	47	94,0	40	97,6	43	93,5	130	94,9
	discordo	3	6,0	1	2,4	3	6,5	7	5,1
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
<b>5. Ao professor(a) cabe ensinar somente o conteúdo, pois o ensino de valores cabe à família do aluno.</b>	concordo	5	10,0	5	12,2	11	23,9	21	15,3
	discordo	45	90,0	36	87,8	35	76,1	116	84,7
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0

Na Tabela 5, são mostrados os dados da conduta moral do professor até a pergunta de número 5. Comparativamente, as escolas não mostraram diferenças.

Do total, 135 (98,5%) professores concordam que colaboram para a formação da moralidade dos estudantes por meio de ensinamentos, exemplos na convivência escolar. Somente 17 professores comentaram voluntariamente essa questão e os comentários dizem que “professores sempre são referência de modelos positivos e negativos” (Mil-2) e que “dão conselhos, exemplos e conversas para mostrar aos estudantes formas de iniciar e preparar sua moralidade” (Pub-28). Já outro diz que “faz parte da moral ensinar a não pegar o que é seu e a não discriminar o próximo” (Rel-6). Somente Mil-18 e Part-11 discordaram dessa afirmação, mas não comentaram.

A pergunta 2 teve 130 (94,9%) professores que concordaram e 14 que comentaram voluntariamente, a maioria concordando com a pergunta e somente dois discordando. Os que concordaram argumentaram que é “através do contato diário e dos vínculos que estabelecemos com os estudantes, somos referência em diversos contextos, dentro e fora de sala de aula” (Part-28), os discordantes afirmavam que “os alunos são autônomos para decidirem quem irão seguir, admirar e se inspirar. Mas o professor deve ser justo, ético, correto, respeitoso, porque é o certo. É uma questão de caráter” (Pub-28) e a “formação de caráter é um processo contínuo e o tempo de convivência com aluno é curto para alterar seu caráter” (Mil-1).

Já 131 (95,6%) concordam que é necessário que a conduta do professor seja moralmente exemplar por ensinar os mais novos (pergunta 3), com 12 comentários, três apenas discordando da afirmação. Os que concordaram afirmaram que “a figura profissional do professor deve preservar a ética, mas não deve misturar a vida pessoal com a sala de aula” (Pub-10), e que “à figura pública do professor devem ser associados hábitos e atitudes socialmente valorizadas, como uma conduta exemplar” (Part-28) e “que o professor não é perfeito, mas deve agir de maneira mais correta possível” (Mil-18). Os discordantes afirmam que “não só os professores devem agir assim, mas todos aqueles que têm contato com o adolescente, pais, familiares, funcionários da escola, toda a sociedade. É questão de ser ético e moral” (Pub-28). Outros, como Pub-1 e Pub-29, afirmam que a figura do professor já deixou de ser uma referência para o aluno nos dias atuais. Podemos notar que os comentários concordantes se expressam no sentido de que a figura pública do

professor deve estar associada a hábitos corretos, o que reforça a visão de Paulo Freire sobre a conduta do professor.

Na pergunta 4, 130 (94,9%) professores afirmam que são felizes exercendo o magistério, os poucos que comentaram dizem que, mesmo concordando com a afirmação, é exaustivo e desgastante e se mostram insatisfeitos com o salário atual e as condições de trabalho a que são submetidos e o não reconhecimento da sociedade com o trabalho que realizam. Os sete que afirmaram não serem felizes não comentaram.

São 116 (84,7%) docentes que discordam de que ao professor cabe ensinar somente o conteúdo, deixando para a família o ensino dos valores. Essa pergunta teve 42 comentários voluntários. Os poucos que concordaram afirmam que “deve-se separar instrução de educação, pois educar cabe à família” (Pub-1) e que “não cabe ao professor ensinar valores, mas o aluno acaba se espelhando no professor como modelo” (Mil-17). Os que discordaram afirmam que “inicialmente cabe à família, mas como esta não tem tempo para o adolescente, acaba ficando a cargo da escola, que é o lugar onde o aluno passa a maior parte do tempo” (Pub-3), “valores se ensinam com a conduta diária, pois o exemplo é importante” (Pub-34) e que “o professor ensina mesmo quando não está ciente. Sua postura, hábitos e fala são recebidos pelos estudantes e são um meio de transmitir valores” (Part-28). Novamente aqui os comentários vão na direção do que Paulo Freire pregava sobre a docência.

A pergunta 6 foi analisada à parte. Os professores foram classificados de acordo com o contexto que utilizaram para a construção da resposta. Baseado na Ética das Virtudes do ponto de vista aristotélico e macintyreano, os professores cujas respostas contiveram as palavras “exemplo”, “referência” ou “modelo”, palavras-chaves sinônimas ou outras cuja contextualização expressasse essas ideias foram classificados como professores que se consideram exemplos ou modelos de virtudes para seus alunos, totalizando 61 (44,5%) professores, sendo 25 do colégio militar, 17 da escola pública e 19 da escola particular. Esses professores foram classificados na categoria “SIM”.

Os professores, em cujas respostas apareceram outras palavras-chaves, como “educadores”, “transmissores do conhecimento” e palavras afins ou outros significados, como “amigo”, “orientador”, “foco afetivo” e outras, cuja expressão se assemelhassem a esse contexto, foram classificados como professores que não se consideram como exemplos ou modelos de virtudes para seus alunos. Esses são 54

(39,4%) da amostra e são 22 do colégio militar, 18 da escola pública e 14 da particular. Esses professores foram classificados na categoria “NÃO”.

Comparando a resposta dessa pergunta com a afirmação nº 1 (Como professor, colaboro para a formação da moralidade de estudantes por meio de ensinamentos e exemplos na convivência escolar), que teve 98,5% de concordância, percebemos que os professores, instintivamente, separaram a profissão de professor, com todas as atribuições pertinentes a ela, com a pessoa em si, já que somente Mil-18 e Part-11, que discordaram da pergunta 1, não se consideravam modelo de virtude para seu aluno. Os demais 52 professores que não se consideraram modelo de virtude concordaram com a pergunta, gerando uma certa incoerência.

Já a análise para a afirmação nº 2 (a figura do professor serve de inspiração ou de modelo para a formação de caráter dos alunos) não teve incoerência, pois todos os seis discordantes não se consideraram modelo de virtude quando responderam à pergunta 7.

Ainda tivemos 22 professores (16,1%) que, apesar de concordarem ou não com as afirmações 1 e 2, não souberam se definir se podem ser considerados ou não como modelos para seus alunos, deixando de responder à questão. Eles foram considerados uma terceira categoria e analisados comparativamente com as outras duas categorias. Esses professores são 3 do colégio militar, 6 da escola pública e 13 da escola particular e foram agrupados na categoria identificada por “NR” (Não Responderam).

As respostas foram transcritas em sua íntegra no Apêndice C.

A Figura 2 resume esses resultados.

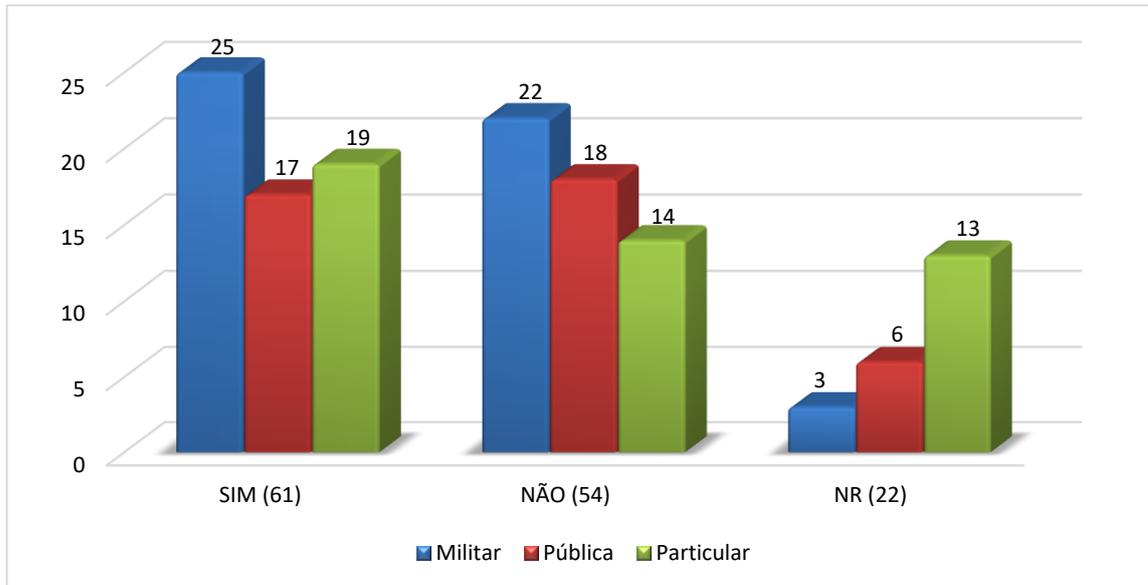


Figura 2 – Gráfico comparativo por escola sobre a consideração do professor em ser ou não modelo de virtude para seu aluno

A partir desse momento, as análises dos blocos 3 (tabaco) e 4 (álcool) foram feitas comparativamente entre essas três categorias.

As perguntas do bloco de tabaco foram divididas em temas: as perguntas 2 a 10, compreendem Hábitos de Consumo; as perguntas 11 a 13, 14 a 18 e 28 estão com o tema Tabaco e Escola; as perguntas 19 a 24 estão com o tema Tabaco e Sociedade e as perguntas 25 a 27 estão com o tema Tabaco, Propaganda e Legislação.

Tabela 6 – Comparativo dos professores que fazem uso de tabaco por escola no tema Hábitos de Consumo

Hábitos de Consumo									
questos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>1. Você fuma?</b>	sim	4	8	2	4,9	4	8,7	10	7,3
	não	46	92	33	80,5	41	89,1	120	87,6
	ex-fumante	-	-	6	14,6	1	2,2	7	5,1
	<b>total</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100,0</b>	<b>46</b>	<b>100,0</b>	<b>137</b>	<b>100,0</b>
<b>2. Com que idade fumou pela primeira vez?</b>	≤ 10 anos	-	-	-	-	-	-	-	-
	10 - 20 anos	3	6	2	100,0	4	100,0	9	90,0
	≥ 21 anos	1	2	-	-	-	-	1	10,0
	<b>total</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>	<b>4</b>	<b>100,0</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>
<b>3. Quando fumou pela primeira vez, você estava...</b>	sozinho	1	25	-	-	-	-	1	10,0
	com algum familiar	2	50	-	-	-	-	2	20,0
	com colegas da escola	-	-	2	100,0	4	100,0	6	60,0
	outros	1	25	-	-	-	-	1	10,0
	<b>total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>	<b>4</b>	<b>100,0</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>
<b>4. O que levou você a fumar?</b>	curiosidade	2	50	2	100,0	1	25,0	5	50,0
	influência	1	25	-	-	2	50,0	3	30,0
	brincadeira	1	25	-	-	1	25,0	2	20,0
	autoafirmação	-	-	-	-	-	-	-	-
	influência da mídia	-	-	-	-	-	-	-	-
	outros	-	-	-	-	-	-	-	-
	<b>total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>	<b>4</b>	<b>100,0</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>

Continua

		Conclusão							
questitos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>5. Quando começou a fumar, você era consciente do mal que o cigarro causa?</b>	não	-	-	1	50,0	-	-	1	10,0
	sim	4	100	1	50,0	4	100,0	9	90,0
	total	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0
<b>6. Você já tentou parar de fumar?</b>	não	1	25	2	100,0	1	25,0	4	40,0
	sim	3	75	-	-	3	75,0	6	60,0
	total	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0
<b>7. Quantos cigarros fuma por dia?</b>	até 10	3	75	1	50,0	2	4,0	6	60,0
	11 a 20	-	-	1	50,0	2	4,0	3	30,0
	mais que 20	1	25	-	-	-	-	1	10,0
	total	4	100	2	100,0	4	8,0	10	100,0
<b>8. Você acha difícil fumar em lugares proibidos?</b>	não	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0
	sim	-	-	-	-	-	-	-	-
	total	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0
<b>9. Você fuma mesmo doente?</b>	não	3	75	1	50,0	1	25,0	5	50,0
	sim	1	25	1	50,0	3	75,0	5	50,0
	total	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0
<b>10. Você já precisou tirar licença para tratamento de saúde pelo uso do cigarro?</b>	não	4	100	1	50,0	4	100,0	9	90,0
	sim	-	-	1	50,0	-	-	1	10,0
	total	4	100	2	100,0	4	100,0	10	100,0

Da análise do consumo de tabaco (Tabela 6), encontramos dez (7,3%) professores fumantes (quatro no militar, dois na pública e quatro na particular), 120 (87,6%) afirmaram que não fazem uso de tabaco e sete (5,1%) se declararam ex-fumantes (seis na pública e um na particular). Não foram consideradas as respostas dadas pelos ex-fumantes, pois estes, por não fumarem atualmente, responderam parcialmente às perguntas.

Dos dez professores fumantes, seis são do sexo feminino e quatro do masculino. Por faixa etária, temos dois professores entre 20-29 anos, cinco entre 30-39 anos, um entre 40-49 anos e um com mais de 50 anos. Também seis docentes trabalham há menos de dez anos como professores.

As maiores cargas horárias foram encontradas entre professores da escola particular, sendo que dois deles trabalham em três turnos, ambos do sexo feminino. O excesso de trabalho e o ato de fumar têm relação direta, pois já é sabido que a nicotina aumenta a atividade dos neurônios no cérebro e facilita a liberação de dopamina no organismo. A ativação da via dopaminérgica é responsável pelo efeito reforçador positivo, que inclui relaxamento, redução do estresse, aumento do estado de vigília, melhora da função cognitiva, modulação do humor e perda de peso<sup>74</sup>.

Quanto à idade inicial de experimentação, nove (90%) professores disseram ter fumado pela primeira vez entre dez e 20 anos, sendo a faixa etária média de 15 anos. A maioria, seis (60%), estava acompanhada de colegas da escola e afirmaram terem começado a fumar pela curiosidade e influência dos colegas, corroborando os dados da literatura<sup>14</sup> de que a influência de modelos, em especial de pais, irmãos mais velhos e amigos, é apontada como um fator de risco para iniciação ao tabagismo, tanto na adolescência, quanto na infância.

Somente um professor afirma que não era consciente dos males que o cigarro causa quando fumou pela primeira vez.

Seis professores admitiram já terem tentado parar de fumar, mas não conseguiram por falta de persistência, segundo escreveram nos comentários. Metade dos professores admitiu fumar mesmo doente, mas somente um professor precisou tirar licença para tratamento de saúde por causa do fumo, não tendo especificado o tipo de doença nem o tempo da licença.

No comparativo modelo ou não de virtude, dos professores que fazem uso de tabaco, três professores, um de cada escola, admitiu se considerar modelo de

virtude para o aluno, quatro não se consideraram, sendo três do colégio militar e um do particular e três não responderam, sendo um da pública e dois da particular.

Dos demais professores (127), os 46 (36,2%) não fumantes do colégio militar dividiram-se em 24 (18,9%) professores que se consideram modelo de virtude, 19 (15%) que não se consideram e três (2,4%) que não responderam; do colégio público, em um total de 39 (30,7%) não fumantes, 16 (12,6%) se consideram modelo de virtude, 18 (14,2%) não se consideram e cinco (3,4%) não responderam. Já no colégio particular, 18 (14,2%) se consideram modelo, 13 (10,2%) não e 11 (8,7%) não responderam.

A Figura 3 compara esses dados.

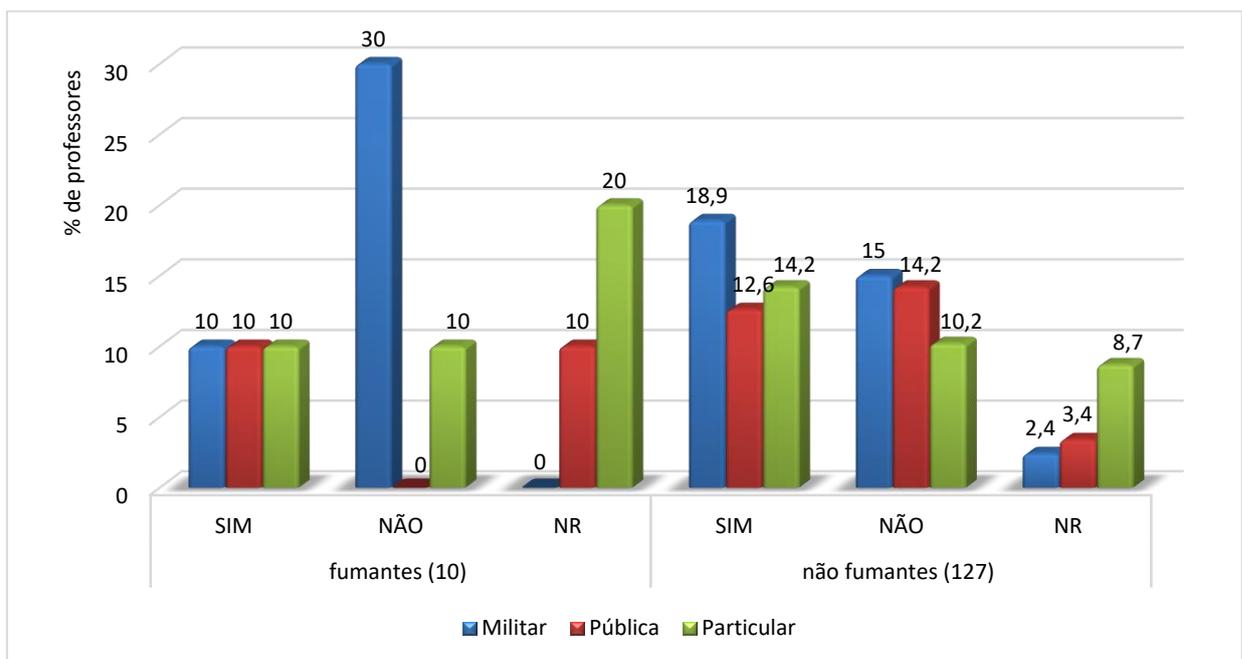


Figura 3 – Comparativo de professores fumantes e não fumantes por escola e por consideração de modelo de virtude, em porcentagem.

Tabela 7 – Comparativo dos professores por escola no tema Tabaco e Escola

Tabaco e Escola																	
		militar				pública				Particular				total			
		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante	
questitos	variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>11. Você fuma logo antes de entrar em sala de aula?</b>	não	-	-	3	75	-	-	1	50,0	-	-	2	50,0	-	-	6	60,0
	sim	-	-	1	25	-	-	1	50,0	-	-	2	50,0	-	-	4	40,0
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
<b>12. Algum aluno já percebeu odor de cigarro em você?</b>	não	-	-	3	75	-	-	1	50,0	-	-	1	25,0	-	-	5	50,0
	sim	-	-	1	25	-	-	1	50,0	-	-	3	75,0	-	-	5	50,0
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
<b>13. Já aconteceu de algum aluno perceber que você fuma (ou fumou) e fazer perguntas relacionadas com o uso do tabaco e saúde?</b>	não	-	-	3	75	-	-	-	-	-	-	2	50,0	-	-	5	50,0
	sim	-	-	1	25	-	-	2	100,0	-	-	2	50,0	-	-	5	50,0
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
<b>14. Você se sente discriminado(a) e/ou estigmatizado(a) por ser fumante?</b>	não	-	-	4	100	-	-	1	50,0	-	-	4	100,0	-	-	9	90,0
	sim	-	-	-	-	-	-	1	50,0	-	-	-	-	-	-	1	10,0
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0

Continua

		Conclusão															
		militar				pública				Particular				total			
		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante	
questitos	variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>15. Você já foi discriminado(a) e/ou estigmatizado(a) por ser fumante em algum momento?</b>	não	-	-	4	100	-	-	-	-	-	-	2	50,0	-	-	6	60,0
	sim	-	-	-	-	-	-	2	100,0	-	-	2	50,0	-	-	4	40,0
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
<b>16. Você se sente constrangido(a) e/ou incomodado(a) quando seu colégio promove campanhas contra o tabagismo?</b>	não	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
	sim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	total	-	-	4	100	-	-	2	100,0	-	-	4	100,0	-	-	10	100,0
<b>17. Você já presenciou algum aluno fumando na escola?</b>	não	35	76,1	2	50	9	23,1	1	50,0	19	45,2	2	50,0	63	49,6	5	50,0
	sim	11	23,9	2	50	30	76,9	1	50,0	23	54,8	2	50,0	64	50,4	5	50,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>18. Você já orientou algum aluno com o objetivo de esclarecê-lo sobre o fumo?</b>	não	18	39,1	4	100	9	23,1	1	50,0	17	40,5	1	25,0	44	34,6	6	60,0
	sim	28	60,9	-	-	30	76,9	1	50,0	25	59,5	3	75,0	83	65,4	4	40,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0

Neste tema, Tabaco e Escola, avaliamos as respostas do professor enquanto usuário ou não de tabaco e sua relação com um aluno que faz pergunta sobre tabaco e saúde.

Dos fumantes, quatro professores afirmaram já terem fumado antes de ministrar aulas (um no militar, um na pública e dois na particular). Esses quatro professores, mais um do colégio particular, afirmaram que os alunos já perceberam em si o odor de cigarro. Os três professores do colégio particular já relataram que os alunos fizeram perguntas sobre tabaco e saúde justamente por perceber que seus professores fumavam. Além desses três, um professor do colégio militar e outro do público também comentaram já terem respondido a perguntas sobre tabaco e saúde. Nenhum professor quis comentar sobre as perguntas 11 e 12 e somente três professores fizeram comentários da pergunta 13: Mil-13 disse que “um aluno me viu comprar cigarro e alertou-me sobre os riscos, ao que respondi só fumar periodicamente”. Pub-10 disse que “já me perguntaram sobre o que eu achava. Sempre coloco a questão do vício, de tornar-se escravo de qualquer vício, seja fumar, seja comer demais, etc” e Pub-35 disse que “tive vergonha”.

Professores fumantes devem abster-se de fumar na presença de crianças e jovens. Uma atitude muito permissiva por parte dos professores pode contribuir para que os jovens se sintam relativamente menos constrangidos ao consumo e considerem uma maior probabilidade de virem a consumir.

Nenhum professor afirmou se sentir constrangido ou incomodado quando o colégio promove campanhas contra o tabagismo. Os professores que comentaram essa questão disseram que quase não acontecem essas campanhas ou, quando acontecem, ficam restritas às feiras de ciências e trabalhos escolares.

Somente um professor disse que já se sentiu discriminado por ser fumante (Pub-35), enquanto quatro afirmaram que já foram discriminados por serem fumantes (Pub-10, Pub-35, Part-9 e Part-20). Dos quatro ex-fumantes que responderam a essas perguntas, dois já se sentiram discriminados e três disseram já terem sofrido algum tipo de discriminação, sendo que um deles comentou que essa foi uma das razões predominantes que contribuiu para abandonar o vício (Part-4).

A Declaração de Bioética e Direitos Humanos enuncia, em seu artigo 11, que a discriminação e estigmatização constituem violações à dignidade humana. Além da convivência inevitável com os potenciais malefícios do tabaco, os fumantes de hoje se defrontam com a discriminação daqueles que não fumam. Em um mundo ideal, o

imperativo moral seria o das práticas saudáveis e de outras campanhas voltadas ao incentivo de estilos de vida salutar que, às vezes, se recobrem de significação moralista que levam à discriminação daqueles que, por diversas razões, não os adotam. Os fumantes estariam entre as pessoas que supostamente estariam levando um estilo de vida considerado não saudável e, além dos pontos negativos conferidos ao uso do tabaco por suas implicações de risco à saúde, aliam-se outros voltados à defesa dos direitos dos fumantes passivos, aqueles que mais sofrem com os efeitos da inalação da fumaça dos cigarros.

Para resolver a questão, Godoi e Garrafa<sup>75</sup> defendem o exercício da virtude da tolerância, envolvendo arranjos políticos e sociais capazes de proporcionar a coexistência pacífica de grupos e indivíduos, dentro de um marco de respeito aos direitos humanos básicos.

Do total de professores, metade entre os fumantes (n=5, 50%) e entre os não fumantes (n=64, 50,4%) já presenciaram alunos fumando na escola. Quando olhamos por escola, verifica-se que há maior incidência de alunos fumando dentro da escola pública, com 30 (76,9%) professores já tendo presenciado o fato. Esses dados estão de acordo com os publicados na PeNSE, onde a frequência de consumo de tabaco pelos estudantes foi maior na escola pública.

As escolas devem trabalhar de modo a promover a conscientização, tanto dos alunos quanto dos professores, das consequências que o hábito de fumar traz à saúde. Se as “campanhas” antitabagistas ficam restritas às feiras de ciência (que são essencialmente trabalhos feitos por alunos), como os professores comentaram, o colégio deve procurar especialistas para ministrar palestras na escola. Se na escola há professores que fumam, essa situação pode ser transformada em um ponto positivo, pois o professor, ainda que seja fumante há muito tempo, pode se envolver em projetos antitabagistas e, até mesmo, dar declarações e testemunhos sobre o quanto é difícil abandonar o vício e ter de conviver com as restrições impostas aos fumantes. Esse depoimento pode surtir mais efeito para impedir jovens de se iniciar no hábito de fumar do que as campanhas que abordam os malefícios à saúde.

Sobre a pergunta 18, orientação a alunos com o objetivo de esclarecê-los sobre o fumo, observamos que 83 (65,4%) professores que não são fumantes já orientaram seus alunos, enquanto que, para os fumantes, a relação é inversamente proporcional, seis (60%) não orientaram.

A Figura 4 compara esses percentuais com a posição dos professores em se considerarem modelo de virtude para seus alunos.

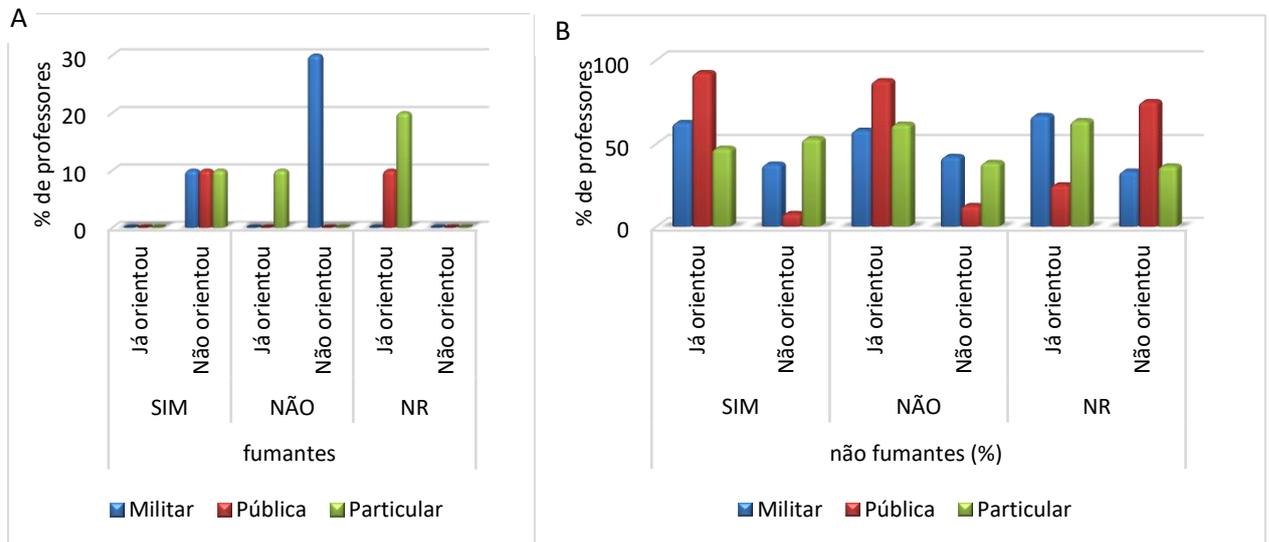


Figura 4 – Comparativo de professores fumantes (A) e não fumantes (B) que já orientaram ou não alunos sobre o fumo por escola e por consideração de modelo de virtude, em porcentagem

O gráfico mostra que, dos fumantes, os quatro professores que já orientaram seus alunos não se consideravam modelo de virtude ou não responderam. Aqueles que se consideravam modelo de virtude para seu aluno afirmaram não terem orientado.

Dos professores não fumantes, os que já afirmaram terem orientado seus alunos são 35 (64,8%) professores que se consideravam modelo (15 (62,5%) do colégio militar, 12 (92,3%) da escola pública e oito (47,1%) da escola particular) e 33 (68,8%) que não se consideravam modelo (11 (57,9%) do colégio militar, 14 (87,5%) da pública e oito (61,8%) da particular).

Sendo os professores um referencial para seu aluno ou não, é de se esperar que, pela própria função de professor, que caiba a ele levar o conhecimento e a informação aos estudantes, seja dentro da disciplina lecionada ou como uma pessoa mais velha que orienta uma pessoa mais nova. Isso pode ser confirmado pelo gráfico da Figura 4, onde, dentre os professores não fumantes que já orientaram, aqueles que se consideraram modelo e os que não se consideraram modelo possuem um comportamento semelhante, sendo o número mais equilibrado encontrado entre os professores da escola pública. Aqui verifica-se que a

preocupação com o aluno que pode estar se iniciando em um hábito prejudicial à sua saúde é similar entre os professores, independentemente de se considerarem modelo ou não. Talvez pelo fato de o cigarro e outros produtos tabagísticos serem tão combatidos pela sociedade em geral, há uma preocupação maior da escola em coibir esse hábito. O que pode justificar a não orientação dos professores fumantes aos alunos, pois isso poderia resultar em uma exposição desse professor.

A questão 28 do bloco de tabaco perguntava a opinião dos professores sobre o que fazer para minimizar ou evitar de os professores fumarem em ambiente escolar. As respostas dos professores a essa questão estão transcritas no Apêndice D.

Foi feita uma análise das respostas quanto ao teor do discurso e essas foram classificadas em dez categorias, como descrito abaixo:

- 1) Conscientização do fumante;
- 2) Proibição ou multa;
- 3) Professores não devem fumar porque são exemplo para o aluno;
- 4) Fumar em outro local ou em local próprio;
- 5) Oferecer ajuda e/ou tratamento para o fumante largar o vício;
- 6) Nunca viu nenhum professor fumando na escola;
- 7) Obediência à lei vigente;
- 8) Professor tem a liberdade para fumar.
- 9) Não possuem opinião a respeito;
- 10) Não responderam.

Dos 137 professores participantes, oito (5,8%) disseram não terem uma opinião a respeito (categoria 9) e 31 (22,6%) não responderam à pergunta (categoria 10).

A Tabela 8 compara as respostas válidas dos professores fumantes e não fumantes nas categorias “SIM” (que se consideram modelo de virtude), “NÃO” (não se consideraram modelo) e “NR” (não responderam).

Tabela 8 – Comparativo das categorias de respostas à pergunta 28 do bloco Tabaco

Categorias	Fumantes										Não Fumantes									
	SIM			NÃO			NR			total	SIM			NÃO			NR			total
	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part		Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	
1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	6	3	5	9	4	3	-	-	-	30
2	-	-	-	2	-	1	-	-	-	3	4	2	6	2	2	3	-	-	-	19
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	-	2	-	2	-	1	-	12
4	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	1	1	1	1	-	-	6
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	3	-	-	-	-	7
6	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	1	2	-	1	-	-	6
7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	-	-	2	2	-	-	-	8
8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	2	-	-	0	5
9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	1	-	1	-	-	-	2	8
10	-	-	-	1	-	-	-	1	2	4	3	1	3	3	2	1	1	4	8	26
Total	1	1	1	3	-	1	-	1	2	10	24	16	18	19	18	14	3	5	10	127
		3			4			3		10		58			51			18		127

Dos fumantes, um acredita que o impedimento para professores fumantes não fumarem na escola é a conscientização, enquanto que três acreditam que multa ou proibições resolveriam a questão. Aqui é interessante verificar que os fumantes abririam mão da sua liberdade de fumar se a administração escolar os multasse de alguma forma ou os proibisse mais energicamente de fumar em ambiente escolar. Somente um professor do colégio particular defende sua liberdade de fumar, pleiteando um lugar próprio reservado aos fumantes. Um outro fumante admitiu não ter visto ninguém fumando na escola enquanto que quatro não responderam.

Dos professores não fumantes, 30 afirmam que a conscientização do fumante pela administração escolar através de palestras ou tratamentos é o caminho, sendo 14 que se consideram modelo e 16 que não se consideram. O resultado está equilibrado. Esses professores, se considerando modelo ou não, acreditam que a maneira mais eficaz para o fumante deixar de fumar é oferecer-lhe tratamentos ou palestras conscientizantes.

Já a categoria 2 – proibição ou multa – totalizou 19 respostas dos professores, sendo 12 que se consideram modelo e somente sete que não se consideram. Aqui verificamos que professores que se consideram modelo estão em maior número e têm uma postura mais inflexível pela aplicação de multa ou pela proibição sumária dos fumantes em seu hábito de fumar dos que aqueles que não se consideram modelo.

Já as outras categorias de respostas válidas, assim como a primeira categoria, estão mostrando um equilíbrio de respostas entre os grupos de professores que se consideram e que não se consideram modelos de virtudes para o aluno.

A Figura 5 traz um comparativo, em porcentagem, somente dos professores que se consideram modelo (categoria “SIM”) e os que não se consideram modelo (categoria “NÃO”) de virtude nas categorias de 1 a 8. Foram, portanto, excluídos os professores cujas respostas foram classificadas nas categorias 9 e 10, assim como aqueles professores que não souberam responder ao fato de se considerar modelo ou não de virtude para seu aluno (categoria “NR”). Esses foram somente 3 professores, cujas respostas foram classificadas nas categorias 3, 4 e 6.

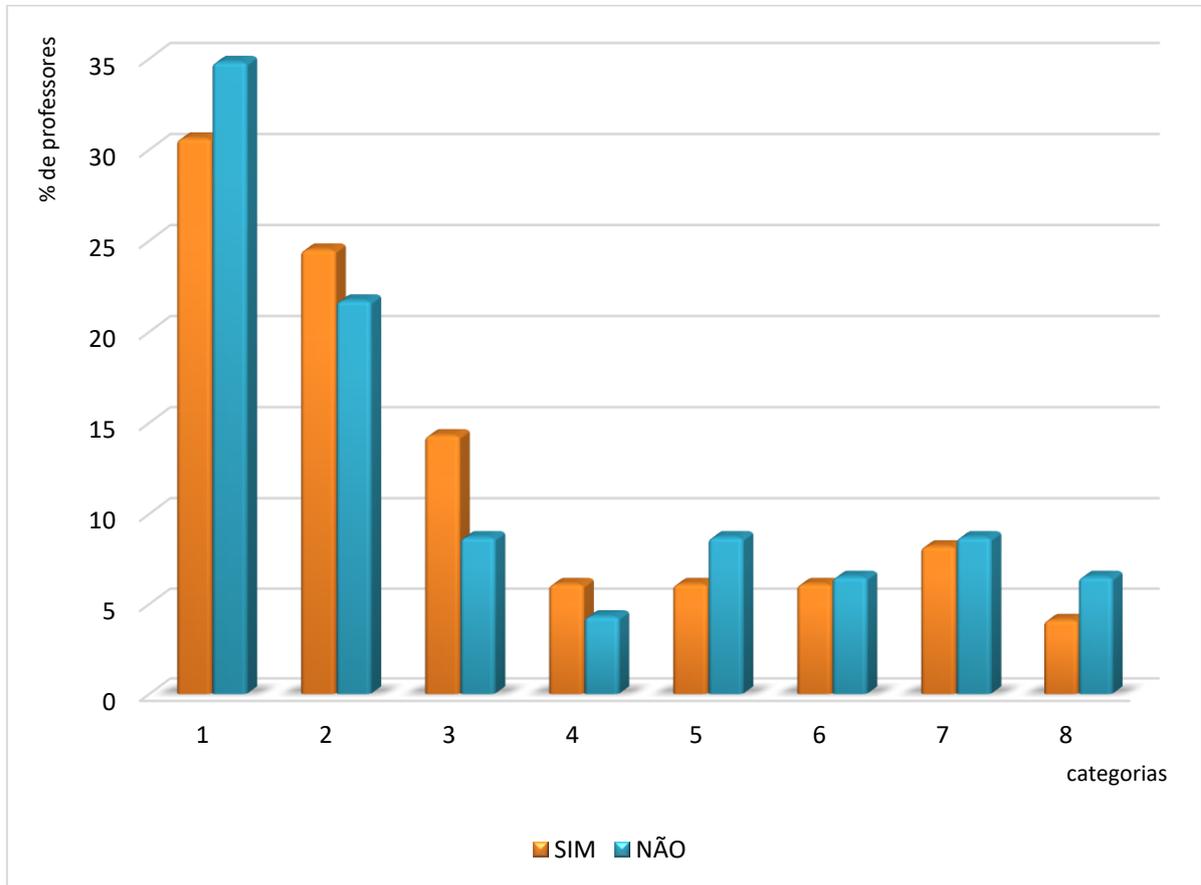


Figura 5 – Comparativo da distribuição dos professores por modelos de virtudes nas oito categorias de respostas para a pergunta 28 do bloco de Tabaco, em porcentagem

Tabela 9 – Comparativo dos professores no tema Tabaco e Sociedade

		Tabaco e Sociedade															
		militar				pública				particular				total			
		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante	
questos	variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>19. Você se incomoda com pessoas fumando próximo de você em vias ou locais públicos?</b>																	
	não	3	6,5	4	100	8	20,5	1	50,0	8	19,0	3	75,0	19	15,0	8	80,0
	sim	43	93,5	-	-	31	79,5	1	50,0	34	81,0	1	25,0	108	85,0	2	20,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>20. Você se incomoda com a fumaça do cigarro quando fumam perto de você?</b>																	
	não	3	6,5	1	25	7	17,9	1	50,0	5	11,9	2	50,0	15	11,8	4	40,0
	sim	43	93,5	3	75	32	82,1	1	50,0	37	88,1	2	50,0	112	88,2	6	60,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>21. Você se incomoda com o cheiro do cigarro que a pessoa exala quando acabou de fumar?</b>																	
	não	6	13,0	1	25	7	17,9	-	-	4	9,5	2	50,0	17	13,4	3	30,0
	sim	40	87,0	3	75	32	82,1	2	100,0	38	90,5	2	50,0	110	86,6	7	70,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>22. Você se incomoda/importa com os resíduos de cigarro jogados no chão nas vias ou locais públicos?</b>																	
	não	4	8,7	-	-	2	5,1	-	-	6	14,3	-	-	12	9,4	-	-
	sim	42	91,3	4	100	37	94,9	2	100,0	36	85,7	4	100,0	115	90,6	10	100,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>23. Você convive diariamente com um ou mais fumantes?</b>																	
	não	35	76,1	3	75	31	79,5	1	50,0	24	57,1	-	-	90	70,9	4	40,0
	sim	11	23,9	1	25	8	20,5	1	50,0	18	42,9	4	100,0	37	29,1	6	60,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0

No tema Tabaco e Sociedade, comparamos as respostas de fumantes e não fumantes em situações cotidianas, dados que foram mostrados na Tabela 9.

A pergunta sobre se a pessoa fica incomodada por pessoas fumando próximo a ela em vias ou locais públicos teve um resultado inversamente proporcional entre fumantes e não fumantes: oito (80%) dos fumantes dizem não se incomodar com pessoas fumando próximo a eles enquanto 108 (85%) não fumantes dizem se incomodar. Inclusive os comentários afirmam que as pessoas se afastam dos fumantes pela preocupação de estarem na posição de fumantes passivos e não quererem adquirir nenhuma doença pela inalação involuntária da fumaça do cigarro.

A pergunta 23, se há convivência com um ou mais fumantes, também mostrou resultado inversamente proporcional: 90 (70,9%) não fumantes não convivem enquanto que seis (60%) dos fumantes convivem com outros fumantes. Esse fato torna mais difícil um fumante largar o vício.

Já as perguntas 20, 21 e 22 mostraram resultados similares. Fumantes e não fumantes concordam que se incomodam com a fumaça de cigarro quando outros fumam próximo a eles, com o cheiro que o fumante exala quando acabou de fumar e com a sujeira provocada pelos resíduos de cigarro jogados ao chão.

Analisando esses resultados do ponto de vista bioético, podemos perceber o impasse do direito individual versus o direito do coletivo. O fumante tem o direito de fumar, assim como os demais têm o direito de não respirarem a fumaça ou não serem incomodados pelo fumante. Para isso, a Bioética de Intervenção prioriza as tomadas de decisão que privilegiem o maior número de pessoas pelo maior espaço de tempo possível, mesmo que em prejuízo de certas situações individuais<sup>76</sup>.

Desse modo, é importante a priorização de políticas e ações que beneficiem o direito do coletivo de conviver harmoniosamente com o fumante sem cercear o fumante no seu direito individual de fumar. Ou seja, o fumante poderá fumar desde que não incomode os demais, diminuindo problemas de saúde relacionados à inalação passiva da fumaça, pois o direito de uma pessoa respirar ar puro sobrepõe-se ao direito do fumante em fumar em locais públicos com pessoas não fumantes em volta. Haveria a necessidade de um local privado ou público isolado dos demais para o fumante exercer esse direito sem causar prejuízo à saúde de todos.

A Ética das Virtudes, do ponto de vista aristotélico, prevê que o agir e o não agir é uma das atribuições do ser humano, cabendo a nós escolher sermos virtuosos ou viciosos. Independentemente do que escolhermos, somos responsáveis por

nossas escolhas. No caso do fumante, se ele escolheu fumar, cabe a ele minimizar o impacto da sua escolha na saúde dos demais, pois, segundo Pellegrino, a predominância dos vícios não deve nos isentar da obrigação de sermos virtuosos<sup>40</sup>.

Tabela 10 – Comparativo dos professores no tema Tabaco, Propaganda e Legislação

Tabaco, Propaganda e Legislação																	
		militar				pública				particular				total			
		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante		não fumante		fumante	
questos	variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>25. Você acredita que as propagandas contra o tabagismo são eficazes em influenciar os jovens a não fumar?</b>																	
	não	26	56,5	2	50	24	61,5	2	100,0	30	71,4	1	25,0	80	63,0	5	50,0
	sim	20	43,5	2	50	15	38,5	-	-	12	28,6	3	75,0	47	37,0	5	50,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>26. Você concorda que haja essas propagandas contra o tabagismo?</b>																	
	não	6	13,0	-	-	2	5,1	-	-	3	7,1	-	-	11	8,7	-	-
	sim	40	87,0	4	100	37	94,9	2	100,0	39	92,9	4	100,0	116	91,3	10	100,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0
<b>27. Você é a favor da lei que proíbe o fumo em lugares fechados?</b>																	
	não	1	2,2	-	-	1	2,6	-	-	1	2,4	-	-	3	2,4	-	-
	sim	45	97,8	4	100	38	97,4	2	100,0	41	97,6	4	100,0	124	97,6	10	100,0
	total	46	100,0	4	100	39	100,0	2	100,0	42	100,0	4	100,0	127	100,0	10	100,0

Esse tema, mostrado na Tabela 10, avalia o conhecimento sobre a legislação que envolve o tabaco e a percepção de fumantes e não fumantes com a eficácia das propagandas atuais em influenciar um jovem a não fumar.

A pergunta 25 dividiu os fumantes. Metade acredita que as propagandas são eficazes e metade não acredita. Somente um professor fumante do colégio militar (Mil-15) comentou que “deveriam explorar o aspecto financeiro e não somente a questão de saúde”. Dos professores não fumantes, 80 (63%) acreditam que as propagandas não são eficazes, mas somente 18 professores fizeram comentários a essa pergunta.

No colégio militar, os comentários dão conta de que as propagandas são “limitadas em sua divulgação”, (Mil-2), “em sua maior parte são menos instrutivas e mais apelativas” (Mil-8) e “poderiam ser melhores” (Mil-48). Possuem “um viés artístico, o que não mobiliza o fumante para deixar de fumar, pois a questão estética da propaganda torna o ato de fumar muito próximo do ficcional” (Mil-35) ficando “muito distante do jovem, que pensa que nada pode acontecer com ele” (Mil-39). Dos poucos que concordaram com a eficácia da propaganda, acrescentaram que “a influência de líderes dos grupos de amigos e conhecidos” e “exemplos e atitudes de pessoas próximas” são mais eficazes que as propagandas. Já Mil-22 lembrou que o jovem tem acesso a outros tipos de fumo, como o narguilé, que não aparece nas propagandas.

Os comentários do colégio particular foram poucos. Part-21 disse que “toda mudança de hábito deve partir de dentro, acredito que as propagandas são ineficientes” e Rel-7 comentou que “as propagandas apenas informam sobre os efeitos nocivos do cigarro, mas não impede (sic) que os jovens parem ou comecem a fumar”. Já Rel-12 afirmou que as propagandas não possuem o objetivo de não incentivar o jovem a não começar o vício e sim, de o fumante parar de fumar.

Também foram poucos os comentários do colégio público. Pub-27 declarou que as propagandas “têm um enfoque careta, quando eu era criança, os *cartoons* do Ziraldo eram mais eficazes”, e Pub-28 foi mais realista, dizendo que “negar que fumar é prazeroso é mentira, então, deve-se esclarecer as consequências”.

Hoje, a propaganda de produtos fumígenos é proibida, mas na época que os professores da nossa amostra começaram a fumar, elas ainda eram permitidas. Nesse tempo, as propagandas e outras modalidades de *marketing* eram produzidas pelas indústrias comparando o fumo ao ritual de ingresso no mundo adulto, o cigarro

era tido como um símbolo de amadurecimento e do modelo de autoimagem perfeito, se tornando atraente ao público, o que incentivava a experimentação.

A Figura 6 mostra a distribuição dos professores não fumantes de acordo com as categorias de modelo de virtudes e a concordância da eficácia das propagandas.

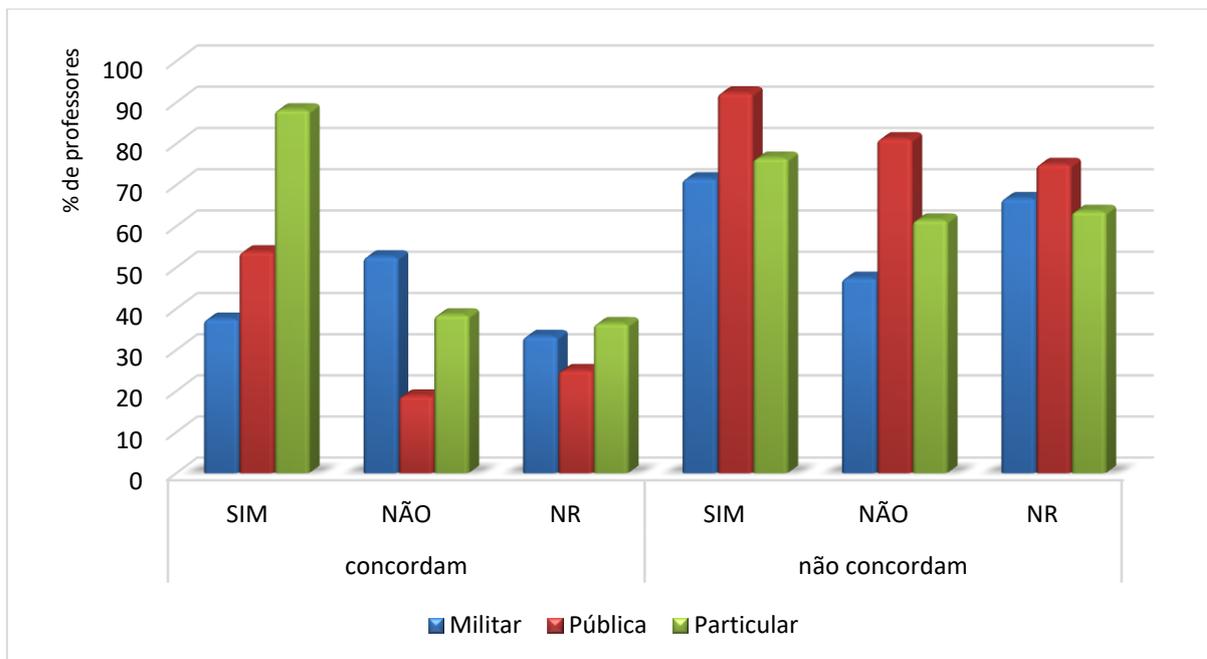


Figura 6 – Distribuição dos professores não fumantes de acordo com a consideração de modelo de virtudes e a concordância da eficácia das propagandas, em porcentagem.

As perguntas 26 e 27 obtiveram a totalidade de concordância dos fumantes e a grande maioria dos não fumantes: 116 (91,3%) para a pergunta 26 e 124 (97,6%) para a pergunta 27. Ninguém quis comentar essas questões.

Assim como foi feito no bloco sobre Tabaco, as perguntas do bloco 4 (Uso de Álcool) também foram divididas em temas: a pergunta 2 serviu para dividir os professores participantes em usuários de álcool e não usuários de álcool. As perguntas 4 a 13, 19 e 20, compreendem Hábitos de Consumo; as perguntas 14 e 27 estão no tema Uso de Álcool e Direção, as perguntas 15 a 18 formam o tema Uso de Álcool e Trabalho, as perguntas 21 a 26 constituem o tema Uso de Álcool e Escola e a pergunta 28 foi analisada separadamente.

Novamente, além da análise comparativa por escola, também foram analisadas e comparadas as respostas dos professores dentro das categorias de modelo para o aluno.

Tabela 11 – Comparativo dos professores que fazem uso de álcool por escola no tema Hábitos de Consumo

Hábitos de Consumo									
quesitos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>1. Você conhece os males que a bebida alcoólica causa no organismo?</b>	não	1	2	1	2,4	-	-	2	1,5
	sim	49	98	40	97,6	46	100,0	135	98,5
	total	50	100	41	100,0	46	100,0	137	100,0
<b>2. Com que frequência você consome bebidas alcoólicas?</b>	Nunca	17	34,0	7	17,1	21	45,7	45	32,8
	Somente nos fins de semana	12	24,0	15	36,6	7	15,2	34	24,8
	De 2 a 3 vezes por semana	5	10,0	1	2,4	3	6,5	9	6,6
	4 ou mais vezes por semana	2	4,0	2	4,9	-	-	4	2,9
	Mensalmente ou menos	7	14,0	12	29,3	12	26,1	31	22,6
	De 2 a 4 vezes por mês	7	14,0	4	9,8	3	6,5	14	10,2
	total	50	100,0	41	100,0	46	100,0	137	100,0
	<b>3. Qual tipo de bebida você costuma beber?</b>	whisky	1	2,1	3	6,1	1	2,9	5
aguardente	1	2,1	1	2,0	-	-	2	1,5	
vinho	21	44,7	15	30,6	13	37,1	49	37,4	
cerveja/chopp	20	42,6	25	51,0	21	60,0	66	50,4	
conhaque	1	2,1	-	-	-	-	1	0,8	
outra	3	6,4	5	10,2	-	-	8	6,1	
Total (das opções)	47	100,0	49	100,0	35	100,0	131	100,0	
<b>4. Você toma mais que um tipo de bebida em uma mesma ocasião?</b>	não	29	87,9	24	70,6	23	92,0	76	82,6
	sim	4	12,1	10	29,4	2	8,0	16	17,4
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0

continua

continuação

questos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>5. Já aconteceu de você <u>não</u> conseguir parar de beber depois de ter começado?</b>	não	26	78,8	29	85,3	21	84,0	76	82,6
	sim	7	21,2	5	14,7	4	16,0	16	17,4
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>6. Já aconteceu de, depois de ter bebido, você deixar de fazer alguma coisa que normalmente faria?</b>	não	17	51,5	17	50,0	12	48,0	46	50,0
	sim	16	48,5	17	50,0	13	52,0	46	50,0
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>7. Já aconteceu de você precisar beber pela manhã para se sentir bem depois ter bebido muito/pesadamente no dia ou na noite anterior?</b>	não	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
	sim	-	-	-	-	-	-	-	-
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>8. Já aconteceu de você se sentir culpado ou com remorso depois de ter bebido?</b>	não	22	66,7	20	58,8	16	64,0	58	63,0
	sim	11	33,3	14	41,2	9	36,0	34	37,0
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>9. Já aconteceu de você não ser capaz de lembrar o que aconteceu depois de ter bebido na noite anterior?</b>	não	25	75,8	23	67,6	16	64,0	64	69,6
	sim	8	24,2	11	32,4	9	36,0	28	30,4
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>10. Já aconteceu de você ferir ou magoar alguém ou de se ferir ou se magoar por causa da bebida?</b>	não	25	75,8	24	70,6	19	76,0	68	73,9
	sim	8	24,2	10	29,4	6	24,0	24	26,1
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0

continua

		conclusão							
questos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>11. Já aconteceu de algum parente, amigo, médico ou outro profissional ficar preocupado com a forma que você bebeu ou sugerir que você diminuísse?</b>	não	25	75,8	28	82,4	20	80,0	73	79,3
	sim	8	24,2	6	17,6	5	20,0	19	20,7
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>12. Já aconteceu de, depois de beber, você brigar com alguém?</b>	não	22	66,7	26	76,5	20	80,0	68	73,9
	sim	11	33,3	8	23,5	5	20,0	24	26,1
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>13. Já aconteceu de, depois de beber, você sofrer algum tipo de acidente?</b>	não	32	97,0	28	82,4	24	96,0	84	91,3
	sim	1	3,0	6	17,6	1	4,0	8	8,7
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>19. Já pensou alguma vez que poderia aproveitar muito mais a vida, se não bebesse?</b>	não	25	75,8	32	94,1	19	76,0	76	82,6
	sim	8	24,2	2	5,9	6	24,0	16	17,4
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>20. Se você considera beber demasiadamente, já tentou parar de beber?</b>	não	1	3,0	8	23,5	6	24,0	15	16,3
	sim	-	-	2	5,9	-	-	2	2,2
	não considero beber demasiado	32	97,0	24	70,6	19	76,0	75	81,5
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0

Na Tabela 11, são mostrados os dados da análise do consumo de álcool pelos professores. Destes, 135 (98,5%) admitiram conhecer os males que as bebidas alcóolicas causam no organismo, porém somente 45 (32,8%) deles se declararam abstêmios. Os dois professores que responderam negativamente à pergunta são, também, fumantes.

Do total dos 137 professores, 45 (32,8%) são abstêmios; portanto são 92 (67,2%) usuários de algum tipo de bebida alcoólica: 33 (35,9%) do colégio militar, 34 (37%) do colégio público, 18 (19,6%) do colégio particular e sete (7,6%) do colégio religioso.

Da frequência do consumo, 34 (24,8%) professores bebem nos finais de semana, nove (6,6%) de duas a três vezes na semana, quatro (2,9%) bebem quatro vezes ou mais por semana, 31 (22,6%) bebem mensalmente ou menos e 14 (10,2%) de duas a quatro vezes por mês. As bebidas preferidas são cerveja/chopp, com 50,4% e o vinho, com 37,4% do total das opções.

Dos professores que fazem uso do álcool, 16 (17,4%) admitiram tomar mais que um tipo de bebida em uma mesma ocasião, às vezes, misturando bebida destilada e fermentada. O mesmo número de professores, mas sem correlação direta, disseram que não conseguiram parar de beber após terem começado. Exatamente a metade (46) admitiram deixar de fazer alguma coisa que normalmente fariam após terem bebido, mas ninguém disse precisar beber na manhã seguinte depois de ter bebido na noite anterior.

Um total de 58 professores (63%) disseram ter se sentido culpados ou com remorso depois de terem bebido e 28 (30,4%) admitiram não serem capazes de se lembrar do que aconteceu depois de terem ingerido álcool na noite anterior. São 24 professores (26,1%) que confessaram já terem magoado alguém por causa da bebida, oito (8,7%), sendo seis do colégio público, já sofreram algum tipo de acidente após terem bebido, como quedas com ou sem ferimentos graves, e 19 (20,7%) já escutaram de amigos ou médicos conselhos para diminuir a ingestão de bebida.

Se analisarmos os professores que disseram “sim” às perguntas 4 a 13, 17 (18,5%) professores responderam “sim” a, pelo menos, seis perguntas, o que poderia ser considerado uma ingestão de quantidade nociva de álcool. Os dados publicados no II LENAD trazem a informação de que 16% de usuários fazem uso de quantidades nocivas de álcool.

Esses professores compreendem sete do colégio militar, seis do colégio público e quatro do colégio particular. A distribuição desses professores entre sexo e idade ficou próxima: oito professores do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades variando de 28 a 64 anos em ambos os sexos.

Ainda analisando esse grupo de 17 professores, oito se consideram modelo de virtude para seu aluno, seis não se consideram modelo de virtude e três não responderam.

A Figura 7 demonstra a divisão dos professores, por escola, entre usuários e não usuários pelas categorias de modelo de virtude.

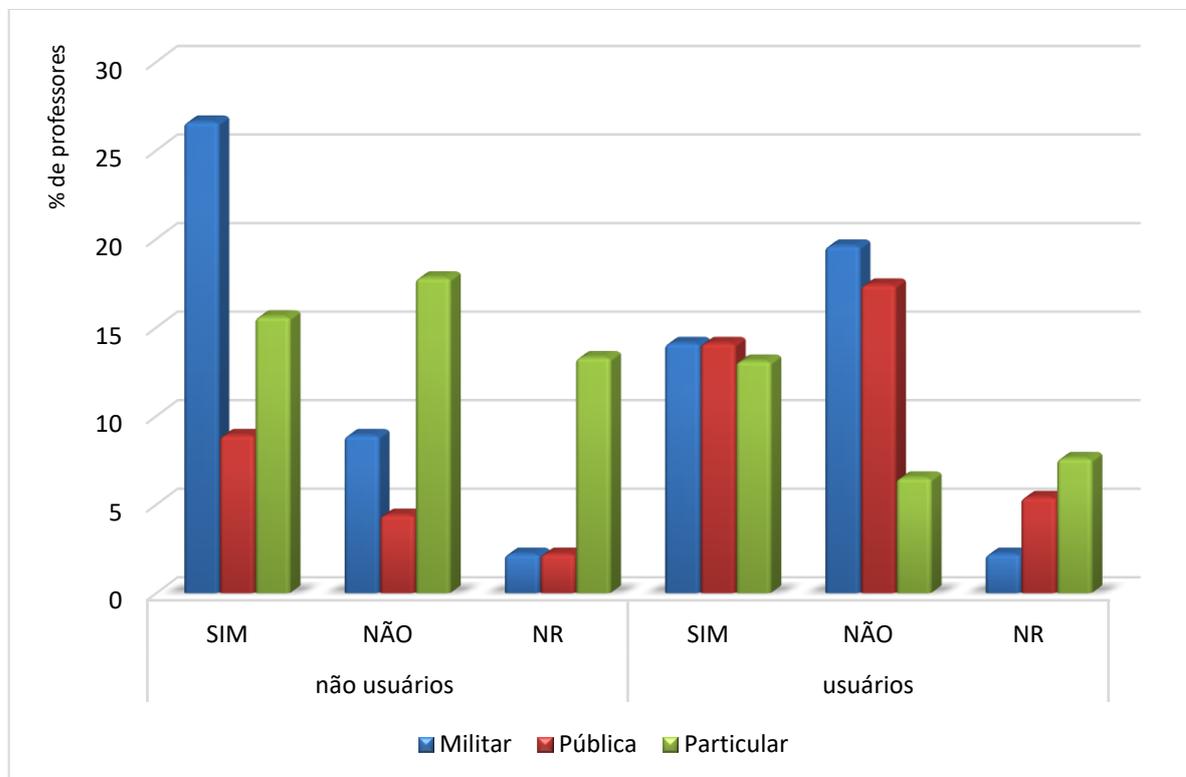


Figura 7 – Comparativo dos professores por escola entre usuários e não usuários pelas categoria de modelo de virtude, em porcentagem.

Entre os não usuários, a maior concentração de professores, 12 (26,6%), consideram serem modelos para seu aluno e são do colégio militar. Já entre os que não se consideram modelo de virtude, todos estão no colégio particular e compreendem seis professores ou 17,8% da amostra.

Entre os usuários, os que não se consideram modelo de virtude estão próximos o colégio militar (n=18; 19,6%) e o colégio público (n=16; 17,4%).

Tabela 12 – Comparativo dos professores no tema Álcool, Direção e Legislação

Álcool, Direção e Legislação																	
		militar				pública				particular				total			
		não usuários		usuários		não usuários		usuários		não usuários		usuários		não usuários		usuários	
questos	variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>14. Depois de beber, você já dirigiu?</b>	não	-	-	11	33,3	-	-	11	32,4	-	-	11	44,0	-	-	33	35,9
	sim	-	-	22	66,7	-	-	23	67,6	-	-	14	56,0	-	-	59	64,1
	total	-	-	33	100,0	-	-	34	100,0	-	-	25	100,0	-	-	92	100,0
<b>27. Você conhece a legislação que aborda o uso do álcool?</b>	não	7	41,2	15	45,5	6	85,7	8	23,5	11	52,4	15	60,0	24	53,3	38	41,3
	sim	10	58,8	18	54,5	1	14,3	26	76,5	10	47,6	10	40,0	21	46,7	54	58,7
	total	17	100,0	33	100,0	7	100,0	34	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	92	100,0

Analisando a Tabela 12, praticamente não há diferença entre a quantidade de professores usuários que admitiram ter dirigido após beber entre os colégios militar (n=22; 66,7%) e o público (n=23; 67,6%). Esse número é um pouco menor (n=14; 56%) no colégio particular. No total, temos 59 professores dos 92 usuários, ou 64,1% que admitiram ter dirigido após beber. Não houve uma correlação significativa desses professores quanto à idade, ao sexo ou ao grau de escolaridade, estando distribuídos equilibradamente nessas variáveis e entre os três colégios.

Quanto ao conhecimento da legislação que aborda o uso de álcool, comparando os usuário com os não usuários por escola, verifica-se que, no colégio militar, dez (58,8%) não usuários e 18 (54,5%) usuários admitiram conhecer a legislação. No colégio público, a relação é inversa: seis professores (85,7%) não usuários admitiram conhecer a legislação enquanto 26 (76,5%) usuários admitiram conhecê-la. No colégio particular, a maioria de usuários (n=15; 60%) e de não usuários (n=11; 52,4%) admitiram não conhecer a lei.

Correlacionando os professores que admitiram dirigir após ter bebido com o conhecimento da lei, temos 10 professores no colégio militar, 17 professores no colégio público e somente 6 no particular que já dirigiram sabendo que era um ato ilegal. No total, são 33 professores de 59, ou seja, 56% dos professores que infringiram conscientemente a lei por dirigir após beber.

Daqueles 17 professores que marcaram resposta “sim” na análise dos hábitos de consumo, 11 já dirigiram após beber. Destes 11, nove alegam que não conhecem a legislação e somente dois, ambos do colégio público, admitem conhecê-la.

Se analisarmos os professores usuários de álcool quanto ao fato de terem ou não dirigido após beber e de terem ou não conhecimento da legislação com a consideração de modelo de virtude para seus alunos, temos os resultados que estão mostrados na Figura 8.

Dos usuários que dirigiram após beber e conhecem a legislação, temos 14 (23,7%) na categoria “SIM” contra 16 (27,1%) na categoria “NÃO”. Temos um número bem aproximado entre os que se consideram e que não se consideram modelos de virtude para seu aluno. Resultado similar encontramos se compararmos aqueles que dirigiram e que afirmam não conhecer a legislação: 11 (18,6%) para os que se consideram modelo contra 12 (20,3%) para os que não se consideram. Aqui

podemos perceber que o fato de se considerar ou não um modelo de virtude para o aluno não influencia a postura do professor usuário em dirigir após beber, o que, se nos é permitido um juízo de valor, parece algo contraditório...

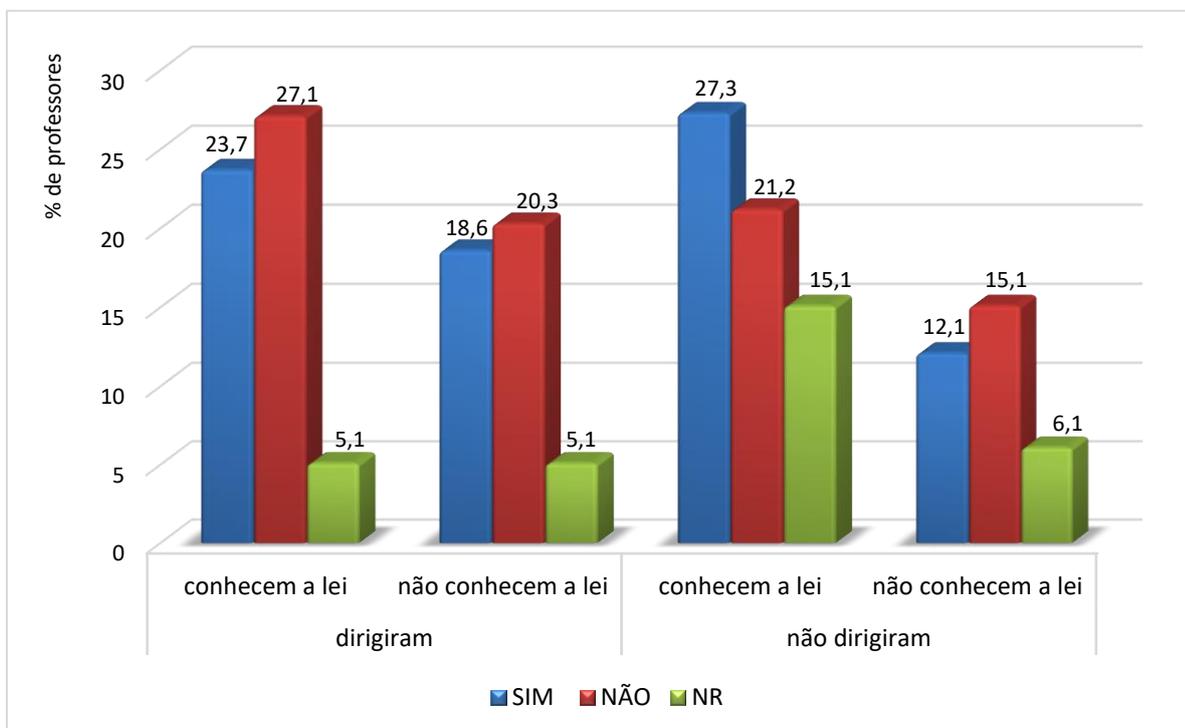


Figura 8 – Comparativo dos professores usuários de álcool que admitiram ou não ter dirigido após beber com o conhecimento ou não da legislação por consideração de modelo de virtude, em porcentagem.

Dos comentários, poucos professores os fizeram sobre a bebida após direção. Os que escreveram eram justificando que tomaram somente uma taça de vinho ou uma latinha de cerveja e que essa quantidade de álcool não afetaria seus reflexos. Rel-6, que não se considera modelo de virtude, escreveu que sempre dirigia após beber, até que uma noite foi pego pela “blitz” e ficou um ano sem a carteira de habilitação. Disse que aprendeu a lição e hoje não dirige caso esteja alcoolizado.

Já se tem conhecimento de que o álcool etílico, assim como outras drogas psicoativas, influencia no comprometimento da capacidade de distribuir a atenção entre as diversas tarefas e objetos na direção do veículo automotor, por seus efeitos no sistema nervoso central atuando como um anestésico geral, tornando lenta e menos eficiente a aquisição e o processamento de informações<sup>77</sup>. Esse

comprometimento, muitas vezes, é a causa ou contribui para a ocorrência de acidentes de trânsito. Dados do DETRAN-DF<sup>78</sup> afirmam que, até abril deste ano, já foram aplicadas 644 multas e 61 pessoas perderam a vida em acidentes envolvendo motoristas alcoolizados.

Da amostra pesquisada, 33 (56%) professores dos 59 dirigiram após beber, apesar do conhecimento da legislação que aborda o uso de álcool e direção, fato este que poderia ter causado acidentes. A maior parte é da escola pública (17). Mesmo que esses professores não se considerem modelo de virtude para seu aluno, isso não justifica tal comportamento. Os demais, 26 (44%), dirigem sem o conhecimento da lei, o que não os exime de culpa em um possível acidente. Professores, pelo conhecimento e pela posição social em educar os jovens deste país, devem ter uma atitude, pelo menos, coerente com as legislações em vigor.

Entre os professores que conhecem a legislação e não dirigem após beber, temos nove (27,3%) professores que se consideram modelo de virtude, nesse caso, agindo de acordo em que acreditam e pregam aos seus alunos.

Numa perspectiva analítica, tem-se que a publicidade de bebidas alcoólicas é um dos importantes fatores influenciadores dos hábitos de consumo de álcool da população. No Brasil, a publicidade de álcool, principalmente da cerveja, é bastante apreciada por sua qualidade e criatividade, e os adolescentes e adultos jovens parecem estar especialmente expostos a ela<sup>79</sup>. Porém, a publicidade das indústrias de cerveja tenta minimizar os danos de seu consumo recomendando moderação – a famosa frase “beba com moderação” – e vinculando unicamente essa responsabilidade com relação à lei seca. A exemplo do que já acontece em relação ao tabaco, ainda não há uma preocupação em proibir o marketing de bebidas alcoólicas<sup>80</sup>, somente algumas regras definidas pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária como resguardar o princípio de proteção para crianças e adolescentes, peças publicitárias sem apelo sensual nem cenas, ilustrações, áudios ou vídeos que sugiram a ingestão do produto e não poderá associar o consumo de bebidas alcoólicas à maturidade, coragem, êxito profissional ou social e maior poder de sedução<sup>81</sup>. Muito ainda há a ser feito no sentido da prevenção.

Tabela 13 – Comparativo dos professores por escola no tema Álcool e Trabalho.

Álcool e Trabalho									
questitos	variáveis	militar		pública		particular		total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
<b>15. Já aconteceu de você faltar ao trabalho depois de ter bebido muito no dia anterior?</b>	não	32	97,0	31	91,2	23	92,0	86	93,5
	sim	1	3,0	3	8,8	2	8,0	6	6,5
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>16. Você já veio trabalhar com ressaca?</b>	não	27	81,8	22	64,7	17	68,0	66	71,7
	sim	6	18,2	12	35,3	8	32,0	26	28,3
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>17. Algum colega de trabalho já reclamou de você ter bebido?</b>	não	33	100,0	33	97,1	25	100,0	91	98,9
	sim	-	-	1	2,9	-	-	1	1,1
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
<b>18. Você já precisou tirar licença para tratamento de saúde própria por doenças relacionadas à ingestão de bebidas alcoólicas?</b>	não	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0
	sim	-	-	-	-	-	-	-	-
	total	33	100,0	34	100,0	25	100,0	92	100,0

A Tabela 13 traz a análise do tema Álcool e Trabalho.

Somente seis (6,5%) professores admitiram já terem faltado ao trabalho após terem bebido no dia anterior. São eles Mil-6, Pub-14, Pub-25, Part-8 e Part-9 (fumante), todos se considerando modelo de virtude, Rel-6; que não se considera e Mil-35 (fumante) que não respondeu. Esses seis professores estão entre os 26 (28,3%) que confessaram já ter vindo trabalhar com ressaca. Desses encontramos um número maior no colégio público, 12 (35,3%), seguido de perto pelo colégio particular, com oito (32%) professores.

Ir trabalhar com ressaca é um grande risco de ser percebido pelo aluno e pode suscitar dúvidas quanto à conduta do professor.

Um professor apenas confessou que algum colega de trabalho já reclamou por ele ter bebido e ninguém precisou tirar licença para tratamento de saúde própria por doenças relacionadas à ingestão de bebidas alcoólicas.

Tabela 14 – Comparativo dos professores por escola no tema Álcool e Escola.

		Álcool e Escola															
		militar				pública				particular				total			
		não usuários		usuários		não usuários		usuários		não usuários		usuários		não usuários		usuários	
questos	Variáveis	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>21. Já aconteceu de algum aluno perceber que você bebe (ou bebeu) e fazer perguntas relacionadas com a ingestão do álcool e a saúde?</b>																	
	não	-	-	32	97,0	-	-	32	94,1	-	-	25	100,0	-	-	89	96,7
	sim	-	-	1	33,0	-	-	2	5,9	-	-	-	-	-	-	3	3,3
	total	-	-	33	100,0	-	-	34	100,0	-	-	25	100,0	-	-	92	100,0
<b>22. Você já presenciou algum aluno utilizando álcool na escola?</b>																	
	não	13	76,5	25	75,8	4	57,1	18	52,9	10	47,6	14	56,0	27	60,0	57	62,0
	sim	4	23,5	8	24,2	3	42,9	16	47,1	11	52,4	11	44,0	18	40,0	35	38,0
	total	17	100,0	33	100,0	7	100,0	34	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	92	100,0
<b>23. Você já orientou algum aluno com o objetivo de esclarecê-lo sobre o uso de álcool?</b>																	
	não	5	29,4	12	36,4	1	14,3	10	29,4	9	42,9	10	40,0	15	33,3	32	34,8
	sim	12	70,6	21	63,6	6	85,7	24	70,6	12	57,1	15	60,0	30	66,7	60	65,2
	total	17	100,0	33	100,0	7	100,0	34	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	92	100,0
<b>24. Já aconteceu de um colega de trabalho ficar perto de você exalando cheiro de álcool?</b>																	
	não	9	52,9	15	45,5	3	42,9	14	41,2	11	52,4	12	48,0	23	51,1	41	44,6
	sim	8	47,1	18	54,5	4	57,1	20	58,8	10	47,6	13	52,0	22	48,9	51	55,4
	total	17	100,0	33	100,0	7	100,0	34	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	92	100,0
<b>26. Você fica constrangido(a) e/ou incomodado(a) quando seu colégio promove campanhas contra o alcoolismo?</b>																	
	não	17	100,0	33	100,0	7	100,0	33	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	91	98,9
	sim	-	-	-	-	-	-	1		-	-	-	-	-	-	1	1,1
	total	17	100,0	33	100,0	7	100,0	34	100,0	21	100,0	25	100,0	45	100,0	92	100,0

A Tabela 14 traz a análise do tema Álcool e Escola, sendo que somente a pergunta 21 teve como público alvo os usuários, enquanto as demais perguntas atingiram todo o efetivo pesquisado, dividido em usuários e não usuários.

Dentre os usuários, somente 3 professores, um no colégio militar (Mil-2) e dois no público (Pub-35 e Pub-28) admitiram ter sido percebidos por alunos que eles faziam uso de bebidas alcoólicas. Somente um, Mil-02, que se considera um modelo de virtude para seu aluno, disse que desconversou, dizendo que era sobre a vida pessoal dele e “que o aluno não tem nada a ver com isso”.

São 53 (38,7%) professores que já presenciaram alunos utilizando álcool na escola, a maioria em colégio particular (22). Nenhum professor dos colégios público e particular fez comentários a essa pergunta, mas dois professores do colégio militar comentaram: Mil-1 disse já ter presenciado alunos tomando aguardente em garrafas de água em sala de aula, tendo denunciado o fato à supervisão escolar e Mil-16 disse já ter dado aulas com alunos claramente alcoolizados em sala, mas não os viu efetivamente beber álcool, também denunciando o fato à supervisão para as devidas providências.

Quanto à oportunidade de orientar alunos com o objetivo de esclarecimento sobre o uso de álcool, a maioria (90; 65,7%) do total de professores já teve essa oportunidade, seja com uma aula formal ou com uma conversa informal. A análise por escola também mostra que a maior parte dos professores, tanto usuários quanto não usuários também já orientou alunos sobre esse tema, o que configura uma preocupação constante do corpo docente na tentativa de minimizar o problema.

Embora na pergunta 17 (Tabela 13), 91 (98,9%) usuários afirmarem negativamente sobre colegas de trabalho já terem reclamado de o professor haver bebido, 73 (53,3%) professores disseram que já tiveram colegas de trabalho exalando cheiro de álcool perto deles. Praticamente todos os comentários a essa pergunta eram de que os professores se afastavam desse colega, não interagindo com ele, nem alertando sobre seu estado. Se o professor, colega de trabalho, percebe o estado do professor usuário de álcool, o que dirá seu aluno, principalmente os das primeiras carteiras, que ficam mais próximo ao docente. É necessária uma postura mais condizente com a função que ele exerce. Se o professor quer beber, pois tem livre arbítrio para isso, que o faça em finais de semanas e/ou feriados, de modo que o álcool já tenha sido totalmente metabolizado pelo organismo antes de ir trabalhar no próximo dia letivo.

E somente um único professor, Pub-24, afirmou se sentir incomodado com eventuais campanhas que o colégio promovesse contra o alcoolismo. Esse professor não se considera modelo de virtude, respondeu “sim” a nove das onze questões sobre hábitos de consumo, disse que bebe somente aos finais de semana – mas não considera que bebe demasiadamente – e já dirigiu alcoolizado mesmo afirmando conhecer a legislação. Segundo esse professor, ele nunca veio trabalhar de ressaca ou precisou faltar ao emprego ou tirar licença por causa da bebida.

Quanto à realização de campanhas contra alcoolismo, os professores comentaram que, quando aconteciam, ficavam restritas às feiras de ciências, o que gera um impacto mínimo e interno. Todos que comentaram foram favoráveis à ampliação dessas campanhas, possivelmente envolvendo toda a comunidade escolar e a local.

As respostas à pergunta 25, “caso algum aluno faça pergunta relacionando a ingestão de álcool e saúde, como você responde?” foram analisadas semelhantemente à pergunta 28 do tabaco. As respostas, em sua íntegra, foram transcritas no Apêndice E.

Foi feita uma análise das respostas quanto ao teor do discurso e essas foram classificadas em sete temas, como descrito abaixo:

- 1) Responderam mostrando aspectos positivos e negativos do álcool;
- 2) Responderam mostrando somente aspectos negativos do álcool;
- 3) Responderam mostrando aspectos positivos e negativos do álcool, mas no final deixam a escolha em consumir ou não para o aluno;
- 4) Proíbem ou aconselham a não beber;
- 5) Omitem-se de responder ou delegam a resposta a outros profissionais;
- 6) Aluno pode beber, desde que tenha responsabilidade;
- 7) Professor confessa que bebe e conversa sobre isso com o aluno;
- 8) Não responderam de forma clara;
- 9) Não responderam.

Dos 137 professores participantes, 11 não responderam de forma clara (categoria 8) e 26 não responderam à pergunta (categoria 9), totalizando 100 respostas válidas.

A Tabela 15 mostra a distribuição dos professores pelas categorias de acordo com sua consideração de modelo de virtude para seu aluno, em números absolutos.

Tabela 15 – Comparativo das categorias de respostas à pergunta 25 do bloco Álcool

Categorias	Usuários										Não Usuários									
	SIM			NÃO			NR			total	SIM			NÃO			NR			total
	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part		Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	
1	-	-	1	3	1	-	-	-	-	5	2	-	1	-	-	-	1	-	-	4
2	5	6	2	6	7	1	1	-	-	28	6	2	3	4	2	4	-	-	-	21
3	-	-	-	1	2	1	-	-	-	4	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
4	2	-	3	2	1	2	-	-	-	10	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
5	1	-	1	1	1	1	1	-	-	6	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
6	3	5	2	-	2	1	-	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	1	1	1	1	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	1	1	-	3	1	-	-	1	-	7	2	-	-	-	-	2	-	-	-	4
9	-	-	2	1	1	-	-	4	6	14	2	-	3	-	-	1	-	1	5	12
Total	13	13	12	18	16	6	2	5	7	92	12	4	7	4	2	9	1	1	5	45
		38			40			14		92		23		15				7		45

A Figura 9 mostra a mesma distribuição somente dos professores que se consideram ou não modelo de virtude (excluídos os professores que não responderam a essa pergunta), pelas sete categorias de respostas válidas, em percentagem.

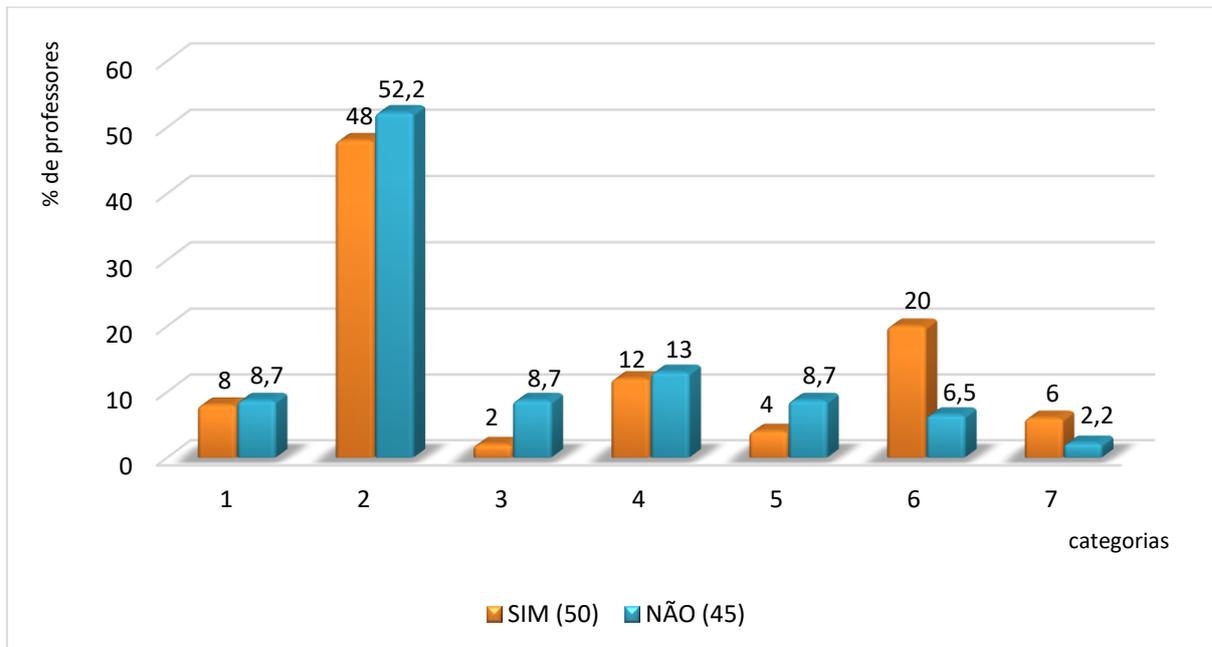


Figura 9 – Comparativo dos professores que se consideram modelo e que não se consideram modelo distribuídos nas sete categorias de respostas válidas para a pergunta 25 do bloco de álcool, em percentagem

Mais da metade dos professores (28 ou 56% dos que se consideram modelo e 28 ou 60,9% dos que não se consideram modelo) disseram que orientariam o aluno explicando aspectos positivos e negativos ou negativos somente.

Dos que explicariam os aspectos negativos e positivos, mas deixando o aluno fazer sua escolha, temos quatro (8,7%) dos professores que não se consideram modelo (sendo todos usuários) enquanto somente um (2%) professor que se considera modelo de virtude faria tal atitude (não usuário).

O número de professores que proibiriam ou aconselhariam o aluno a não beber (categoria 4) ficou próximo entre professores que se consideram (n=6; 12%) e que não se consideram (n=6; 13,0%). Já aqueles professores que se esquivariam da

resposta ou a delegariam a outros profissionais ficou com dois (4%) dos que se consideram contra quatro (8,7%) dos que não se consideram.

Na categoria 6, aqueles que concordam em que o aluno pode beber, desde que com responsabilidade ou na idade adequada, ficou com dez (20%) professores que se consideram modelo contra três (6,5%) dos que não se consideram modelo. Todos os professores que tiveram sua resposta classificada nessa categoria são usuários de bebida alcoólica.

Já poucos professores, três (6%) dos que se consideram e um (2,2%) dos que não se consideram conversariam com o aluno e confessariam a ele que faz uso de bebidas, mas mostrariam ao aluno as responsabilidades e consequências de tais atos.

Nessa mesma linha de pensamento, verificamos que o comportamento de professores que não se consideram modelo de virtude é muito semelhante ao dos que se consideram como um modelo nas categorias 1 e 2, que seriam as principais a serem trabalhadas junto aos alunos, pois levariam informação adequada, possibilitando que eles construam sua própria forma de pensar.

A categoria 3 mostra, apesar de baixa, uma porcentagem maior em professores que não se consideram modelo e usuários. Talvez o fato de esses professores serem usuários de álcool possibilite que achem normal um adolescente perguntar sobre álcool. Mesmo que a explicação seja válida e eficiente, o fato de deixar um adolescente decidir é muito sério, pois não podemos realmente saber se ele tem maturidade para tal, já que os dados da PeNSE 2015 indicam que 73% dos jovens na faixa etária de 15 a 17 anos já experimentaram bebidas alcoólicas, sendo que a primeira dose foi aos 14 anos.

A pergunta 28 do bloco de álcool referia-se a drogas em geral. Traz uma situação hipotética onde o aluno procura o professor para esclarecer suas dúvidas sobre drogas (lícitas ou ilícitas) e tem como objetivo verificar se a resposta/conduta do professor contribuiria para a formação das virtudes (intelectuais e/ou morais) em seus alunos.

Assim como a pergunta 25, as respostas dos professores foram classificadas em nove categorias, mostradas abaixo, de acordo com o teor do discurso que elas apresentavam. As respostas, em sua íntegra, foram transcritas no Apêndice F.

- 1) Responderam mostrando aspectos positivos e negativos das drogas;
- 2) Responderam mostrando somente aspectos negativos das drogas;

- 3) Orientaram, mas reforçam que é escolha do aluno usar ou não;
- 4) Proíbem ou aconselham a não usar;
- 5) Omitem-se de responder ou delegam a resposta a outros profissionais;
- 6) Responderam com exemplos/experiências pessoais;
- 7) Responderam mostrando exemplo de outras pessoas;
- 8) Não responderam de forma clara;
- 9) Não responderam.

Dos 137 professores participantes, 29 não responderam de forma clara (categoria 8) e 26 não responderam à pergunta (categoria 9), de modo que as 82 respostas válidas foram distribuídas nas sete categorias acima descritas.

A Tabela 16 mostra a distribuição dos professores pelas categorias de acordo com sua consideração de modelo de virtude para seu aluno, em números absolutos e a Figura 10 mostra a mesma distribuição somente dos professores que se consideram e não se consideram modelo de virtude (excluídos os professores que não responderam a essa pergunta), pelas sete categorias de respostas válidas, em porcentagem.

Tabela 16 – Comparativo das categorias de respostas à pergunta 28 do bloco Álcool

Categorias	Professores									total
	SIM			NÃO			NR			
	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	Mil	Pub	Part	
1	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2
2	11	7	4	6	6	6	-	-	-	40
3	1	1	-	4	1	-	-	-	-	7
4	2	-	1	1	1	2	-	-	-	7
5	3	2	-	1	2	-	-	-	-	8
6	6	1	4	-	-	1	-	-	-	12
7	1	-	-	1	2	2	-	-	-	6
8	-	6	5	5	6	3	2	1	1	29
9	1	-	5	3	-	-	-	5	12	26
Total	25	17	19	22	18	14	3	6	13	137
		61			54			22		137

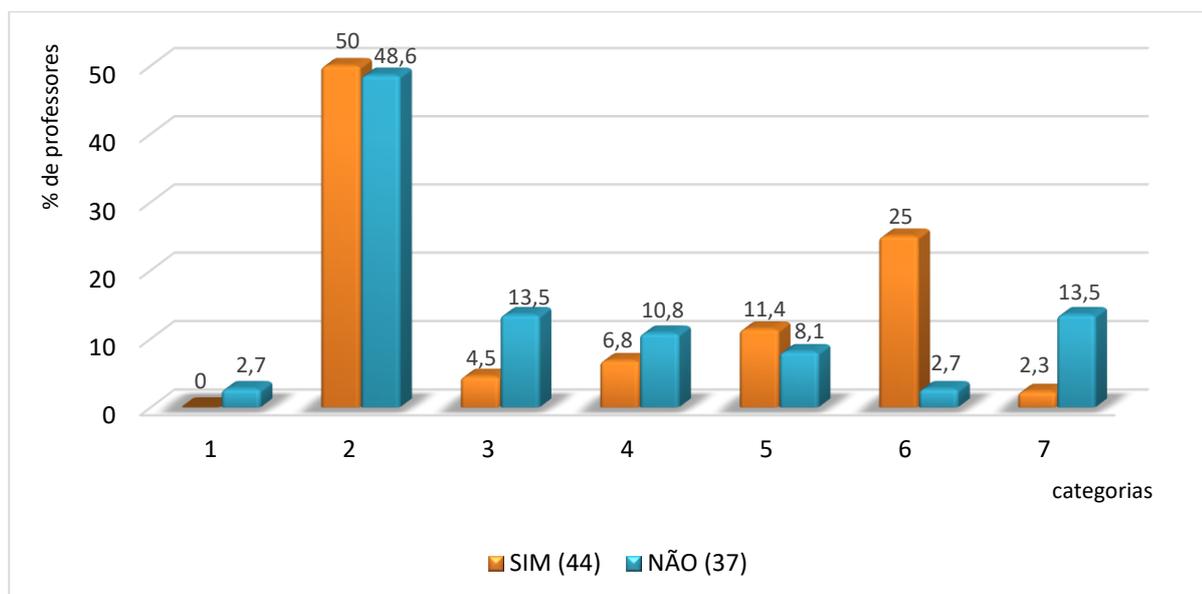


Figura 10 – Comparativo dos professores que se consideram modelo e que não se consideram modelo distribuídos nas sete categorias de respostas válidas para a pergunta 28 do bloco de álcool, em porcentagem.

Podemos visualizar que 22 (50%) professores que se consideram modelo de virtude e 18 (48,6%) professores que não se consideram modelo de virtude para seu aluno teriam a mesma postura em orientar os alunos explicitando os aspectos negativos do uso de drogas (categoria 2). Somente um (2,7%) professor dos que não se consideram modelo tomariam a atitude de mostrar aspectos positivos e negativos das drogas, embora não tenha explicitado qual poderia ser o aspecto positivo de uma substância ilícita.

Os que de alguma forma orientariam mas deixariam a livre escolha para o aluno (categoria 3) são cinco (13,5%) dos que não se consideram contra dois (4,5%) dos que se consideram.

São quatro (10,8%) professores que não se consideram modelo que proibiriam ou aconselhariam o aluno a não usar (categoria 4), oferecendo algum tipo de esclarecimento, contra três (6,8%) dos que se consideram modelo para o aluno.

Um pouco mais de 10% (11,4%, n=5) dos que se consideram e 8,1% (n=3) dos que não se consideram não se assumem capazes de responder e, ou se omitiriam da resposta, ou delegariam essa tarefa para outros professores ou profissionais da área da saúde.

Aqueles que responderiam com exemplos ou experiências pessoais (categoria 6) somam 11 (25%) professores dos que se consideram modelo de virtude e um (equivalente a 2,7%) dos que não se consideram modelo de virtude. Já aqueles que responderiam dando exemplos de outras pessoas (categoria 7), sejam familiares ou personalidades famosas, totalizam um único professor (equivalente a 2,3%) dos que se consideram e cinco (13,5%) dos que não se consideram modelos de virtudes.

Os professores que tiveram sua resposta classificada na categoria 8 e aqueles que não responderam, categoria 9, somam 40% da amostra total.

Um único professor, Pub-28, se colocou como uma pessoa humana, que possui virtudes e falhas, colocando-se apenas como um facilitador do conhecimento, pontuando que a diferença principal entre ele e seu aluno é que possui um pouco mais de conhecimento por ter nascido antes dele e, assim, “*poder guiá-lo sobre onde obter respostas*”, mas efetivamente não soube responder como agiria para responder ao aluno.

A categoria 2 mostra um equilíbrio entre os professores que se consideram modelo com os que não se consideram modelo, mostrando que, independentemente de como o professor se considera, ele age em prol de orientar o aluno da melhor forma, mostrando o aspecto negativo das drogas, orientando o aluno para não as utilizar.

Novamente na categoria 3, os professores que não se consideram modelo deixam o aluno escolher após a explicação. As categorias 4 e 5 mostram um equilíbrio enquanto a 6, 11 professores, todos eles se considerando modelo, orientam o aluno com exemplos pessoais, evidenciando ao adolescente que o professor usa ou já usou drogas. Dependendo do tipo de experiência narrada, poderá ser uma influência benéfica ou não para o estudante.

## 6. CONCLUSÃO

Ao longo da história, o comportamento dos cidadãos era fundamentado em leis definidas de acordo com os costumes predominantes da época. Isso era necessário para assegurar o respeito mútuo entre os indivíduos, havendo o comprometimento das famílias em passar adiante esses padrões de comportamento às gerações seguintes. Esta “educação” era orientada por meio da família, que contava com o auxílio das instituições de ensino. Atualmente, como a família apresenta diferentes conformações geradas pela modernidade e na maioria das vezes, os pais estão ausentes do convívio familiar pela necessidade de trabalhar, essa educação foi transferida para as escolas e, conseqüentemente, para os professores. Assim, a escola se tornou responsável pela formação dos cidadãos, ensinando aos alunos, entre outras coisas, a agir com respeito, com solidariedade e com ética. Essa educação, certamente, refletir-se-á no futuro, na postura profissional e pessoal do aluno, uma vez que estes valores são aprendidos para toda a vida.

Em geral, uma das atribuições dos professores e educadores que trabalham com crianças e adolescentes está na formação de conceitos, de valores, de hábitos, do uso repetido de bons exemplos que devem ser seguidos, a fim de que o costume condicione os alunos à prática de condutas éticas e morais. E, na concepção de MacIntyre, os professores teriam que possuir as virtudes que querem ensinar aos jovens, pois as virtudes são aprendidas em todas as práticas.

Da amostra pesquisada, professores do colégio militar e do público possuem um tempo de docência maior do que os professores dos colégios particular e religioso. Como no colégio militar e no colégio público a contratação é mediante aprovação em concurso público, os profissionais que são aprovados se sentem mais seguros pela estabilidade conquistada e permanecem mais tempo no emprego. Já as escolas particulares e religiosas, a contratação é mediante entrevista/avaliação de currículo, por isso são procuradas por profissionais recém-formados e sem muita experiência no magistério, nem sempre permanecendo no emprego, devido à concorrência de mercado.

Outro ponto verificado é que os professores de colégio militar e do público trabalham em um ou dois turnos enquanto que os professores dos colégios particulares e religiosos trabalham mais turnos (dois ou três). Nesses colégios,

quanto mais horas trabalhadas, maior o salário no mês. Esse fato pode contribuir para aumentar o estresse em seu trabalho e contribuir para o professor procurar relaxar no fumo e na bebida.

Dos 137 professores pesquisados, somente foram encontrados dez fumantes. Essa baixa prevalência pode ser devida ao sucesso das campanhas antitabagistas propostas pelo Governo Federal ou à não aceitação dos professores fumantes em participar da pesquisa.

Esse trabalho também explorou como os professores se consideravam no campo da ética das virtudes, de acordo com a concepção de Aristóteles e MacIntyre. Foram 61 que se consideravam de alguma forma “modelo”, “exemplo” ou “referência” para o seu aluno. Seria de se esperar que esses professores se comportassem como tais dentro e fora da sala de aula. Aqueles que não tinham essa concepção, 54, se consideravam na relação com seus alunos como “formadores do saber”, “amigos”, “educadores” e até “facilitadores do conhecimento”. Também seria de se esperar que esses professores não tivessem a preocupação de ser um referencial positivo para os alunos ou de contribuir de algum modo para a formação de seu caráter. E tivemos 22 professores que não conseguiram se avaliar nessa questão, ou não quiseram dar opinião. A questão principal foi verificar se o professor que possui algum vício (no caso deste trabalho o uso de tabaco e de álcool) teria um comportamento igual ou diferente daquele docente que não possui o vício, ou dentre uma mesma população (usuários ou não usuários) se o fato de se considerar modelo ou não difere em seu comportamento para com o aluno.

O resultado principal que encontramos é que, dentro de sala de aula e na interação com seu aluno, os professores que não se consideram modelo de virtude tiveram um comportamento semelhante aos professores que se consideram modelo de virtude, como no caso de orientação quando veem um aluno fumando na escola (35 SIM x 33 NÃO) ou orientam sobre uso de álcool (usuários: 27 SIM x 25 NÃO e não usuários: 15 SIM x 12 NÃO).

Fora da sala de aula, como explorado na questão de beber e dirigir, verificamos o inverso. Professores que se diziam modelos de virtude tiveram um comportamento semelhante aos que não se consideram modelo, pois dirigiram após haver ingerido álcool, mesmo com o conhecimento da legislação (entre os usuários que dirigiram: 25 SIM x 28 NÃO).

Concluimos que os professores podem ser levados a fumar/beber pelas condições e excesso de trabalho, mas sabem de sua responsabilidade e tentam desestimular o interesse dos alunos pelas drogas; tendo aqui a responsabilidade inerente à figura do professor em educar a próxima geração.

Fora da escola, o professor se despe da responsabilidade pública e passa a ser uma pessoa qualquer e não tem a preocupação de demonstrar ser um modelo de virtude, pois seu aluno está distante.

No caso de professores do ensino médio (e todos os professores que lidam com crianças e adolescentes), é necessário que a conduta dentro e fora de sala de aula seja a mais exemplar possível, pois é inerente à figura pública do professor ter uma responsabilidade pela formação daqueles que estão sob sua tutela.

Mas, como o professor é ser humano, dotado de virtudes e também vícios, ele tem livre arbítrio para, em seu ambiente privado, exceder-se no vício da forma que ele achar melhor, mas precisa se policiar para que, pelo menos em público, seu vício não seja um exemplo para os demais.

É importante ressaltar que o fato de o professor fumar ou beber não desmerece seu trabalho com os alunos, nem desqualifica outras virtudes que o professor possua e que possa demonstrar em sala de aula.

Para realmente sabermos se a postura do professor influencia o jovem quanto ao uso de droga e se ele realmente exerce uma influência na aquisição das virtudes morais e intelectuais do aluno, auxiliando na formação do caráter de um verdadeiro raciocinador prático, como prevê MacIntyre, precisaríamos realizar uma pesquisa com os alunos desses docentes e analisar as respostas obtidas ou mesmo verificar quais foram as condições de iniciação aos hábitos de fumar/beber para verificar se existe alguma correlação com a teoria da reciprocidade de MacIntyre.

Esses temas poderão ser objetos de trabalhos futuros.

## 7. REFERÊNCIAS

1. Öberg M, Jaakkola MS, Woodward A, Peruga A, Prüss-Ustün A. Worldwide burden of disease from exposure to second-hand smoke: a retrospective analysis of data from 192 countries. *Lancet*. 2011; 377(9760):139–46. DOI:10.1016/S0140-6736(10)61388-8.
2. World Health Organization. Global status report on noncommunicable diseases. [homepage na internet] Geneva: WHO; 2010, disponível em [http://www.who.int/nmh/publications/ncd\\_report\\_full\\_en.pdf](http://www.who.int/nmh/publications/ncd_report_full_en.pdf).
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Vigitel Brasil 2016: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2016 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 160p.: il.*
4. Associação do Fumicultores do Brasil [homepage na Internet] Produção agropecuária [acesso em 04/10/2013]. Disponível em <http://www.afubra.com.br/index.php /conteudo/show/id/82>.
5. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco [homepage na internet] [acessado em 24/06/2016]. Disponível em <http://sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/estatisticas-e-infograficos>.
6. Receita Federal [homepage na Internet] Produção de Cigarros no Brasil [acessado em 01/09/2013]. Disponível em <http://www.receita.fazenda.gov.br /DestinacaoMercadorias /ProgramaNacCombCigarroIlegal/ Producao.htm>.
7. Aliança de Controle do Tabagismo [homepage na Internet] Tabagismo em números. [acessado em 30/06/2017]. Disponível em [http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2017/no\\_dia\\_mundial\\_sem\\_tabaco\\_pesquisa\\_revela\\_que\\_gastos\\_com\\_o\\_tabagismo\\_somam\\_quase\\_57\\_bilhoes\\_de\\_reais\\_por\\_ano](http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2017/no_dia_mundial_sem_tabaco_pesquisa_revela_que_gastos_com_o_tabagismo_somam_quase_57_bilhoes_de_reais_por_ano).
8. World Health Organization. Global status report on alcohol and health. [homepage na internet] Geneva: WHO; Library Cataloguing-in-Publications 2014ed, 392p, disponível em [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763\\_eng.pdf?ua=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763_eng.pdf?ua=1).
9. II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al.], São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e

Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP.2014 p. 85.

10. Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA) [homepage na internet] [acessado em 08/07/2016]. Disponível em <http://www.cisa.org.br/artigo/5108/brasil-perde-73-pib-por-ano.php>.
11. Campos HM, Schall VT, Nogueira MJ. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE). *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos de Saúde – Cebes. 2013; 37(97): 336-346.
12. World Health organization WHO Growing up unequal: gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being: health behaviour in school-aged children (HBSC) study: international report from the 2013/2014. Health policy for children and adolescents, n. 7 Survey. Copenhagen, Regional Office for Europe, 2016. 276 p.
13. World Health organization WHO [homepage na Internet] Guide to drug abuse Epidemiology. 2000. Disponível em [www.who.int](http://www.who.int).
14. Portugal, Ministério da Educação. Consumo de substâncias psicoactivas e prevenção em meio escolar. 2007; p 103.
15. Tapert SF, Schweinsburg AD, Barlett VC, Brown SA, Frank LR, Brown et al. Blood Oxygen Level Dependent Response and Spatial Working Memory in Adolescents With Alcohol Use Disorders. *Alcohol Clin Exp Res*. 2004; 28:1577–86.
16. Patton GC, Coffey C, Sawyer SM, Viner RM, Haller DM, Bose K, et al. Global patterns of mortality in young people: a systematic analysis of population health data. *The Lancet*. 2009; 374(9693): 881-92.
17. Pechansky F, Szobot CM, Scivoletto S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Rev Bras Psiquiatr*. 2004; 26(sup.1): 14-17.
18. Chaves LMC, Andrade D. A escola fundamental na prevenção do consumo de álcool e tabaco: retrato de uma realidade. *Rev LatinoAm Enfermagem*. 2005; 13:784-9.
19. Brasil. Ministério do Planejamento. Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional de saúde do Escolar, 2012. 256p.
20. Brasil. Ministério do Planejamento. Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional de saúde do Escolar, 2015. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

21. Kerr-Corrêa F, Andrade AGD, Bassit AZ, & Boccuto NMVF. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. *Rev Bras Psiquiatr.* 1999; 21(2): 95-100.
22. De Micheli D, Formigoni M. Drug use by Brazilian students: associations with family, psychosocial, health, demographic and behavioral characteristics, *Addiction.* 2004; 99(5):570-8.
23. Muza GM, Bettiol H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I- Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Rev Saúde Pública.* 1997; 31(1):21-9.
24. Souza DPO, Silveira Filho DX. Uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. *Rev. Bras. Epidemiol.* 2007; 10(2):276-87.
25. Canoletti B, Soares CB. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. *Interface – Comunic Saúde Educ.* 2005; 9(16):115-19.
26. Maciel SSSV, Maciel WV, Silva JM, Sobral LV, Sobral HV, Steinhauser HC et al. Prevalência do uso de drogas entre professores do ensino médio. *Revista da AMRIGS.* 2012; 56(4):295-9.
27. García de Jesús MC, Ferriani MGC. A escola como “fator de proteção” para drogas: uma visão dos adolescentes e professores. *Rev LatinoAm Enferm.* 2008; 16(especial):590-4.
28. AntiDrogas [homepage na internet] [acessado em 23/05/2013]. Disponível em <http://www.antidrogas.com.br/mostraartigo.php?c=817&msg=Consumo%20de%20%E1lcool%20%E9%20comum%20entre%20professores>.
29. Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas Drogas: cartilha para educadores/Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. - Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010. 48 p.: il. - (Série Por dentro do assunto).
30. Vásquez AS. *Ética.* 24ª ed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2003 – p. 214.
31. NETO HN. *Filosofia da Educação.* São Paulo: Melhoramentos, 1988. p. 11.
32. Marques, R. *O livro das virtudes de sempre: ética para professores.* São Paulo; Landy, 2001.
33. Rampineli EF. Ser ou estar professor? A construção da ética no contexto escolar. *Revista Linhas (revista digital).* 2001; 2(1).
34. Mendes GV. *Aprendizado em Aristóteles: um olhar sobre a educação.* EFDeportes.com. Revista Digital. Buenos Aires. 2011, 16(155).
35. Camps V. *Los valores de la educación.* Madrid: Anaya-Alauda, 1994.

36. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). 54p.
37. Carvalho HBA de. Ética das Virtudes em Alasdair MacIntyre. In Hobuss, J. (org) Ética das virtudes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 280 p.
38. Lima A. Contribuições do Principlismo e da ética de Virtudes à Bioética. Revista Guairacá de Filosofia. 2016; 32(1):46-58.
39. Stadler T. Um ensaio sobre as virtudes: do bem supremo a personificação. Rev Vernáculo. 2008; 21 e 22: 1-10, disponível em [www.revistas.ufpr.br](http://www.revistas.ufpr.br).
40. Hooft Stan van. Ética da virtude. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 277p.
41. Hobuss J. (org) Ética das virtudes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 280 p.
42. Anscombe E. Modern Moral Philosophy. Philosophy. 1958; 33(124): 1-16.
43. Marques R. Ética da Virtude e desenvolvimento moral do aluno – comunicação apresentada no Simpósio Internacional sobre Ativação do Desenvolvimento Psicológico. Universidade de Aveiro, Junho 2006. Disponível em <http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/COMUNICA%C3%87%C3%83%20%20simp%20osio%20UA%20-%20para%20intercala%C3%A7%C3%A3o%20-%20para%20intercala%C3%A7%C3%A3o.pdf>.
44. Beauchamp T, Childress JF. Principles of Biomedical Ethics. 7ª ed, Oxford University Press. 2013, 455p.
45. Cruz J. Edmund Pellegrino: Homenagem a um dos pioneiros da bioética. Rev Bioética Latinoamericana. 2011; 8(1):75-85.
46. Ortona C. O bem-estar do paciente deve suplantar os interesses do médico - entrevista com Edmundo Pellegrino. Revista Ser Médico. 2011; nº 56, ano XIV. Disponível em <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=RevistaSerMedico&id=56>.
47. Pellegrino ED. Humanism and the physician. Knoxville: University of Tennessee Press, 1979.
48. Cruz J. O ensino de uma ética das virtudes nas escolas médicas. Rev de Bioética Latinoam. 2013; 12:108-117.
49. Pellegrino ED. Character formation and the making of good physician. In Nuala, PK, Shelton W. (Eds) Lost Virtue: Professional character development in medical education. Amsterdam: Elsevier, 2006. 253p.
50. Aristóteles. Ética a Nicômaco. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Editora Nova Cultural, SP, 1987. 240p.
51. Marques R. A ética de Alasdair MacIntyre. Disponível em [http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/A%20%C3%89TICA%20DE%20ALASDAIR%20MACINTYRE\[1\].pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20%C3%89TICA%20DE%20ALASDAIR%20MACINTYRE[1].pdf).

52. MacIntyre A. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*; tradução de Jussara Simões; revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Editora EDUSC, SP, 2001. 478p.
53. MacIntyre A. *Dependent rational animals: why human beings need the virtues*. 1999. Chicago: Open Court, 166p.
54. Fontenele TLR. O conceito de educação na filosofia moral de Alasdair MacIntyre. *Saberes*. 2010; 1(4): 48-63.
55. Gomes LA. Filosofia como educação moral: a filosofia da educação em Alasdair MacIntyre. *Saberes*. 2011; 1(6): 65-76.
56. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais*, Brasília, 1997.
57. Aliança de Controle do Tabagismo [homepage na internet] *Tabagismo/histórico* [acessado em 01/09/2013]. Disponível em <http://www.actbr.org.br/tabagismo/historico>.
58. Veloso CHM. [homepage na internet]. [acessado em 05/10/2016]. Disponível em [www.falandosério.sobredrogas.org.br/cap1.htm](http://www.falandosério.sobredrogas.org.br/cap1.htm).
59. Souza Cruz [homepage na internet] [acessado em 08/09/2013]. Disponível em [http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU\\_7UVF24.nsf/vwPages\\_WebLive/DO7V9KPU?opendocument](http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_7UVF24.nsf/vwPages_WebLive/DO7V9KPU?opendocument).
60. Aliança de Controle do Tabagismo [homepage na Internet] *Tabagismo/histórico* [acessado em 01/09/2013]. Disponível em <http://www.actbr.org.br/tabagismo/historico>.
61. World Health Organization. *Confronting the tobacco epidemic in an era of trade liberalization*. WHO/NMH/TFI/01.4, 2001b.
62. *Campaing for Tobacco Free Kids & Action on Smoking and Health (ASH)*. *Confie en nosotros. Somos la indústria tabacalera*. Washington; London, 2001.
63. Cavalcante TM. O Controle do Tabagismo no Brasil: avanços e desafios. *Rev Psiq. Clin*. 2005; 32(5): 283-300.
64. Viala-Artigues J, Mechetti C. *Histoire de l'alcool archéologie partie 1*. [acessado em 18 mar 2012]. Disponível em [http://www.alcoologie.org/documentation/article.php3?id\\_article=118](http://www.alcoologie.org/documentation/article.php3?id_article=118).
65. Purcell N. The way we used to eat: Diet, community, and history at Rome. *American journal of Philology*. 2003; 124(3): 329-358.
66. Jerome HJ. The concept of dependence: historical reflections. *Alcohol Health and Research World*. 1993; 17:188-190.
67. *History of Alcohol*. Alcohol and Tobacco tax and Trade Bureau. US Department of Treasure.

68. World Health organization WHO [homepage na Internet] Lexicon of alcohol and drug terms 1994. Disponível em [http://www.who.int/substance\\_abuse/terminology/lexicon\\_alcohol\\_drugs\\_spanish.pdf](http://www.who.int/substance_abuse/terminology/lexicon_alcohol_drugs_spanish.pdf).
69. Diagnostic Criteria for Alcohol Abuse and Dependence – National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (NIAAA) - Alcohol Alert, No 30, 1995. Disponível em <http://pubs.niaaa.nih.gov/publications/aa30.htm>.
70. Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) [homepage na internet] [acessado em julho de 2016]. Disponível em <http://www.uniad.org.br/interatividade/noticias/item/24326-metade-dos-motoristas-presos-no-df-por-embriaguez-em-2016-%C3%A9-reincidente>.
71. Minayo MCS. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1996.
72. Bardin L. Análise de Conteúdo. São Paulo (SP): Edições 70; 2011.
73. Carlini EA, Nappo AS, Galduróz JCF, Neto AR. Drogas Psicotrópicas – o que são e como agem. Revista IMESC. 2001; 3:9-35.
74. Cunha GH, Jorge ARC, Fontenele MMF, Viana GS, Vasconcelos SMA. Nicotina e Tabagismo. Revista Eletrônica de Pesquisa Médica. 2007; 1(4): 1-10. Disponível em <http://www.fisfar.ufc.br/pesmed>.
75. Godoi AMM, Garrafa V. Leitura bioética do princípio de não discriminação e não estigmatização. Saúde Soc. São Paulo. 2014; 23(1):157-166.
76. Fortes PAC. Entre o estado, a sociedade e o indivíduo: uma reflexão bioética sobre as noções divergentes de controle social e a saúde pública. RBB 2005; 1(4):350-62.
77. Souza M, Muñoz DR A influência do álcool e outras drogas na condução de veículos automotores e a utilização do exame clínico como meio de prova nas infrações e crimes de trânsito. Saúde, Ética & Justiça, 2000-2002; 5/7(1-2):24-31.
78. DETRAN [homepage na internet] [acessado em maio/2017]. Disponível em <http://www.detran.df.gov.br/o-detran/estatisticas-do-transito/acidentes.html>.
79. Pinsky I, Sanches M, Zaleski M, Laranjeira R, Caetano R. Exposure to alcohol advertising among youngsters in Brazil: results from the 2006 Brazilian national alcohol survey. Alcohol Clin Exp Res. 2007; 31(6):245.
80. Araújo AJ. Tabagismo na adolescência: Por que os jovens ainda fumam?. J Bras Pneumol. 2010; 36(6):671-673.
81. CONAR [homepage na internet] [acessado em junho/2017] Disponível em <http://www.conar.org.br/codigo/codigo.php>, anexo A.

## APÊNDICE A - TCLE



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA

### ***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE***

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto **Estudo sobre uso de álcool e tabaco por professores de quatro escolas no Distrito Federal: análise sob a ótica da Bioética de Intervenção**.

O objetivo desta pesquisa é conhecer a magnitude da ingestão de bebidas alcoólicas e do uso do tabaco por professores de quatro escolas de ensino médio localizados no Plano Piloto, Distrito Federal, conforme citadas a seguir: pública, particular, religiosa e militar. Associados à mensuração de grandeza, serão pesquisados os aspectos bioéticos relacionando os professores usuários e seus conhecimentos da legislação sobre o uso das referidas drogas e de questões éticas envolvendo a relação de docência com os alunos.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação será através de um questionário na data combinada (\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_) com um tempo estimado de 10 minutos para sua realização. O(A) senhor(a) livre para poder recusar-se a responder a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa a momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). A participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são possíveis desconfortos devido ao tempo de preenchimento, o que pode ser sanado incluindo-se pausas no preenchimento. Se você aceitar participar, estará contribuindo para ajudar na promoção de políticas públicas, como campanhas ou palestras voltadas exclusivamente para esses profissionais, o que poderia melhorar sua qualidade de vida.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de, no mínimo, cinco anos; após isso, serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para Edilnete Bezerra, pelo telefone 8568-2572, no período vespertino, ou para o Prof. Sadi Monteiro, tel 9384-2261, em horário comercial.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à

assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail [cepfs@unb.br](mailto:cepfs@unb.br) ou [cepfsunb@gmail.com](mailto:cepfsunb@gmail.com), horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira, localizado na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o senhor(a).

---

Nome / assinatura

---

Pesquisador Responsável  
Edilnete Maria Bessa Bezerra

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciências da Saúde  
Programa de Pós-Graduação em Bioética

### PERFIL DO PROFESSOR:

Questionário  
nº \_\_\_\_\_

- a) Idade: \_\_\_\_\_ anos
- b) Sexo: ( )F ( )M
- c) Naturalidade: \_\_\_\_\_
- d) Estado civil: ( ) com companheiro ( ) sem companheiro
- e) Tem filhos: ( ) não ( ) sim. Quantos? \_\_\_\_\_
- f) Regime de trabalho ( ) DE ( ) 40h ( ) 20h ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- g) Carga horária semanal efetivamente em sala de aula: \_\_\_\_\_(tempo médio)
- h) Tempo de atuação na área docente: \_\_\_\_\_ anos
- i) Turno(s) trabalhado(s): ( ) matutino ( ) vespertino ( ) noturno
- j) Escola que trabalha: \_\_\_\_\_
- k) Além desta, trabalha em outra escola? ( ) não ( ) sim. Qual? ( ) Particular ( ) Pública
- l) Escolaridade: ( ) graduação ( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado ( ) pós-doutorado
- m) Disciplina que leciona: \_\_\_\_\_
- n) Religião: \_\_\_\_\_

Professor, por gentileza, leia as frases abaixo e marque a alternativa de acordo com sua opinião:

**1. Como professor(a), colaboro para a formação da moralidade de estudantes por meio de ensinamentos e exemplos na convivência escolar.**

( ) Concordo ( ) Discordo *Se quiser, comente:* \_\_\_\_\_

---

**2. A figura do professor serve de inspiração ou de modelo para a formação do caráter dos alunos.**

( ) Concordo ( ) Discordo *Se quiser, comente:* \_\_\_\_\_

---

**3. Justamente pela função de ensinar os mais novos, é necessário que a conduta do professor seja moralmente exemplar (entendida aqui como respeitosa, honesta, responsável, justa, ilibada, etc).**

( ) Concordo ( ) Discordo *Se quiser, comente:* \_\_\_\_\_

---

**4. Sou feliz exercendo a profissão de professor.**

( ) Concordo ( ) Discordo *Se quiser, comente:* \_\_\_\_\_

---

**5. Ao professor(a) cabe ensinar somente o conteúdo, pois o ensino de valores cabe à família do aluno.**

( ) Concordo ( ) Discordo *Se quiser, comente:* \_\_\_\_\_

---

**6. Como professor, comente o que você acha que você realmente representa para a vida de seu aluno.**

---



---

**INSTRUMENTO DE COLETA DE  
DADOS (TABACO)**

Professor, por gentileza, queira responder às questões abaixo de acordo com sua realidade, marcando somente uma alternativa em cada questão.

**1. Você fuma?**

Não  Sim

Marca: \_\_\_\_\_

*Se você respondeu não, justifique o motivo e passe para a questão 17.*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**2. Com que idade fumou pela primeira vez?**

\_\_\_\_\_

**3. Quando fumou pela primeira vez, você estava**

sozinho(a)  com algum familiar

com colegas de escola

outro: \_\_\_\_\_

**4. O que levou você a fumar?**

curiosidade  influência  brincadeira

autoafirmação  mídia

outro: \_\_\_\_\_

**5. Quando começou a fumar, você era consciente do mal que o cigarro causa?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**6. Você já tentou parar de fumar?**

Não  Sim. Quantas vezes?

\_\_\_\_\_

*Se já tentou e não conseguiu, qual foi o motivo?*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**7. Quantos cigarros você fuma por dia?**

até dez  de onze a vinte

mais de uma carteira

**8. Você acha difícil não fumar em lugares proibidos, como igrejas, ônibus, etc?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**9. Você fuma mesmo doente?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**10. Você já precisou tirar licença para tratamento de saúde pelo uso do cigarro?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**11. Você fuma logo antes de entrar em sala de aula?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**12. Algum aluno já percebeu o odor do cigarro em você?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**13. Já aconteceu de algum aluno perceber que você fuma (ou fumou) e fazer perguntas relacionadas com o uso do tabaco e a saúde?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**14. Você se sente discriminado(a) e/ou estigmatizado(a) por ser fumante?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**15. Você já foi discriminado(a) e/ou estigmatizado(a) por ser fumante em algum momento?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**16. Você se sente constrangido(a) e/ou incomodado(a) quando seu colégio promove campanhas contra o tabagismo?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**17. Você já presenciou algum aluno fumando na escola?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**18. Você já orientou algum aluno com o objetivo de esclarecê-lo sobre o fumo?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**19. Você se incomoda com pessoas fumando próximo de você em vias ou locais públicos?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**20. Você se incomoda com a fumaça do cigarro quando fumam perto de você?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**21. Você se incomoda com o cheiro do cigarro que a pessoa exala quando acabou de fumar?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**22. Você se incomoda/importa com os resíduos de cigarro jogados no chão nas vias ou locais públicos?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**23. Você convive diariamente com um ou mais fumantes?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**24. Você prende a respiração quando passa por um fumante?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**25. Você acredita que as propagandas contra o tabagismo são eficazes em influenciar os jovens a não fumar?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**26. Você concorda que haja essas propagandas contra o tabagismo?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**27. Você é a favor da lei que proíbe o fumo em lugares fechados?**

Não  Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

**28. Em sua opinião, o que se poderia fazer para evitar/minimizar os professores fumarem na escola?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (ÁLCOOL)

*Professor marque somente uma alternativa em cada questão, o mais próximo de sua realidade.*

**1. Você conhece os males que a bebida alcoólica causa no organismo?**

Não  Sim

**2. Com que frequência você consome bebidas alcoólicas?**

Nunca

somente nos fins de semana

De 2 a 3 vezes por semana

4 ou mais vezes por semana

Mensalmente ou menos

De 2 a 4 vezes por mês

*Se respondeu nunca, passe para a pergunta 22.*

**3. Qual tipo de bebida você costuma beber?**

- ( ) whisky  
 ( ) aguardente  
 ( ) vinho  
 ( ) cerveja/chopp  
 ( ) conhaque  
 ( ) outra. Qual? \_\_\_\_\_

**4. Você toma mais que um tipo de bebida em uma mesma ocasião?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**5. Já aconteceu de você não conseguir parar de beber depois de ter começado?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**6. Já aconteceu de, depois de ter bebido, você deixar de fazer alguma coisa que normalmente faria?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**7. Já aconteceu de você precisar beber pela manhã para se sentir bem depois ter bebido muito/pesadamente no dia ou na noite anterior?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**8. Já aconteceu de você se sentir culpado ou com remorso depois de ter bebido?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**9. Já aconteceu de você não ser capaz de lembrar o que aconteceu depois de ter bebido na noite anterior?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**10. Já aconteceu de você ferir ou magoar alguém ou de se ferir ou se magoar por causa da bebida?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**11. Já aconteceu de algum parente, amigo, médico ou outro profissional ficar preocupado com a forma que você bebeu ou sugerir que você diminuísse?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**12. Já aconteceu de, depois de beber, você brigar com alguém?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**13. Já aconteceu de, depois de beber, você sofrer algum tipo de acidente?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**14. Depois de beber, você já dirigiu?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**15. Já aconteceu de você faltar ao trabalho depois de ter bebido muito no dia anterior?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**16. Você já veio trabalhar com ressaca?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**17. Algum colega de trabalho já reclamou de você ter bebido?**

- ( ) Não ( ) Sim  
*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

18. *Você já precisou tirar licença para tratamento de saúde própria por doenças relacionadas à ingestão de bebidas alcoólicas?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

19. *Já pensou alguma vez que poderia aproveitar muito mais a vida, se não bebesse?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

20. *Se você considera beber demasiadamente, já tentou parar de beber?*

( ) Não ( ) Sim

( ) Não considero beber em demasia

*Se já tentou e não conseguiu, qual foi o motivo?*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

21. *Já aconteceu de algum aluno perceber que você bebe (ou bebeu) e fazer perguntas relacionadas com a ingestão do álcool e a saúde?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

22. *Você já presenciou algum aluno utilizando álcool na escola?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

23. *Você já orientou algum aluno com o objetivo de esclarecê-lo sobre o uso de álcool?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

24. *Já aconteceu de um colega de trabalho ficar perto de você exalando cheiro de álcool?*

( ) Não ( ) Sim

*Comente como você reagiu* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

25. *Caso algum aluno faça uma pergunta relacionando ingestão de álcool e saúde, como você responde?*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

26. *Você fica constrangido(a) e/ou incomodado(a) quando seu colégio promove campanhas contra o alcoolismo?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

27. *Você conhece a legislação que aborda o uso do álcool?*

( ) Não ( ) Sim

*Se quiser, comente* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

28. *Se algum aluno o(a) abordar com perguntas/dúvidas sobre drogas (lícitas ou ilícitas), como você seria capaz de contribuir para a formação de virtudes intelectuais e morais em seu caráter a respeito desse tema?*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE C – RESPOSTA A PERGUNTA 6, DO BLOCO VIRTUDE “Como professor, comente o que você acha que você realmente representa para a vida de seu aluno?”**

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-1	NR	NR
Mil-2	"Uma referência para o conteúdo e atitudes."	SIM
Mil-3	"Creio que sou um exemplo na aquisição de valores, além de um formador de opinião."	SIM
Mil-4	"Penso que o professor é uma figura de amizade e conteúdo convivendo muitas horas com cada aluno e com certeza se forma, de modo geral, uma relação de afeto e respeito."	NÃO
Mil-5	"Represento mais uma pessoa que ele pode sim, ter como exemplo. Não como mestre maior, mas como uma pessoa normal, que erra, porém com muito a ensinar."	SIM
Mil-6	"Uma pessoa que pode ajudar a formar o seu caráter e prepará-lo para a vida."	SIM
Mil-7	"Exemplo em todos os sentidos."	SIM
Mil-8	"Enquanto aluno, tive professores que foram referência profissional e pessoal para mim. Enquanto professor, vejo que tenho potencial para ser, da mesma forma, referência para meus alunos."	SIM
Mil-9	"O professor serve de modelo de conduta e tem impacto afetivo sobre os educandos."	SIM
Mil-10	NR	NR
Mil-11	"Um mediador na busca e aprimoramento do conhecimento aprendido e a aprender."	NÃO
Mil-12	"Exerço um papel como mediador de determinados conteúdos vinculados à Geografia, mas também o papel de ator social que influencia e é influenciado nas relações que estabelece com os outros."	NÃO
Mil-13	"Um profissional comprometido com o desenvolvimento profissional, próprio e dos alunos, e com o resgate dos valores e virtudes humanos."	SIM
Mil-14	"Exemplo e orientação."	SIM
Mil-15	"Aquele que professa/transmite o conhecimento e que, minimamente, contribui com sua formação intelectual."	NÃO
Mil-16	"Creio que represento, na posição de docente, uma facilitadora para a aquisição de conhecimentos e além disso, uma professora que busca ter uma conduta adequada."	NÃO
Mil-17	"Uma pessoa mais velha que ajuda na caminhada do conhecimento."	NÃO
Mil-18	"Um sujeito que permite a ela contemplar outras possibilidades de ser. O professor, ao meu ver, mostra ao aluno que realidade não é estática."	NÃO

continua

continuação

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-19	"Considero ser mais uma pessoa da qual pode servir-lhe de referência para a formação intelectual e moral."	SIM
Mil-20	"Represento uma pessoa amiga que pode orientar os alunos e contribuir em sua formação como cidadão."	SIM
Mil-21	"Alguém que está ajudando em sua conquista do conhecimento."	NÃO
Mil-22	"O professor é mais uma importante referência para a construção da identidade e para a formação do caráter do aluno. Assim me vejo e desta forma trabalho."	SIM
Mil-23	"Depende muito do aluno; alguns o verão como uma etapa a ser vencida, outros como alguém que pode auxiliá-lo em sua formação."	NÃO
Mil-24	"Um orientador, motivador, despertador de possibilidades."	NÃO
Mil-25	"O futuro, em síntese. Com todas as dúvidas e ambiguidades que a projeção produz."	NÃO
Mil-26	"Para alguns alunos, posso representar um exemplo a ser seguido."	SIM
Mil-27	"Acho que o professor representa muito para o desenvolvimento do caráter, além do intelectual do aluno. É influência de vida!!"	SIM
Mil-28	"Possivelmente um modelo de hodiernas e futuras condutas."	SIM
Mil-29	"É da natureza humana aprender "comparando" os referenciais que vemos ao longo do nosso desenvolvimento. Nossos professores são alguns desses referenciais."	SIM
Mil-30	"O professor é apenas um facilitador da aprendizagem, cabe ao aluno e família esforço para atingir seus objetivos."	NÃO
Mil-31	"Depende da relação que se construiu com cada aluno, posso servir de exemplo para alguns e ser irrelevante na vida de outros. Depende da empatia, eu acho."	NÃO
Mil-32	NR	NR
Mil-33	"O professor tem potencial para estimular os alunos a descobrir e desenvolver suas melhores habilidades."	NÃO
Mil-34	"Um exemplo a ser seguido, como pessoa, em suas atitudes, além dos outros (pais, amigos)."	SIM
Mil-35	"Para aqueles que consigo tocar de algum modo, represento uma voz que luta pela emancipação da sociedade por meio da linguagem."	NÃO
Mil-36	"Busco representar para meus alunos um ser em constante transformação que, apesar disso, é cidadão, buscando valores que mantenham a sociedade de "pé" e em harmonia e também conhecimento para o desenvolvimento dela."	NÃO
Mil-37	"Represento uma pessoa importante para o futuro de cada um."	NÃO
Mil-38	"Como professor acho que não sou relevante, pois a sociedade brasileira desvaloriza a educação."	NÃO

continua

continuação

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-39	"Um exemplo. Uma pessoa com quem pode compartilhar seus medos e aspirações."	SIM
Mil-40	"O professor representa um importantíssimo foco afetivo para o aluno."	NÃO
Mil-41	"O professor é um mediador formando uma ponte para o conhecimento."	NÃO
Mil-42	"Um exemplo."	SIM
Mil-43	"Exemplo profissional e de conduta."	SIM
Mil-44	"Um exemplo e um direcionador para o caráter."	SIM
Mil-45	"O papel de aquisição de conhecimentos para da vida e para trabalho escolar."	NÃO
Mil-46	"Represento a pessoa que pode direcionar, ensinar, corrigir, orientar e apoiar o aluno em sala de aula, bem como fora da sala de aula."	SIM
Mil-47	"O professor sempre terá ascendência moral sobre o aluno, principalmente nas séries iniciais."	SIM
Mil-48	"Conforme descrito na afirmação 2: inspiração ou modelo para a formação do caráter."	SIM
Mil-49	"O professor deve ser um semeador não apenas de informação e saberes, mas também de valores formativos."	SIM
Mil-50	"O importante é o produto final (cidadão) que a escola entrega à sociedade."	NÃO
Pub-1	"Quero fazer que os alunos virarem questionadores."	NÃO
Pub-2	"O professor ensina não somente o conteúdo, muitas vezes serve como psicólogo, ombro amigo, família e/ou uma pessoa que eles têm confiança de falar problemas pessoais ou tirar dúvidas sobre questões que têm receio de falar com outro adulto."	NÃO
Pub-3	"Hoje, depois de tantos anos, acho que a maioria dos alunos vem à escola para fazer o social. A minha importância é de tentar fazer a diferença no ensino de artes."	NÃO
Pub-4	"Orientação, educação, empreendedorismo."	NÃO
Pub-5	"No ensino médio temos alunos que te veem como exemplos de vida. A afetividade envolvida na relação pode ajudar essa visão."	SIM
Pub-6	"Para alguns represento autoridade, para outros, referência intelectual, para outros, um problema."	NÃO
Pub-7	"Como professora, sou exemplo de moral para meus alunos."	SIM
Pub-8	"Formadora de cidadãos críticos e questionadores."	NÃO
Pub-9	"Quero contribuir na formação profissional e pessoal do aluno para ser um indivíduo ético e tem preocupação com o bem estar comum."	SIM
Pub-10	"Inspiração e motivação para o futuro. Referência para resolução de problemas."	SIM

continua

continuação

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Pub-11	"Varia de aluno para aluno, desde "um ídolo" até um inimigo, ou mesmo um "mané"."	NÃO
Pub-12	"Represento um cidadão como qualquer outro com formação e desempenho uma profissão com responsabilidade."	NÃO
Pub-13	"Para alguns, o professor é amigo, pai, conselheiro, além, é claro, educador."	NÃO
Pub-14	"Inspiração, exemplo de valores importantes: disciplina, organização, profissionalismo."	SIM
Pub-15	"Represento exemplo de determinação, superação de limites."	SIM
Pub-16	"Uma referência e um formador de opinião."	SIM
Pub-17	NR	NR
Pub-18	"Um canal de comunicação."	NÃO
Pub-19	"Modelo de conduta social."	SIM
Pub-20	"O professor pode contribuir tanto para uma aspecto positivo quanto negativo na vida de um aluno, principalmente por conta da forma como nos relacionamos, como vemos um ao outro. Acredito ser uma via de mão dupla."	NÃO
Pub-21	"Um exemplo de ser humano que pode ser seguido, caso assim queiram."	SIM
Pub-22	NR	NR
Pub-23	"Referência, conhecimento, cultura."	SIM
Pub-24	"Um amigo."	NÃO
Pub-25	"Represento um exemplo de que precisa de esforço e sacrifício para conseguir algo na vida e que não importa de onde veio e sim do que você busca."	SIM
Pub-26	NR	NR
Pub-27	"Sou um exemplo e um apoio acadêmico, profissional e de cidadania."	SIM
Pub-28	"Uma facilitadora e disseminadora de informações, capaz de criar CURIOSIDADE em meu aluno para que ele tenha interesse e autonomia em aprender."	NÃO
Pub-29	"Depende da abordagem do professor do aluno, se ocorrer, o professor será visto como um exemplo."	SIM
Pub-30	"Represento uma esperança de dias melhores. Uma perspectiva de futuro e melhoria de sua condição social."	NÃO
Pub-31	NR	NR
Pub-32	"O professor é aquele que transmite conhecimento e valores para a construção de uma sociedade melhor."	SIM
Pub-33	"Uma pessoa amiga."	NÃO

continua

continuação

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Pub-34	“Represento uma possibilidade de aumentar a visão de mundo desse aluno, não só nos aspectos do mundo natural, mas nos aspectos sociais, culturais, etc.”	NÃO
Pub-35	NR	NR
Pub-36	“Um professor que de alguma forma serve como exemplo e como elemento capaz de criar um senso crítico no aluno, permitindo a ele uma nova visão de vida e do mundo.”	SIM
Pub-37	“Educador, exemplo, conselheiro, referência.”	SIM
Pub-38	“Uma parte pequena; poucos se sensibilizam com o exemplo do professor.”	SIM
Pub-39	NR	NR
Pub-40	“Acima de tudo um educador.”	NÃO
Pub-41	“Represento a busca por um futuro baseado no conhecimento.”	NÃO
Part-1	NR	NR
Part-2	"Educador e transmissor do conhecimento."	NÃO
Part-3	"Educador, orientador."	NÃO
Part-4	"Influência positiva como modelo inspirador, ou por vezes, negativa, como modelo a ser rejeitado."	SIM
Part-5	"Exemplo"	SIM
Part-6	NR	NR
Part-7	NR	NR
Part-8	"Exemplo"	SIM
Part-9	"Exemplo ou espelho."	SIM
Part-10	"Posso representar uma alternativa de exemplo em relação aos exemplos do cotidiano familiar."	SIM
Part-11	"Represento um indivíduo com certo conhecimento que auxilia o aluno em seu desenvolver intelectual."	NÃO
Part-12	"Referência."	SIM
Part-13	NR	NR
Part-14	“Como professor, eu represento um espelho para o meu aluno, portanto devo dar exemplo de um comportamento adequado a ser seguido.”	SIM
Part-15	“Inspiração, exemplo.”	SIM
Part-16	“De acordo com as respostas anteriores somos um exemplo em muitas situações, dependendo das situações vivenciadas em sala.”	SIM
Part-17	NR	NR
Part-18	NR	NR
Part-19	NR	NR

continua

continuação

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Part-20	NR	NR
Part-21	NR	NR
Part-22	NR	NR
Part-23	NR	NR
Part-24	NR	NR
Part-25	"Exemplo, limite e aprendizado."	SIM
Part-26	"Represento uma pessoa educada que tenta mostrar aos alunos que é preciso se dedicar e ser correto na vida."	NÃO
Part-27	"Alguém que apresenta caminhos para que conquistem os objetivos."	NÃO
Part-28	"Ensinar a gramática é a menor das minhas contribuições à formação dos meus alunos. Carrego comigo hábitos e crenças que são transmitidos muitas vezes de forma inconsciente. Sou referência enquanto "figura pública"."	SIM
Part-29	"Inspiração."	SIM
Part-30	"Um ponto de referência, um exemplo de vida."	SIM
Rel-1	"Represento alguém que pode contribuir na formação ética e epistemológica dos alunos."	NÃO
Rel-2	"Acredito que sou um exemplo para os alunos."	SIM
Rel-3	"Educador, formador de opiniões, "amigo"/parceiro no ensino-aprendizagem."	NÃO
Rel-4	"Formador de várias instâncias da vida escolar do aluno."	NÃO
Rel-5	"Levo o conhecimento e também como formador de opinião."	NÃO
Rel-6	"Acho que represento uma figura de saber e alguém cuja opinião sobre o que eles produzem é importante."	NÃO
Rel-7	NR	NR
Rel-8	"Importante e responsável pelo processo de ensinar e avaliar a aprendizagem dos diversos personagens que compõem a comunidade escolar, isto é, o aluno. Eu me sinto autor desse processo."	NÃO
Rel-9	"Exemplo com atitudes do que eu ensino e do que eu vivo."	SIM
Rel-10	"Um intermediário, que leva o conhecimento, e auxilia o crescimento intelectual."	NÃO
Rel-11	"Alguém para se inspirar e se espelhar para a vida."	SIM
Rel-12	"Alguém importante em função de promover a reflexão para construção do conhecimento do estudante."	NÃO
Rel-13	"Acho que sou uma pessoa de grande importância dentro do conhecimento que passo para ele seguir em frente na sua vida acadêmica."	NÃO

continua

## conclusão

<b>prof</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Rel-14	“Somos formadores de caráter.”	SIM
Rel-15	“Os professores acabam sendo exemplo para os seus alunos. Já tive diversos alunos que estão cursando física e acredito que possa ter contribuído para isso.”	SIM
Rel-16	“Exemplo.”	SIM

**APÊNDICE D – RESPOSTA A PERGUNTA 28, DO BLOCO TABACO “Na sua opinião, o que se poderia fazer para evitar/minimizar os professores fumarem em ambiente escolar?”**

<b>prof</b>	<b>Se considera modelo de virtude?</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-1	NR	NR	10
Mil-2	SIM	"Maior conscientização, desenvolvimento de estratégias pela própria escola."	1
Mil-3	SIM	"Programas de conscientização, lei impedindo esse procedimento e até algum tipo de advertência/multa aplicada pela escola."	1
Mil-4	NÃO	NR	10
Mil-5	SIM	"Proibição desse ato, como forma de também entender que somos formadores de opinião."	2
Mil-6	SIM	"Procurar esclarecer o professor sobre técnicas que ajudam a parar de fumar."	5
Mil-7	SIM	"Difícil encontrar meios para evitar um viciado de mudar seu comportamento".	9
Mil-8	SIM	"Eu nunca pensei sobre isso. Não estou seguro de que a simples proibição seria eficaz."	9
Mil-9	SIM	"Hoje em dia, é muito raro que professores fumem em ambiente escolar. Normalmente, não acontece em meu local de trabalho."	6
Mil-10	NR	"Disponibilizar locais específicos para que o façam, assim teriam que se deslocar e às vezes, diminuiriam os momentos destinados a fumar."	4
Mil-11	NÃO	"Descrever a quantidade de substâncias tóxicas e cancerígenas presentes na fumaça do cigarro."	1
Mil-12	NÃO	"Trabalho de conscientização acerca do papel social destes indivíduos no contato com os jovens e respeito às leis que já existem."	3
Mil-13	SIM	"Campanha de conscientização e, se a situação assim exigir, norma proibitiva."	1
Mil-14	SIM	"Campanha intensa para coibir."	1
Mil-15	NÃO	"Punição."	2
Mil-16	NÃO	"Maior conhecimento e conscientização em relação às leis."	1
Mil-17	NÃO	"Proibir, lei."	2
Mil-18	NÃO	NR	10
Mil-19	SIM	"Norma escolar que estabeleça a restrição dos locais onde o fumo seja permitido dentro da escola."	4
Mil-20	SIM	NR	10
Mil-21	NÃO	"Proibição do ato de fumar nas dependências internas e dentro da escola."	2

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-22	SIM	"Conscientizar o professor sobre o seu papel de educador, considerando que fumar em ambiente escolar é um desrespeito à saúde dos colegas e, principalmente, dos alunos."	1
Mil-23	NÃO	"Campanhas que fossem bastante assertivas."	1
Mil-24	NÃO	"Autodisciplina e conscientização."	1
Mil-25	NÃO	NR	10
Mil-26	SIM	NR	10
Mil-27	SIM	"Conscientização de que ele é exemplo para o aluno e de que está sendo desrespeitoso com o bem estar e a saúde do próximo."	3
Mil-28	SIM	"Proibir definitivamente."	2
Mil-29	SIM	"Neste caso, não é uma questão de liberdade individual, mas de dever profissional. Principalmente, para aqueles que tratam com educação básica."	3
Mil-30	NÃO	"Conscientização quanto aos riscos causados a não fumantes e fumantes passivos."	1
Mil-31	NÃO	"No meu ambiente escolar eu vi, nos oito anos que trabalho aqui, um único funcionário que não era professor, fumando."	6
Mil-32	NR	"Não tem colegas, ou pelo menos não conheço, colegas fumantes no local, espaço da escola."	6
Mil-33	NÃO	"Restrição de local para fumo."	4
Mil-34	SIM	"Proibir os professores e alunos de fazerem o uso de cigarros nas dependências/áreas da escola. Campanhas específicas juntamente aos professores."	1
Mil-35	NÃO	"O fumo, ou qualquer outro vício, está atrelado a questões psicológicas mais profundas, como ansiedade, depressão, etc, caso se queira reduzir efetivamente o fumo, seja de que profissional for, deve-se atrelar a um acompanhamento psicológico sistemático."	5
Mil-36	NÃO	"Nas escolas em que trabalhei e trabalho, não lembro ter visto professores fumando. Trabalhos de conscientização específico para profissionais envolvidos com crianças e jovens deveriam ser desenvolvidos."	1
Mil-37	NÃO	"Dizer a eles que temos que dar exemplos aos alunos."	3
Mil-38	NÃO	"Programas de conscientização, e até em último caso, multas para fumantes."	1

continua

## continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-39	SIM	"Conversar com eles que escola não é lugar adequado por ter muitos jovens que nos olham como exemplos."	3
Mil-40	NÃO	"A proibição em ambiente escolar."	2
Mil-41	NÃO	"Mais informações e campanhas."	1
Mil-42	SIM	NR	10
Mil-43	SIM	"Apenas orientá-los para que obedecem a legislação que proíbe fumar em ambientes fechados."	7
Mil-44	SIM	"Punições mais severas."	2
Mil-45	NÃO	"Local específico para o consumo do tabaco (longe das salas de aula) e disponibilizar o tratamento preventivo: palestras de profissionais da saúde."	1
Mil-46	SIM	"O próprio exemplo para os alunos."	3
Mil-47	SIM	"Campanhas de conscientização e programas para ajudá-los a largar o vício, com enfoque multidisciplinar."	1
Mil-48	SIM	"Proibir."	2
Mil-49	SIM	"Esta é uma questão muito complicada, que exige uma abordagem multidimensional e sistêmica."	9
Mil-50	NÃO	NR	10
Pub-1	NÃO	"Desconheço casos. E se não me engano, é proibido por lei."	6
Pub-2	NÃO	"Acho que deve ser proibido no ambiente escolar."	7
Pub-3	NÃO	"Na nossa escola atualmente, ninguém fuma dentro da escola. Mas já foi muito difícil em anos anteriores quando não tinha a lei."	7
Pub-4	NÃO	"Aqui os professores não fumam."	6
Pub-5	SIM	"Não sei opinar."	9
Pub-6	NÃO	"Proibir."	2
Pub-7	SIM	"Conscientização dos professores."	1
Pub-8	NÃO	NR	10
Pub-9	SIM	"Conscientização: coloque um aviso bem grande."	1
Pub-10	SIM	"Não temos isso na escola."	6
Pub-11	NÃO	"Não sei."	9
Pub-12	NÃO	"Não fumar, falar sobre a lei (1997)."	1
Pub-13	NÃO	"Enquanto o fumo for legalizado deve-se apenas procurar o local adequado."	4
Pub-14	SIM	"Continuar pedindo que saiam do prédio escolar para fumar."	4
Pub-15	SIM	"Conscientização."	1
Pub-16	SIM	"Conscientização do seu papel como educador."	3
Pub-17	NR	NR	10

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-18	NÃO	"Conscientização."	1
Pub-19	SIM	"Proibir o fumo."	2
Pub-20	NÃO	"Reforçar campanhas do respeito ao ambiente escolar ou criar ambientes específicos para os professores fumantes, de modo a evitar que os alunos soubessem/tivessem contato com tais práticas dos professores. Lembrando: é um direito de cada um."	1
Pub-21	SIM	"É proibido."	2
Pub-22	NR	NR	10
Pub-23	SIM	"Não há fumo no ambiente escolar entre professores."	6
Pub-24	NÃO	"Leis, penalidades."	2
Pub-25	SIM	"Consciência de que pode dar um mal exemplo."	3
Pub-26	NR	NR	10
Pub-27	SIM	"Eles não fumam. É proibido."	7
Pub-28	NÃO	"Conversar sobre ética com esse professor. Mas realmente, não acho que o fato de o professor fumar influencia os alunos do ensino médio. Talvez os de 5º, 6º e 7º anos, os mais velhos, não. E o professor é adulto e tem livre arbítrio. Extinguir o "mal" da face da terra não vai fazer alunos mais sensatos. O que faz isso é diálogo e informação."	8
Pub-29	SIM	NR	10
Pub-30	NÃO	"Conscientização e programas de incentivo."	1
Pub-31	NR	"Palestras sobre a influência dos professores na formação do caráter dos alunos."	3
Pub-32	SIM	"Encaminhá-los para tratamento."	5
Pub-33	NÃO	"Conscientizar mais com palestras para os professores, formação de projetos nesses sentido, e enfim fazer com que o professor entenda que fumar prejudica a saúde e que ele é formador de opinião entre os alunos".	5
Pub-34	NÃO	"Oferecimento de projetos, programas que melhoram a saúde do professor de maneira geral"	5
Pub-35	NR	NR	10
Pub-36	SIM	"Algum tipo de conscientização e de alerta pois, como se pode exigir dos alunos se o professor faz? Talvez colocar um canto para os fumantes."	3
Pub-37	SIM	"Em reunião estabelecer regras e obrigações em relação a fumar dentro da escola".	7
Pub-38	SIM	"Não se pode fumar em ambiente escolar. Há uma lei que proíbe o fumo há 200m da escola (se não me engano)".	7
Pub-39	NR	NR	10
Pub-40	NÃO	NR	10

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-41	NÃO	"Ofertar cursos para que esses larguem o vício do cigarro".	5
Part-1	NR	NR	10
Part-2	NÃO	"Proibir."	2
Part-3	NÃO	"Conscientização e apelar para a colaboração em benefício da comunidade."	1
Part-4	SIM	"Proibir o fumo na escola."	2
Part-5	SIM	"Proibir."	2
Part-6	NR	NR	10
Part-7	NR	NR	10
Part-8	SIM	"A escola deve proibir."	2
Part-9	SIM	"Haver locais reservados a fumantes nesse tipo de ambiente."	4
Part-10	SIM	"Acho que se os professores são discretos e não fazem apologia, não há problema. Sua opção de fumar também deve ser respeitada."	8
Part-11	NÃO	"Proibição."	2
Part-12	SIM	NR	10
Part-13	NR	NR	10
Part-14	SIM	"Campanhas de conscientização nas escolas".	1
Part-15	SIM	"Campanhas educativas".	1
Part-16	SIM	"Não consigo pensar em nada neste momento".	9
Part-17	NR	"Creio que vai de cada um".	9
Part-18	NR	NR	10
Part-19	NR	NR	10
Part-20	NR	NR	10
Part-21	NR	NR	10
Part-22	NR	NR	10
Part-23	NR	NR	10
Part-24	NR	NR	10
Part-25	SIM	NR	10
Part-26	NÃO	"Se cobrassem menos dos professores, talvez eles se sentissem menos estressados e não fumariam".	8
Part-27	NÃO	"Professores não deveriam fumar em ambiente escolar, é preciso proibir a prática".	2
Part-28	SIM	"Orientações particulares da gestão escolar".	1
Part-29	SIM	"Grupos de convivência e debates sobre o assunto".	5
Part-30	SIM	"Proibição e multa."	2
Rel-1	NÃO	"Avisos."	1
Rel-2	SIM	"Acredito que já se faz um trabalho de conscientização na escola, além de haver proibições."	1
Rel-3	NÃO	"Proibirem."	2

continua

## conclusão

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Rel-4	NÃO	"Conscientização que o reforço influenciador que o professor caracteriza não combina com o uso de tais substâncias diante dos alunos."	3
Rel-5	NÃO	"Leis específicas sobre o assunto."	7
Rel-6	NÃO	"Não há o que fazer. É um direito do fumante fumar e nenhum professor nesta escola fuma dentro dela. Todos saem ao estacionamento quando querem fumar".	8
Rel-7	NR	"Não sei".	9
Rel-8	NÃO	"Já que tem a lei, não é necessário cartazes proibindo".	7
Rel-9	SIM	"Colocar placas advertindo e proibindo".	2
Rel-10	NÃO	NR	10
Rel-11	SIM	"Campanha anti-fumo".	1
Rel-12	NÃO	"Primeiro, o desejo do fumante em deixar o vício; depois, a pessoa submeter-se a tratamento médico. Tudo isso poderia ser iniciado com conscientização"	1
Rel-13	NÃO	"O aluno vê o professor como uma pessoa a ser respeitada acima de vícios. Então nada mais justo que o professor também respeite o ambiente escolar, evitando fumar no mesmo".	3
Rel-14	SIM	"Isso é uma posição particular. Acredito que perante o vício, a pessoa fica sem limites e não se constrange tanto".	8
Rel-15	SIM	"Proibição do fumo nas escolar."	2
Rel-16	SIM	NR	10

**APÊNDICE E – RESPOSTA A PERGUNTA 25, DO BLOCO ÁLCOOL “Caso algum aluno faça uma pergunta relacionando ingestão de álcool e saúde, como você responde?”**

<b>prof</b>	<b>Se considera modelo de virtude?</b>	<b>RESPOSTAS</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-1	NR	"Falaria sobre os efeitos do álcool e sobre os prazeres que a bebida oferece."	1
Mil-2	SIM	"Não sou o mais adequado para responder."	5
Mil-3	SIM	"Ressaltaria os malefícios dessa combinação."	2
Mil-4	NÃO	"Nossas ações são feitas de escolha e responsabilidade. Nada deve ser visto visando somente a diversão e o prazer imediato."	3
Mil-5	SIM	"Depende do tipo de pergunta. Mas, a forma mais viável é, se ele quiser saber se bebo, responder a verdade, e orientá-lo sobre o questionamento feito. Lembrá-lo que faço em ambiente não escolar e claro que sei que não é correto."	7
Mil-6	SIM	"Ingerir álcool moderadamente sem afetar a saúde e o convívio social."	6
Mil-7	SIM	"Mostro a química das reações que acontecem."	1
Mil-8	SIM	"Com o máximo de clareza, sinceridade e responsabilidade possível. Tanto sobre o álcool quanto qualquer substância psicotrópica."	8
Mil-9	SIM	"Que o álcool pode ter efeitos daninhos sobre o organismo, mas que bebidas como o vinho podem ser positivas para o organismo."	1
Mil-10	NR	"Respondo informando os malefícios do álcool à saúde."	2
Mil-11	NÃO	"Explicando sobre as substâncias químicas que provocam efeitos tóxicos, podendo até causar a morte."	2
Mil-12	NÃO	"Depende da pergunta."	8
Mil-13	SIM	"Destaco que é proibido a menores e, caso venha a ingerir no futuro, procure fazê-lo de maneira consciente, moderada, responsável e aberta aos familiares e amigos."	6
Mil-14	SIM	"Não ingira. É uma droga psicotrópica."	4
Mil-15	NÃO	"Vida particular do aluno, prefiro não orientar."	5
Mil-16	NÃO	"Tento responder de uma forma que não incentive o aluno a usar o álcool."	4
Mil-17	NÃO	"O álcool faz mal em demasia. Uma taça de vinho tinto pode fazer bem."	1
Mil-18	NÃO	"Tento mostrar as várias perspectivas do assunto. Tanto as positivas quanto as negativas."	1
Mil-19	SIM	"Responderia apontando os malefícios que o álcool traz à saúde."	2
Mil-20	SIM	"Sobre os efeitos estimulantes e depressores, e os riscos à saúde."	2

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-21	NÃO	"Tento mostrar as relações do consumo de álcool e doenças relacionadas (cirrose, hepatite, câncer...), os acidentes e os transtornos psicológicos que envolve o doente e a família."	2
Mil-22	SIM	"Que o álcool é uma droga lícita, que provoca danos ao organismo e seu uso contínuo pode desencadear a doença do alcoolismo."	2
Mil-23	NÃO	"Com os argumentos científicos que eu tiver segurança em usar."	1
Mil-24	NÃO	"Estabelecer um diálogo com o aluno para conversar sobre as facetas negativas do álcool, para além da imagem positiva vendida pelas propagandas de bebidas."	2
Mil-25	NÃO	"Álcool é droga, e droga pesada."	4
Mil-26	SIM	"Falo a respeito do vício."	2
Mil-27	SIM	NR	9
Mil-28	SIM	"Que não é o melhor alvitre a ingestão de álcool."	2
Mil-29	SIM	"Procurarei passar minha visão sobre os malefícios do consumo exagerado e/ou contumaz do álcool."	2
Mil-30	NÃO	NR	9
Mil-31	NÃO	"Alerto para os danos que a substância pode causar, escuto atentamente a pergunta para fornecer uma resposta precisa, caso eu seja capaz."	2
Mil-32	NR	"Oriento indicando uma referência bibliográfica quanto ao assunto."	5
Mil-33	NÃO	"Comento sobre os vários problemas que a ingestão de álcool traz à saúde."	2
Mil-34	SIM	"Falarei dos males que o álcool causa à saúde e também dos problemas sociais que podem ocorrer e os riscos de acidentes."	2
Mil-35	NÃO	"Respondo com informações científicas sobre os efeitos do álcool no organismo e/ou como o discurso de propaganda é enganoso, perverso."	2
Mil-36	NÃO	"Provavelmente, trabalharia com a ideia dos efeitos do álcool no corpo e possíveis consequências, bem como a possibilidade da dependência química e o que ela acarreta."	2
Mil-37	NÃO	"Digo que consumo, porém tenho maturidade para tal."	7
Mil-38	NÃO	"Tento explicar os malefícios dessas substâncias."	2
Mil-39	SIM	"Responderia à luz da ciência, de como o álcool interfere no metabolismo e na consciência, afetando o convívio social e familiar."	2
Mil-40	NÃO	"Serei clara e objetiva com ele."	8
Mil-41	NÃO	"Relaciono os males causados principalmente ao fígado."	2
Mil-42	SIM	NR	9

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-43	SIM	"Que o álcool interfere no comportamento, desidrata, envelhece, causa problemas de comprometimento dos órgãos."	2
Mil-44	SIM	"Naturalmente, tentando eliminar suas dúvidas."	8
Mil-45	NÃO	"Informo que o álcool provoca danos ao sistema nervoso, dificultando ou impedindo o encaixe do glutamato nos receptores das sinapses. Compromete o sistema digestório, circulatório, reprodutor. Pode causar cirrose hepática, depressão, redução do desempenho sexual e mais inúmeros problemas."	2
Mil-46	SIM	"Não acredito que a bebida seja de todo prejudicial. Oriente que pode, se ingerida com parcimônia."	6
Mil-47	SIM	"Dizendo que a ingestão do álcool traz uma alegria momentânea, mas as consequências para o organismo são muito prejudiciais no curto, médio e longo prazo e tento exemplificá-las."	2
Mil-48	SIM	"Aconselho a não beber e se um dia chegar a beber, ser moderado. Digo, que a bebida interfere na produtividade e no sucesso profissional em regra geral."	4
Mil-49	SIM	"Depende da forma que a pergunta me foi endereçada."	8
Mil-50	NÃO	"Tento conscientizá-los."	8
Pub-1	NÃO	"Dentro do meu pensamento, tem o assunto de uso de substâncias exóginas lícitas e ilícitas. Explico seus efeitos no organismo."	2
Pub-2	NÃO	"Explicando seus efeitos nocivos no organismo."	2
Pub-3	NÃO	"Que tudo em excesso faz mal à saúde. Dosar bebidas, fumo, comidas seria o ideal."	3
Pub-4	NÃO	NR	9
Pub-5	SIM	"O excesso faz mal à saúde."	2
Pub-6	NÃO	"Alertaria dos possíveis perigos e do prazer com moderação."	1
Pub-7	SIM	"Oriente para que não beba, pois só faz mal."	4
Pub-8	NÃO	"Comento dos males e da responsabilidade."	2
Pub-9	SIM	"Responderia com alegria e prazer poder dar uma informação adequada."	8
Pub-10	SIM	"Da mesma forma sobre o tabaco. Temperança."	6
Pub-11	NÃO	"Falo a realidade, o fato de ser deprimente e de ser um dos grandes males do século."	2
Pub-12	NÃO	"Não comento"	5
Pub-13	NÃO	"É uma escolha pessoal mas em excesso, como muitas outras coisas, vai fazer muito mal."	6
Pub-14	SIM	"Faz mal e só traz prejuízos à vida."	2
Pub-15	SIM	"Tudo é lícito, mas nem tudo me convém."	6
Pub-16	SIM	"Que o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória."	6

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-17	NR	NR	9
Pub-18	NÃO	"Respondo sobre os efeitos fisiológicos e à luz da ciência."	2
Pub-19	SIM	"Explico que faz mal à saúde."	2
Pub-20	NÃO	"Tento mostrar os malefícios que o álcool pode ocasionar em suas vidas e até mesmo na de familiares."	2
Pub-21	SIM	"Que não traz nenhum benefício à saúde."	2
Pub-22	NR	NR	9
Pub-23	SIM	"É possível beber moderadamente, começando em idade apropriada e, dependendo da propensão para o descontrole, melhor evitar."	6
Pub-24	NÃO	"Respondo como um médico."	8
Pub-25	SIM	"Esperem para serem responsáveis por eles mesmos e que não precisa beber até ficar ruim."	6
Pub-26	NR	NR	9
Pub-27	SIM	"Eu coloco na discussão de drogas lícitas, vícios, cultura de valorização do álcool, problemas de acidentes e violência relacionados com a questão. Encaro como doença psicossocial."	2
Pub-28	NÃO	"Com honestidade. É diálogo sobre as consequências de nossas escolhas diárias. É aconselho sobre bebidas para menores de idade, sobre beber e dirigir e etc."	3
Pub-29	SIM	"Bebo porque gosto, sei dos efeitos a saúde e me responsabilizo por eles. Mostro a ele este lado."	7
Pub-30	NÃO	"Que não é bom para a saúde e ser beber que beba de forma moderada."	6
Pub-31	NR	"Respondo de forma objetiva. Se eu não souber, faço pesquisas, procuro profissionais da área."	8
Pub-32	SIM	"Comento sobre as responsabilidades."	2
Pub-33	NÃO	"Responderia que o álcool não traz benefício algum, que mesmo que sentisse bem tomando, não deveria fazer dessa atitude uma constante em sua vida, pois o risco de se viciar é eminente e assim o prejudicará".	4
Pub-34	NÃO	"Utilizando meus conhecimentos bioquímicos e se possível abordando o aspecto social do vício".	2
Pub-35	NR	NR	9
Pub-36	SIM	"Eu respondo mostrando os malefícios da bebida para o organismo".	2
Pub-37	SIM	"Dos efeitos colaterais e a idade inapropriada para uso de álcool"	2
Pub-38	SIM	"De forma a orientá-lo e conscientizá-lo, afinal são menores de idade e lhe faltam maturidade"	3
Pub-39	NR	NR	9

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-40	NÃO	"Que o álcool é uma substância que pode nos levar ao vício e a inconsciência dos próprios atos."	2
Pub-41	NÃO	"O álcool além de afetar o sistema nervoso, causa fácil dependência."	2
Part-1	NR	NR	9
Part-2	NÃO	"Não bebo e não sou a favor de tamanha liberdade de propaganda e patrocínio de bebidas."	8
Part-3	NÃO	"Esclareço os malefícios."	2
Part-4	SIM	"Oriento a procurar um professor de biologia ou um médico."	5
Part-5	SIM	"Melhor não beber."	4
Part-6	NR	NR	9
Part-7	NR	NR	4
Part-8	SIM	"Beber moderadamente e não dirigir depois de beber."	6
Part-9	SIM	"Beber moderadamente, ou caso menor, esperar a maioridade."	6
Part-10	SIM	"Da forma mais científica possível. Sem julgar. Se a minha opinião for pedido, dou."	1
Part-11	NÃO	"Que se for beber, o faça com moderação e tome cuidado."	6
Part-12	SIM	NR	9
Part-13	NR	NR	9
Part-14	SIM	Sempre tento "puxar" para o lado saudável	1
Part-15	SIM	NR	9
Part-16	SIM	NR	9
Part-17	NR	NR	9
Part-18	NR	NR	9
Part-19	NR	NR	9
Part-20	NR	NR	9
Part-21	NR	NR	9
Part-22	NR	NR	9
Part-23	NR	NR	9
Part-24	NR	NR	9
Part-25	SIM	NR	9
Part-26	NÃO	"Digo que é ruim e pode trazer danos irreparáveis"	4
Part-27	NÃO	"Exponho os malefícios à saúde para conscientizá-los dos riscos"	2
Part-28	SIM	"Estabeleceria reflexões sobre o consumo de álcool, riscos e prejuízos à saúde física e seus efeitos na saúde emocional (de que maneira suas relações interpessoais podem ser afetadas)"	2
Part-29	SIM	"Bebo socialmente e no meio de amigos."	7
Part-30	SIM	"Álcool é uma droga, vicia e pode levar à morte"	2

continua

conclusão			
prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Rel-1	NÃO	"Respondo falando do cuidado que se deve ter em relação ao consumo de álcool e que existe o tempo certo pra talvez ele ingerir."	3
Rel-2	SIM	"Orientaria o aluno a respeito dos malefícios que o álcool pode trazer à nossa saúde."	2
Rel-3	NÃO	"Tentaria esclarecer a sua dúvida; caso não soubesse como, pesquisaria e o responderia em seguida."	8
Rel-4	NÃO	"Que nosso organismo sobrevive graças a substâncias necessárias que ingerimos, mas a ingestão de substâncias nocivas retrocede o processo de recuperação da saúde do corpo."	2
Rel-5	NÃO	"Responderia sobre as consequências do álcool para a saúde."	2
Rel-6	NÃO	"Que tudo em demasia faz mal."	4
Rel-7	NR	"O excesso de bebida é prejudicial, mas a ingestão de bebidas para pessoas acima de 18 anos em pequena quantidade não causa problemas."	6
Rel-8	NÃO	"Que beber não é importante para a vida."	4
Rel-9	SIM	"Os malefícios e prejuízos com os efeitos do álcool".	2
Rel-10	NÃO	NR	9
Rel-11	SIM	"Falo sobre o que o consumo exagerado pode causar e comentamos sobre a dependência alcoólica"	2
Rel-12	NÃO	"Esclarecendo sobre os efeitos maléficos do consumo de álcool no organismo e também relatando acerca das alterações psíquicas como a dependência."	2
Rel-13	NÃO	"Eu procuro responder que não bebo e que ele pesquise a fundo o que o álcool faz para a saúde."	5
Rel-14	SIM	NR	9
Rel-15	SIM	"Que o álcool não faz bem à saúde e se puder evitar sempre será a melhor opção".	4
Rel-16	SIM	"O excesso faz mal".	4

**APÊNDICE F – RESPOSTA A PERGUNTA 28, DO BLOCO ÁLCOOL “Se algum aluno o abordar com perguntas sobre drogas, como você seria capaz de contribuir para a formação de virtudes intelectuais e morais em seu caráter a esse respeito?”**

<b>prof</b>	<b>Se considera modelo de virtude?</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Mil-1	NR	"Mostraria o bem estar que as drogas produzem e o custo alto deste bem estar."	1
Mil-2	SIM	"Falaria sobre possíveis danos das drogas."	2
Mil-3	SIM	"Eu o desestimularia a usar essas drogas imediatamente."	4
Mil-4	NÃO	"Orientaria o aluno a pesquisar a parte positiva e, sobretudo, a parte negativa da ingestão do álcool. Disponho-me a um debate aberto e sincero."	1
Mil-5	SIM	"Falando a minha verdade. Não bebo em demasia, que atrapalhe minha vida como todo. Alertaria sobre drogas ilícitas e sobre o abuso das lícitas. Mas com certeza, não mentiria."	6
Mil-6	SIM	"Buscar informações científicas a respeito do tema. Não acreditar simplesmente no que as pessoas falam."	5
Mil-7	SIM	"Mostrando os malefícios de muitas drogas na saúde do indivíduo e no seu comportamento na sociedade."	2
Mil-8	SIM	"Eu costumo utilizar a perspectiva da neurociência a respeito dos centros de sistema de recompensa e as relações entre prazer e aumento da frequência de comportamento (condicionamento)."	2
Mil-9	SIM	"Abordaria os males das mesmas e que, independentemente disso, menores não podem consumi-las."	2
Mil-10	NR	"Acredito que poderia contribuir de forma positiva ao expor minhas opiniões sobre o assunto."	8
Mil-11	NÃO	"Discutindo com eles sobre o estrago que o uso das drogas podem causar na vida deles e da família."	2
Mil-12	NÃO	NR	9
Mil-13	SIM	"Cito como exemplo um caso de dependência química que tive na família e alerta para as consequências sobre a vida particular e dos seus entes e conhecidos."	6
Mil-14	SIM	"Orientar tecnicamente e moralmente sobre os prejuízos da utilização."	3
Mil-15	NÃO	"Nunca parei para pensar nisso."	8
Mil-16	NÃO	NR	9
Mil-17	NÃO	"Conversar com o aluno, perguntar o que ele entende, o que ele quer saber. Esclarecer as dúvidas, mostrar os problemas."	8
Mil-18	NÃO	"Não me pronuncio a respeito do assunto."	5

continua

## continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-19	SIM	"Teria uma conversa, não rápida, para orientar-lhe sobre os diversos malefícios da prática, uso."	2
Mil-20	SIM	"Mostrando os riscos provocados com o uso das drogas e com minha experiência pessoal do contato com pessoas que consomem e de dependentes de drogas."	6
Mil-21	NÃO	"De uma forma muito geral. Não temos capacitação nesta área na escola."	8
Mil-22	SIM	"Respondendo às dúvidas com informações objetivas referentes à legislação e à saúde pública, bem como com a exemplificação de casos individuais e levando-o a refletir sobre a questão."	7
Mil-23	NÃO	"Com aconselhamento informal, como faria com meus filhos, ou encaminhando para um setor mais adequado na escola se julgasse necessário."	4
Mil-24	NÃO	"Dialogar com o aluno, para conscientizá-lo das consequências funestas do uso de drogas, em contraponto ao prazer imediato que possam provocar."	2
Mil-25	NÃO	"É um assunto muito complexo. A curiosidade é natural na juventude. Mas os perigos devem ser assinalados com clareza, assim como os prejuízos ao desenvolvimento da pessoa."	3
Mil-26	SIM	"Eu cito a minha conduta."	6
Mil-27	SIM	"Além de bióloga, sou extremamente contra o uso de drogas. Então, toda a vez que falo com os alunos sobre esse assunto, explico o processo (funcionamento, fisiologia, danos,...) de ação das drogas, em todos os sentidos, para eles."	2
Mil-28	SIM	"Mostrando-lhe que as drogas (lícitas e ilícitas) têm esse nome por realmente serem drogas."	4
Mil-29	NÃO	"Passando a ele minha visão de que os malefícios do uso dessas drogas anulam qualquer benefícios que ele acredite que possa obter."	6
Mil-30	NÃO	NR	9
Mil-31	NÃO	"Alertando que a liberdade é melhor aproveitada com conhecimento e responsabilidade. Tendo esses dois como aliados, você pode perceber riscos, reduzir danos e até mesmo questionar, se for o caso, a razão, a intenção de algumas drogas serem proibidas e outras não."	3
Mil-32	NR	"Havendo tempo, posso instruí-los."	8
Mil-33	NÃO	"Apenas comentar e conversar sobre os malefícios que tais drogas trazem a sociedade."	2
Mil-34	SIM	"Esclarecendo suas dúvidas, dar exemplos e mostrar que não traz benefício o consumo de álcool ou outro tipo de droga. Que não combina com juventude, esportes e outros."	2
Mil-35	NÃO	"Também mostrando que os efeitos maléficos das drogas no organismo, mas, principalmente, mostrando os efeitos sociais que a droga traz: violência, prostituição infantil, etc."	2

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Mil-36	NÃO	"Trabalharia um pouco com questões históricas sobre o assunto, países que liberaram determinadas drogas e buscaria, especialmente, levá-lo(s) a pensar na "maturidade" necessária para o uso de algumas delas. Tentando levá-lo a se analisar."	3
Mil-37	NÃO	"Mostrar os malefícios das drogas, orientando."	2
Mil-38	NÃO	"Procurando orientá-lo sobre as drogas de modo geral."	8
Mil-39	SIM	"Diria que é um beco sem saída. Esclareceria as dúvidas explicando o mal que causa no organismo, dependência e o transtorno que causa aos familiares."	2
Mil-40	NÃO	"Ter uma conversa clara e objetiva, o aconselhando a seguir o melhor caminho."	3
Mil-41	NÃO	"Muitas pessoas usam drogas e por não estarem sóbrias, perdem uma grande parte da vida. Uma vida que não tem volta."	7
Mil-42	SIM	NR	9
Mil-43	SIM	"Daria orientação de literatura de esclarecimento sobre os malefícios dessas substâncias, tanto para o usuário quanto para a sociedade e o chamaria para uma conversa de aconselhamento."	2
Mil-44	SIM	"Com exemplos pessoais e de amigos."	6
Mil-45	NÃO	"Esclarecendo que as drogas legalizadas trazem sérios prejuízos à saúde física e psíquica do homem, causando problemas graves e por vezes fatais para toda a sociedade."	2
Mil-46	SIM	"Acredito que seja uma discussão muito complexa, pois vários fatores, como família, religião e sociedade estão envolvidos."	5
Mil-47	SIM	"Alertando-os para os riscos de se viciar no uso dessas substâncias e do fato de que elas trazem consequências danosas à saúde e convivência social apesar da felicidade e outros "benefícios" durante o uso das mesmas."	2
Mil-48	SIM	"Alerto sobre as "desgraças" decorrentes da droga."	2
Mil-49	SIM	"Estabeleceria uma interface com o serviço de orientação ao aluno, além de ofertar uma orientação mais eficaz, efetiva e eficiente."	5
Mil-50	NÃO	"Li a respeito e assisti palestras. Já abordei o tema em algumas ocasiões."	8
Pub-1	NÃO	"Como é conteúdo da disciplina, são explicados os efeitos no organismo e as discussões sobre as questões sociais."	2
Pub-2	NÃO	"Explicar sua composição e seus efeitos perigosos no organismo."	2
Pub-3	NÃO	"De forma artística, da maneira que sei trabalhar."	8

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-4	NÃO	"Não preocupo. Tenho outra visão."	5
Pub-5	SIM	"Esclarecendo a respeito do conteúdo e de suas consequências."	2
Pub-6	NÃO	"Alertaria dos possíveis perigos e do prazer com moderação, em alguns casos."	3
Pub-7	SIM	"Com certeza. Sou totalmente contra."	8
Pub-8	NÃO	"Esclarecendo-os dentro das minhas possibilidades."	8
Pub-9	SIM	"Alertando o perigo de drogas e a importância de tomar cuidado com má companhia."	2
Pub-10	SIM	"Penso que sim."	8
Pub-11	NÃO	"Falaria os males que todas causam, e que o fato de ser liberado é a coleta de impostos em função de um preço, a saúde deles."	2
Pub-12	NÃO	"Nada a declarar."	5
Pub-13	NÃO	"Tenho conhecimentos básicos e capacidade de argumentar a respeito dos malefícios do uso de drogas."	2
Pub-14	SIM	"Sim"	8
Pub-15	SIM	"O álcool prejudica a memória."	2
Pub-16	SIM	"Orientaria ao aluno visitar uma instituição de pessoas viciadas em drogas."	5
Pub-17	NR	NR	9
Pub-18	NÃO	"Abordando desde os efeitos físicos até os psicológicos sobre o uso e ainda à luz da ciência."	2
Pub-19	SIM	"Explicaria que faz mal à saúde, além de ser proibido por lei."	2
Pub-20	NÃO	"Acredito sim. Até porque, nós professores, convivemos com alunos, pais de alunos que fazem abuso do álcool e/ou drogas e, na maioria das vezes, tais problemas se refletem no ambiente escolar, portanto, é um assunto no qual geralmente, temos que abordar com nossos alunos, utilizando exemplos destacados na mídia, com conversas abertas ou individualmente com os alunos, mostrando a responsabilidade que cada um deve assumir perante seus atos."	7
Pub-21	SIM	"De maneiras diversas. Cada aluno é diferente e necessita eventualmente de respostas diferentes."	8
Pub-22	NR	NR	9
Pub-23	SIM	"cada um tem as suas vulnerabilidades, não se sabe. Muitas vezes, reconhecer o risco, sobretudo quando se é adolescente."	8
Pub-24	NÃO	"Falo exemplo de pessoas que se envolviam com tais drogas."	7
Pub-25	SIM	"Acho que se o nome é droga, é porque é ruim. Então não trará nenhum benefício pra a vida."	2

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-26	NR	NR	9
Pub-27	SIM	"Trato a questão como vazio existencial, necessidade de reconhecimento social em uma sociedade de números individualista e excludente. Trato do empoderamento por meio da ajuda mútua e ações coletivas." Eu realmente não concordo com essa pergunta e não sei nem como respondê-la. Sou professora, pessoa normal, com virtudes e falhas. A diferença entre mim e meu aluno é que nasci primeiro e, por isso, estudei antes dele e posso, portanto, guiá-lo sobre onde obter resposta. Tudo o que posso fazer pelo meu aluno pesquisar um tema com ele, debater, discutir ideias, apontar especialistas que são contra ou a favor de determinado tema. Eu tenho uma opinião sobre o mundo, e após um debate, meu aluno pode ter uma opinião igual ou diferente da minha. Não sou um farol de saber e lucidez. Conhecimentos e opiniões são construídos e desconstruídos a todo momento. Meu aluno é autônomo para escolher o que pensar, o que deve ficar claro para ele é que toda escolha traz consequências. Sou contrária a visão de colocar o professor como mártir da verdade, como figura essencial, única e insubstituível na vida do aluno. Penso que tal postura coloca o professor em pedestal, dono da verdade e do conhecimento e o aluno em posição subalterna, raso de conhecimentos, sem autonomia para questionar e escolher, um ser vazio à espera de toda a minha razão. Sou radicalmente contra essa postura. Procuo adotar outra em sala de aula. Adoto um ambiente democrático em que tanto eu, quanto meus alunos, temos conhecimentos diversos e opiniões. Me coloco como humana, com erros e virtudes, e todos podemos discutir e argumentar sobre minhas escolhas de vida ou sobre as deles. Como já citei, sou uma facilitadora do conhecimento. Admiração e respeito e fonte de inspiração são coisas construídas nas relações e conquistadas. JAMAIS! Jamais uma obrigação existente na relação professor/aluno.	3
Pub-28	NÃO	"Trazendo material adequado e pessoas melhor preparadas para responder às dúvidas."	8
Pub-29	SIM	"Sim"	5
Pub-30	NÃO	"Fazendo pesquisas/trabalhos relacionados ao tema. Eu poderia também propor debates ou solicitar trabalhos com apresentação oral sobre o tema citado."	8
Pub-31	NR	"Apenas superficialmente."	8
Pub-32	SIM	"Através de debates e palestras esclarecedoras".	8
Pub-33	NÃO		

continua

continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Pub-34	NÃO	"Utilizando meus conhecimentos bioquímicos e se possível abordando o aspecto social do vício"	2
Pub-35	NR	NR	9
Pub-36	SIM	"Eu explicaria sobre os malefícios das drogas e as consequências do seu uso."	2
Pub-37	SIM	"Sou atleta, assim começaria falando da minha vida e conquistas sem uso de drogas, cigarro e álcool"	6
Pub-38	SIM	"Informaria sobre os males físicos, psíquicos e sociais que podem causar se o indivíduo perder o controle".	2
Pub-39	NR	NR	9
Pub-40	NÃO	"Geralmente provooco um debate esclarecedor".	8
Pub-41	NÃO	"Drogas devem ser evitadas pois cada organismo age de determinada forma perante elas, não valendo a pena o risco dos efeitos e da dependência".	4
Part-1	NR	NR	9
Part-2	NÃO	"Não."	8
Part-3	NÃO	"Esclarecendo sobre os prejuízos à saúde, à família e à sociedade. Dando exemplos."	2
Part-4	SIM	"Com postura pessoal (modelo) e conversas informais."	6
Part-5	SIM	"Sim"	8
Part-6	NR	NR	9
Part-7	NR	NR	9
Part-8	SIM	"Expor as experiências vividas e instigá-los à reflexão."	6
Part-9	SIM	"Diálogo aberto é a melhor saída. Evitar se colocar em posição de superioridade. Tratar o aluno como igual: ser humano que comete falhas."	8
Part-10	SIM	"Contando minhas experiências, explicando minhas opções, solidarizando com o aluno e explicando que o problema não é cometer erros ou excessos eventualmente. O problema é não buscar mudar uma situação que incomoda e/ou faz mal, mesmo que isso queira dizer procurar ajuda."	6
Part-11	NÃO	"Com exemplos dos males causados pelas drogas."	7
Part-12	SIM	NR	9
Part-13	NR	NR	9
Part-14	SIM	É necessário conscientizá-los para evitar o uso dessas substâncias.	2
Part-15	SIM	NR	9
Part-16	SIM	NR	9
Part-17	NR	NR	9
Part-18	NR	NR	9

continua

## continuação

prof	Se considera modelo de virtude?	RESPOSTA	CATEGORIA
Part-19	NR	NR	9
Part-20	NR	NR	9
Part-21	NR	NR	9
Part-23	NR	NR	9
Part-24	NR	NR	9
Part-25	SIM	NR	9
Part-26	NÃO	"Diria que para se manter saudável e íntegro e ainda se divertir não é necessário a utilização desses elementos".	4
Part-27	NÃO	"Primeiro procurando saber o motivo da pergunta, depois expondo as consequências do uso de drogas".	2
Part-28	SIM	"Através de reflexões sobre a necessidade de nos mantermos lúcidos para vivermos plenamente de maneira consciente, sem ludibriarmos nossos sentidos ou camuflarmos nossas relações interpessoais".	2
Part-29	SIM	"Rever o uso"	8
Part-30	SIM	NR	9
Rel-1	NÃO	"Falaria que essas drogas fazem mal e que não se deve optar por tal ação."	2
Rel-2	SIM	"Orientaria o aluno acerca dos prejuízos e malefícios que as drogas trazem aos seres humanos."	2
Rel-3	NÃO	"Sim. Quando somos claros e coerentes em nossas respostas, contribuimos na formação de nossos alunos."	8
Rel-4	NÃO	"Abordaria com o argumento que nenhuma dessas drogas são necessárias ao organismo."	2
Rel-5	NÃO	"Sim. Inclusive falo sobre o tema em sala de aula."	8
Rel-6	NÃO	"Daria exemplos de minha vida ou de conhecidos que não tiveram um bom final".	6
Rel-7	NR	"Não sei"	8
Rel-8	NÃO	"Conscientizo e alerta sobre os danos que nos trazem".	2
Rel-9	SIM	"Relataria o caso do meu pai que era alcohólatra e faleceu com a doença de fígado e pâncreas"	6
Rel-10	NÃO	"Explicando os malefícios, exemplificando e orientando pesquisas"	2
Rel-11	SIM	"Já fiz debates sobre as drogas ilícitas e suas consequências."	8
Rel-12	NÃO	"Refletindo com o estudante, usando exemplos de sua vivência a fim de esclarecê-lo além de usar também estudos e pesquisas sobre a questão da dúvida."	7
Rel-13	NÃO	"Procuraria uma pessoa especializada no assunto para fazer essa abordagem junto aos alunos".	5

continua

## conclusão

<b>prof</b>	<b>Se considera modelo de virtude?</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>CATEGORIA</b>
Rel-14	SIM	“Opinaria sobre o assunto”.	8
Rel-15	SIM	“Tentaria explicar que o uso de drogas nunca será uma boa opção. Que para se libertar do vício é muito difícil e prejudicial para todos”.	2
Rel-16	SIM	“Que não vale a pena”	4

## ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Estudo sobre uso de álcool e tabaco por professores de quatro escolas no Distrito Federal: análise sob a ótica da Bioética de Intervenção

**Pesquisador:** EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 43291114.0.0000.0030

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.227.520

## Apresentação do Projeto:

"Resumo:

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o tabaco é a segunda droga mais consumida entre os jovens, no mundo e no Brasil, sendo que noventa por cento dos fumantes iniciaram seu consumo antes dos 19 anos de idade, faixa em que o indivíduo ainda se encontra na fase de construção de sua personalidade, devido às facilidades e estímulos para obtenção do produto, entre eles o baixo custo, a curiosidade pelo produto estimulada pela imitação do comportamento do adulto e a promoção e o marketing de produtos derivados do tabaco. O consumo de bebida alcoólica também é um dos principais fatores de risco para a saúde no mundo e está envolvido em mais de 60 diferentes causas de problemas de saúde. O álcool pode alterar o desenvolvimento do cérebro nos adolescentes, influenciando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social e constituindo uma importante questão para os indivíduos e para a sociedade. O uso precoce do álcool está associado a problemas de saúde na idade adulta, além de aumentar significativamente o risco de se tornar consumidor em excesso ao longo da vida. O papel do professor, como um exemplo contra o tabagismo ou o alcoolismo dentro de sala de aula, pode ir além do ato de não fumar e/ou beber. O professor deve ver o aluno como multiplicador da informação. É salutar que o aluno adquira conhecimento necessário para moldar seu caráter e se tornar um adulto não

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 1.227.520

fumante ou não usuário de álcool, com potencial para multiplicar todas as informações em casa e na comunidade. Ademais, se o professor é fumante ou vai trabalhar exalando um odor alcoólico, como que ele poderá passar a informação com segurança de que o tabagismo e o alcoolismo são prejudiciais à saúde se ele próprio faz uso do tabaco e do álcool? Haverá conflitos éticos do profissional, envolvendo, inclusive a percepção dos alunos, de modo que o exemplo pode ser mais forte do que as palavras. Esse estudo aborda, sob a ótica da bioética de intervenção, aspectos envolvidos na relação aluno e professor fumante/usuário de álcool e aluno, quando este tem que abordar o assunto tabaco/álcool como nocivos à saúde em sala de aula."

#### Hipótese:

Professores usuários de tabaco e álcool estão preparados para abordar esses assuntos em sala de aula de modo que seu exemplo não influencie o aluno a entrar no vício.

#### Metodologia:

- 1) Tipo de estudo: quantiquantitativo, exploratório, descritivo.
- 2) Local do estudo: Plano Piloto, compreendendo quatro instituições de ensino: uma militar, uma pública, uma particular e uma religiosa, para averiguar se o tipo de instituição pode afetar a prevalência de professores fumantes e usuários de álcool.
- 3) Amostra: 200 (duzentos) professores, sendo 50 (cinquenta) de cada escola.
- 4) Recrutamento: Os professores, usuários ou não do tabaco, serão orientados sobre os objetivos da pesquisa e convidados a participar da mesma.

Questionário semiestruturado com o objetivo de conhecer o perfil epidemiológico social dos participantes, assim como suas opiniões em relação ao uso e as implicações decorrentes do uso do tabaco e o álcool, será utilizado.

#### 5) Referências

Tabaco- variáveis a serem pesquisadas serão utilizadas para traçar a prevalência da utilização do tabaco, considerando o marco de 0,4 mg de nicotina/ml de sangue no consumidor como o limite máximo para não causar dependência.

Serão confrontadas as respostas tanto de fumantes quanto de não fumantes de como cada professor percebe o uso do tabaco no ambiente escolar, levando-se em consideração a legislação pertinente e o respeito aos não usuários do tabaco, enquanto uma questão vinculada a Bioética de Intervenção para que, dependendo das respostas, possam ser propostas ações que auxiliem na redução do problema apresentado. O questionário usado na pesquisa será uma modificação do

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.227.520

teste de dependência à nicotina de Fagerström (FTND).

Álcool – A partir da identificação e magnitude do problema, a Bioética de Intervenção será utilizada no sentido de discutir e de sugerir ações que possam auxiliar na redução da prevalência de professores usuários de álcool nas escolas, influenciando de maneira positiva aqueles alunos que tenham dúvidas quanto o uso de álcool.

As respostas dos professores serão confrontadas, tendo a Bioética de Intervenção como referência, no sentido de se verificar se as atitudes dos professores em relação ao uso do tabaco e do álcool, seguem ou não um padrão mínimo de respeito aos direitos coletivos.

1) Coleta de dados por meio de um questionário semiestruturado aplicado aos professores.

2) Fonte da coleta dos dados

Questionário: a pesquisadora elaborará um questionário semiestruturado autoaplicável, com a finalidade de fazer uma caracterização do perfil socioprofissional, com questões específicas sobre a vivência, carga horária, turnos de trabalho, se o profissional atua em mais de uma escola e sobre a conduta profissional frente à natureza dos conflitos bioéticos envolvidos na ministração de aulas quando o assunto é fumo ou álcool ou da postura do professor frente a um aluno usuário de tabaco/álcool.

3) Critério de inclusão

Como critérios de inclusão serão considerados aptos a participar do estudo, professores devidamente efetivados nos quadros de funcionários das respectivas instituições de ensino, de ambos os gêneros e que tenham mais de dezoito anos.

4) Critérios de exclusão

Serão excluídos do estudo professores terceirizados ou que não pertençam ao quadro de efetivados, bem como aqueles que se recusarem a participar da pesquisa.

5) Análise dos dados

1. Quantitativos - software EPIINFO 3.03(Center Control Diseases-EUA), com o objetivo de se verificar a existência de associação entre variáveis.

2. Qualitativos - Será realizada uma análise dos dados dos questionários aplicados procurando traçar-se um perfil do usuário do fumo e do álcool. Para tanto, será empregada a análise conteúdo do tipo classificatório: as respostas às perguntas abertas de um questionário, nesse caso, se tomará o conteúdo de forma descritiva e se fará a categorização, o que implica apenas a um baixo nível de teorização. A interpretação deve ser controlada, ou seja, consciente (formulação de hipóteses implícitas, regra de pertinência entre projeção teórica e conteúdo, explicitação dos indicadores que permitem a inferência).

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.227.520

#### 1) Questão ética

Os participantes da pesquisa que concordarem em participar do estudo serão convidados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)".

#### **Objetivo da Pesquisa:**

"Objetivo Primário:

Conhecer a magnitude da ingestão de bebidas alcoólicas e do uso do tabaco por professores de quatro escolas de ensino médio localizados no Plano Piloto, Distrito Federal, conforme citadas a seguir: pública, particular, religiosa e militar. Associado a mensuração de grandeza serão pesquisados os aspectos bioéticos relacionados aos professores usuários e seus conhecimentos da legislação sobre o uso das referidas drogas.

Objetivos Secundários:

- Conhecer o perfil epidemiológico-social dos professores usuários: estado civil, gênero, idade, formação e tempo de serviço, renda familiar, número de empregos, turnos trabalhados e carga horária;
- Conhecer a magnitude do consumo de álcool, tipos ingeridos e doses, assim como os motivos do uso;
- Conhecer a magnitude do uso do tabaco, assim como formas, quantidade e marcas;
- Identificar os aspectos bioéticos envolvidos quando professores fumantes ou usuários de álcool ministram aulas ou respondem perguntas dos alunos envolvendo os referidos temas."

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo o pesquisador:

"Riscos:

Algum professor pode não se sentir à vontade mediante alguma pergunta. Se esse fato acontecer, ele estará livre para não responde-la ou desistir da pesquisa.

Benefícios:

Esse estudo pode ajudar na promoção de políticas públicas, como campanhas ou palestras voltadas exclusivamente para esses profissionais ou encontros com profissionais da área de saúde que poderiam estimulá-los a participarem de grupos de apoio visando o abandono do vício e que os recursos gastos com a aquisição de cigarros ou bebidas alcoólicas poderiam ser utilizados em práticas saudáveis, melhorando sua qualidade de vida. Essa qualidade se refletiria em seu trabalho em sala de aula que seria percebida pelos alunos, influenciando-os de forma positiva a ficarem longe do vício."

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 1.227.520

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de projeto de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Bioética, da Universidade de Brasília, de Edilnete Maria Bessa Bezerra sob orientação do Prof. Pedro Sadi Monteiro.

A pesquisa envolverá quatro instituições de ensino do Plano Piloto, em Brasília: uma militar, uma pública, uma particular e uma religiosa. A pesquisadora também quer investigar se o tipo de instituição pode afetar a prevalência de professores fumantes e usuários de álcool.

O cronograma está exequível. A etapa de "Coleta de dados" é prevista para o período entre 01/07/2015 e 30/10/2015.

Apresenta orçamento no valor de R\$3.356,50, consistindo de computador, impressora, materiais de papelaria, reprografia e gasolina que serão arcados pela própria pesquisadora.

Os participantes assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual a pesquisadora lhes informa que eles responderão a um questionário semiestruturado autoaplicável, com questões específicas sobre a vivência, carga horária, turnos de trabalho, se o profissional atua em mais de uma escola e sobre a conduta profissional frente à natureza dos conflitos bioéticos envolvidos na ministração de aulas quando o assunto é fumo ou álcool ou da postura do professor frente a um aluno usuário de tabaco/álcool. A pesquisadora se põe à disposição dos participantes, oferecendo-lhes um número de telefone para contato. Além disso, se o participante não se sentir à vontade mediante alguma pergunta, ele estará livre para não responde-la ou desistir da pesquisa.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos apresentados e analisados para emissão do presente parecer:

- Informações Básicas do Projeto - "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_330843.pdf 11/09/2015;

Termo de concordância do diretor do Colégio Pódium, Sr. Ismael Leite. Apresenta carimbo do Colégio Pódium. Documento assinado e escaneado, "Termo\_concordancia\_Podion\_carimbado.jpg, e versão doc editável, "Termo\_de\_concordancia\_Podion.doc", ambos postados em 11/09/2015;

- Carta de respostas às pendências apontadas no parecer No. 1.148.975, documento assinado e escaneado, "Carta\_de\_pendencias\_III.jpg", e versão doc editável, "Carta\_de\_pendencia\_III.doc", ambos postados em 08/09/2015.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 1.227.520

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Análise das respostas às pendências apontadas no parecer No. 1.205.185:

1. A pesquisadora informa que a quarta escola é a Escola Pódium. Esta é incluída no projeto da Plataforma como centro coparticipante. No entanto, não apresenta termo de ciência da instituição. **PENDÊNCIA PARCIALMENTE ATENDIDA.**

**RESPOSTA:** Anexamos aos documentos constantes na plataforma o termo de concordância da quarta escola – Colégio Pódium e, como solicitado, acrescentamos nome do Prof Sadi Monteiro na equipe de pesquisa.

**ANÁLISE:** O documento "autorização Pódium.jpg", postado em 23/07/2015, é apresentado. No entanto, embora esteja assinado, o nome do diretor não é informado, tão pouco o carimbo informa ser do Colégio Pódium, mas "ITA – INST. TECNOLOGIA DA APROVAÇÃO LTDA". Solicita-se apresentação do documento observando-se nome e assinatura do diretor da instituição, bem como carimbo de diretor do Colégio Pódium. **PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA**

**RESPOSTA:** Anexamos aos documentos constantes na plataforma o termo de concordância da quarta escola – Colégio Pódium, devidamente assinada pelo seu diretor, o Sr Ismael Leite e carimbada com o carimbo do colégio. Só para efeito de esclarecimento, o carimbo anterior que dizia ser "ITA – Instituto de Tecnologia da Aplicação" referia-se a razão social do colégio Pódion, que é o nome fantasia.

**ANÁLISE:** O documento adequado ""Termo\_concordancia\_Podion\_carimbado.jpg, postado em 11/09/2015, foi apresentado. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2. Quanto ao TCLE:

2.a) Foi explicitada a garantia de ressarcimento e indenização, conforme itens, IV.3, subitem "g" e "h", e IV.4, subitem "c", da Res. CNS 466/2012. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2.b) Foi incluído trecho informando o que é o qual o papel do CEP. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2.c) Foram inseridos dados de contato do CEP/FS (telefone, e-mail, horários de atendimento e endereço). **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2.d) O trecho "O preenchimento não trata nenhum risco ou desconforto..." foi suprimido. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2.e) Houve adequação para o trecho "Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de, no mínimo, cinco anos; após isso, serão destruídos.". **PENDÊNCIA ATENDIDA**

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro  
**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.910-900

**UF:** DF **Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.227.520

2.f) O trecho "Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são possíveis desconfortos devido ao tempo de preenchimento, o que pode ser sanado incluindo-se pausas no preenchimento. Se você aceitar participar, estará contribuindo para ajudar na promoção de políticas públicas, como campanhas ou palestras voltadas exclusivamente para esses profissionais, o que poderia melhorar sua qualidade de vida." Foi adequado para contemplar riscos e benefícios, conforme solicitado. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2.g) O termo "sujeito de pesquisa" foi substituído por "participante de pesquisa" ao longo do texto. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3. Os dados para contato e o nome do professor orientador foram incluídos no TCLE. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

4. o Prof. Pedro Sadi Monteiro não consta como membro da equipe de pesquisa no projeto da Plataforma Brasil. **PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA**

**RESPOSTA:** Anexamos aos documentos constantes na plataforma o termo de concordância da quarta escola – Colégio Pódium e, como solicitado, acrescentamos nome do Prof Sadi Monteiro na equipe de pesquisa.

**ANÁLISE:** A alteração foi realizada. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

Protocolo de pesquisa em conformidade com a Res. CNS 466/2012 e Complementares.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

#### **Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Folha de Rosto	Folha de rosto.jpg	09/09/2014 16:26:46		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto tabaco e álcool em escolas - EDILNETE.docx	18/03/2015 15:11:42		Aceito

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 1.227.520

Outros	Carta de encaminhamento.jpg	18/03/2015 15:13:14		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorização Carmen Salles.jpg	18/03/2015 15:13:32		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorização CEAN.jpg	18/03/2015 15:13:47		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorização CMB.jpg	18/03/2015 15:14:10		Aceito
Outros	Instrumento De Coleta De Dados - anexo III.docx	18/03/2015 15:14:53		Aceito
Outros	Planilha orçamentária - anexo II.docx	18/03/2015 15:15:07		Aceito
Outros	Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Pedro Sadi Monteiro).pdf	18/03/2015 15:15:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - anexo I.docx	18/03/2015 15:16:33		Aceito
Outros	Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Edilnete M B Bezerra).pdf	18/03/2015 15:33:02		Aceito
Outros	termo de responsabilidade e compromisso ASSINADO.jpg	25/03/2015 14:10:18		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - anexo I MODIFICADO.docx	08/06/2015 19:20:51		Aceito
Outros	Carta de pendências assinada.jpg	08/06/2015 19:21:44		Aceito
Outros	carta de pendências II assinada.jpg	23/07/2015 17:50:09		Aceito
Outros	autorização Pódium.jpg	23/07/2015 17:50:52		Aceito
Outros	Carta de pendências II.doc	27/07/2015 19:07:00		Aceito
Outros	Termo de concordância pódion.doc	27/07/2015 19:13:45		Aceito
Outros	Carta_de_pendencias_III.jpg	08/09/2015 10:52:29	EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA	Aceito
Outros	Termo_concordancia_Podion_carimbado.jpg	08/09/2015 10:53:22	EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA	Aceito
Outros	Carta_de_pendencia_III.doc	11/09/2015 12:19:59	EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA	Aceito
Outros	Termo_de_concordancia_Podion.doc	11/09/2015 12:21:25	EDILNETE MARIA BESSA BEZERRA	Aceito

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro  
**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1947

**E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.227.520

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO 330843.pdf	11/09/2015 12:23:45		Aceito
--------------------------------	--	------------------------	--	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 14 de Setembro de 2015

---

**Assinado por:**  
**Marie Togashi**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro  
**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com